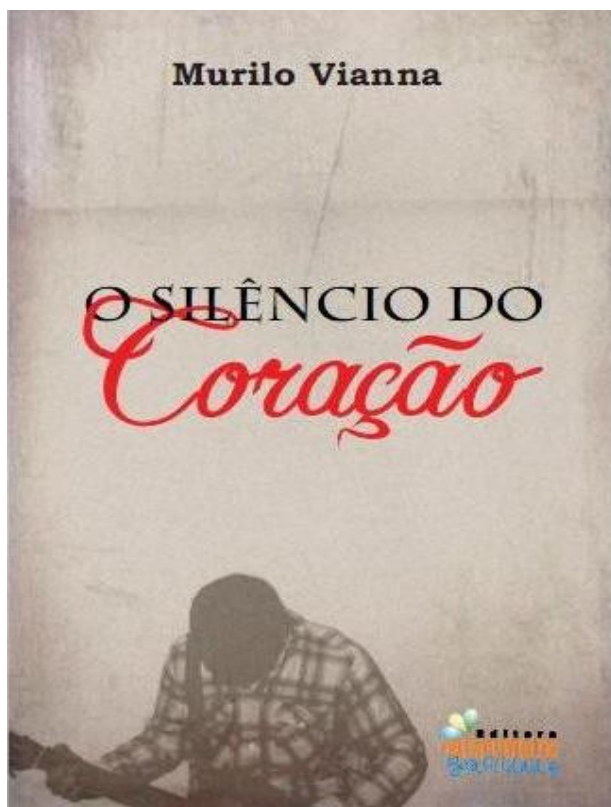


O SILÊNCIO DO CORAÇÃO

de Murilo Vianna





Título: O Silêncio do Coração

ISBN: 978-85-64471-005-4

Editora: Catrumano

Nome do autor:

Murilo de Mello Vianna

Informações para contato:

Celular: (13) 7805-2085

E-mail: murilo_vianna@hotmail.com

PREFÁCIO

Como alguém pode dizer como se deve agir após uma tragédia? A vida não é uma equação matemática em que pegamos todos os elementos e formamos um resultado que sirva de resposta para todas as pessoas que necessitam (e muitas vezes não querem) ouvir o que os outros têm a dizer.

Brandon Browser era uma dessas pessoas que não queria escutar o que tinham a dizer. Ele simplesmente preferia ficar imune de todos os pêsames e lamentações que seus conhecidos estavam oferecendo. Era como se seu pequeno mundo melancólico, rancoroso e depressivo fosse suficiente para confortá-lo pelo resto de sua vida. Como se as variações de cores entre preto, branco e cinza fossem bastante para colorir o seu coração. Não que ele tenha sido realmente culpado quando... bom, tudo o que aconteceu será minuciosamente explicado em seu devido tempo, não vamos apressar as coisas.

É claro que não foi somente Brandon Browser que sentiu a fúria do destino, que chegou como uma onda gigantesca arrebatando nas pedras de um píer. Todo seu círculo de amizade e todos os familiares envolvidos também ficaram envoltos nessa névoa que parecia não querer ir embora. Mas apenas Brandon deixou a plenitude da vida de lado. Largada como uma camisa velha ao pé da cama, a vida que lhe fora proporcionada não tinha o mesmo sentido e, muito provavelmente, nunca voltaria a ser como antes.

Brandon sempre foi uma pessoa com um ótimo humor. Sempre estava fazendo piadas sobre tudo o que era

possível, mesmo em horas que o ceticismo e a seriedade tomavam conta do ambiente. Mas também era uma ótima companhia para conversas com uma forte carga de sentimento e conhecimento. Ele era simplesmente a pessoa certa para todas as ocasiões possíveis. Porém agora, ele não era mais o mesmo. Era apenas uma alma vazia, um fantasma que vagava pelo seu quarto escuro remoendo as profundezas de sua imaginação culpada. Seus olhos cor de mel que regularmente eram confundidos com um tom esverdeado, eram chamativos tanto quanto o olhar de um falcão, mas deixaram ser cobertos pelo seu cabelo comprido, que agora tomava conta da maior parte de seu rosto bonito e delicado. Sua barba também estava por fazer e raramente ele se alimentava da forma que deveria para manter-se saudável, o que deixava seu pai Edward e sua mãe Hilary bastante preocupados. Não era assim que um jovem de vinte e um anos deveria levar a sua vida. Mas quem pode dizer como se deve agir após uma tragédia?

Ele perdeu todo interesse no que antes costumava chamar de passatempo. Brandon não tocava mais sua guitarra, tampouco aparecia nos ensaios da sua banda com Allan Green e David Sanders. A banda se chamava Atlanta e, por sinal, era muito boa. Conquistava todos aqueles que queriam ouvir um bom e velho rock'n'roll. E mesmo sendo formada por apenas três pessoas, Atlanta tinha um som pesado e forte, com o instrumental intenso se contrapondo com a voz doce e melódica de Brandon nos vocais.

O trio se apresentava freqüentemente em Sant Grove, onde moravam. Era uma pequena cidade onde a exploração de madeira era a principal fonte de renda da maioria dos trabalhadores. Tinha pouco mais de dez mil

habitantes, o que tornava os integrantes da banda Atlanta meramente populares. De vez em quando se apresentavam também em cidades próximas, mas isso só acontecia quando havia um cachê suficiente para cobrir a gasolina do carro de um dos integrantes.

É evidente que a banda não conseguia ser a principal fonte de renda de Brandon e do resto dos integrantes. Afinal, seria quase impossível pagar uma conta de luz com a pequena quantia que restava para eles. Por isso, ele trabalhava durante o dia na loja de seu pai Edward. Era uma das maiores – se não a principal empresa de automóveis que havia nos limites de Sant Grove – e era notável que Edward estava progredindo nos negócios e que o auxílio e ajuda do filho eram essenciais.

Tudo estava entrando nos conformes. Brandon e Edward estavam cada vez mais unidos e tocando os negócios adiante. O filho, que agora estava afundando em seus piores pensamentos, outrora estava empolgadíssimo em trabalhar na empresa do pai e continuar com os projetos da banda Atlanta. Ele não precisava se esforçar muito para ter uma vida que daria inveja a qualquer pessoa. Afinal, tinha uma família incrível, ótimos amigos e uma linda namorada.

Sim! Seu nome era Rachel Sawyer. Uma garota de parar o trânsito, com olhos negros e cabelos castanhos ondulados muito bem cuidados que cintilavam como a luz do sol. Sua pele era branca como a neve e tinha estatura baixa, o que fazia transparecer sua feminilidade. Como Brandon gostava de dizer, ela era “a garota dos sonhos”. E quem o visse com Rachel por pelo menos meio minuto, conseguiria jurar que os dois eram feitos um para o outro,

que iriam se casar e envelhecer juntos até que os dois deixassem para sempre as meias de tricô e os programas caseiros.

O casal se conheceu quando os dois tinham apenas dezesseis anos de idade. Após a mãe de Rachel falecer, James Sawyer (pai de Rachel) se mudou com as duas filhas para Sant Grove. A irmã mais velha, Denise Sawyer, tinha acabado de se formar na escola e ingressado em medicina na faculdade de Brunis, por isso, apenas a filha mais nova acabou sendo matriculada na escola onde Brandon estudara por toda a sua vida.

A percepção afetiva aconteceu de forma mútua assim que os dois foram colocados na mesma classe. Como uma reação química, os dois se completaram. E por mais que fossem diferentes como água e óleo, os dois conseguiram misturar seus corações rapidamente. Ninguém poderia negar que eles eram o casal mais adorável de todos. Brandon com seu bom humor imbatível e Rachel com sua tímida e atraente seriedade.

Mas diferente da maioria de alguns casais, eles não se prenderam em uma relação amorosa excludente. Pelo contrário, Brandon e Rachel eram sociais e sempre faziam programas com seus amigos. Talvez um bar, uma discoteca com músicas eletrônicas ou um show de rock – onde, na maioria das vezes, a atração principal era a banda Atlanta. De qualquer forma, a cidade de Sant Grove, apesar de pequena, sempre apresentava alguma coisa para se fazer, independente do dia. Brandon costumava gostar muito de sua rotina, até mesmo quando teve de comparecer às breves aulas na faculdade, após terminar o colégio.

Brandon e Rachel tinham os gostos profissionais muito parecidos, apesar de serem bem diferentes. Mas como já diz o ditado: “Os opostos se atraem”, Brandon e Rachel se atraíram mais uma vez pelo curso de Direito, resolvendo assim, cursar a faculdade local de Brunis, já que os dois não queriam deixar a cidade e ficar longe de seus familiares. Sem falar que Denise poderia instruir os dois e tornar a vida acadêmica deles muito mais fácil – como realmente foi. Rachel foi quem se adaptou melhor em relação às notas, mas isso não tira nenhum mérito de Brandon, pois suas tarefas na empresa de Edward tinham começado a crescer, até chegar um ponto em que ele não conseguiria mais conciliar o trabalho com a faculdade. Optou então, por ficar com seu pai nos negócios da família Browser.

- Brandon – dizia Rachel com seus olhos negros olhando para baixo. – eu vou entender se você não quiser ficar comigo na faculdade.

Mas é claro que não era esse o pensamento de Brandon e Rachel sabia disso. Nunca uma coisa dessas iria acontecer. Rachel era a pessoa certa para Brandon e isso também era recíproco. Mas ela costumava ter crises de “preciso me inferiorizar para Brandon me supervalorizar” e geralmente, esse era o motivo da maior parte das brigas que ocorriam entre eles, que não eram muitas.

Brandon sentiria muita falta disso e de todas as outras coisas que nunca voltariam.

Em todo o caso, o resto do mundo parecia estar se emergindo novamente após a aquela amarga tragédia. Apenas Brandon fazia questão de ficar ali preso, como se não existisse saída. Talvez algumas pessoas o julguem

covarde, talvez outras acreditem em seus reais sentimentos e creiam que não teria como ele se renovar e continuar com sua antiga vida.

CAPÍTULO 1

O telefone toca naquela manhã com pouca umidade na cidade de Sant Grove.

Brandon está deitado na cama de seu quarto, no segundo andar de sua singela casa localizada na Rua Walter Mountback. Ele abre seus olhos vagarosamente e imagina “por que raios de motivo eu decidi vir morar sozinho?”. Se existe uma coisa que ele realmente odeia, é que alguém interrompa seu sono, principalmente se ele estiver sonhando com algo bom e satisfatório. Mas ele tinha plena consciência de que o telefone não iria ser atendido sozinho.

Levantando-se com seu pijama azul-marinho listrado, Brandon segue dando passos pequenos e preguiçosos até a escrivaninha anexada à parede, com alguns livros, seu notebook e o telefone que agora parecia o objeto mais detestável de toda sua casa. Eram exatamente 09h02, ou seja, muito cedo para Brandon naquele sábado que aparentava muito ser um domingo monótono.

Na noite anterior Brandon e Rachel tinham ido à casa de Lilian Brooke – melhor amiga de Rachel. Lilian era alta como um goleiro de futebol, com cabelos loiros e olhos verdes. Ela tinha estudado com Brandon e Rachel no colégio e sempre apoiou o relacionamento dos dois (como fazia a maioria das pessoas). Agora, Lilian trabalhava como modelo em uma agência local e o motivo de ter convidado os dois para comparecer em sua casa na noite passada, fora justamente para comemorar uma matéria que o jornal do estado tinha feito com ela.

Incluídos na pequena festa, também estavam Allan e David, o que ocasionou em um pequeno concerto acústico da banda Atlanta na residência de Lilian. É óbvio então, que tal comemoração não terminou antes do início da madrugada, muito pelo contrário. Assim, naquela hora da manhã, era impossível cogitar quem poderia estar querendo falar com ele tão cedo.

- Alô – Brandon atendeu o telefone com uma voz preguiçosa, enquanto pensava quando ele finalmente poderia voltar para sua cama. – quem fala?

- Aqui é Johnny Dallas... – falou o indivíduo do outro lado da linha.

Brandon continuou em silêncio, para mostrar que ele não fazia a mínima idéia de quem era a pessoa que estava falando, ou melhor, demonstrando seu desconforto por tê-lo acordado de seu prazeroso sono.

- Você é Brandon Browser, certo? – perguntou o tal Johnny. - eu estou organizando um show beneficente aqui na cidade de Fordville e, bom... – ele tentou achar as palavras certas em menos de um segundo – gostaria de saber se sua banda poderia tocar – completou o indivíduo, fazendo com que Brandon agilizasse seu raciocínio preguiçoso.

- Cara... eu preciso falar com o pessoal da banda. – disse Brandon.

E é lógico que ele precisava. A banda Atlanta tinha essa regra entre os integrantes: nada será confirmado antes de total aceitação entre todos. Brandon não poderia simplesmente aceitar qualquer convite que chegasse, mesmo que ele fosse um grande fã de eventos beneficentes.

- Certamente! – Johnny respondeu a Brandon, passando seu número de contato e mais algumas informações que poderiam ser necessárias. – Mas assim que você tiver uma resposta, me ligue para acertarmos todos os detalhes.

Brandon concordou.

A banda Atlanta já estava há um mês sem fazer shows, então Brandon acreditou que David e Allan concordariam com tal proposta, contanto que houvesse cachê suficiente para a gasolina e estadia dos integrantes, já que o concerto seria realizado numa cidade a pouco menos de duas horas de distância de Sant Grove. Mas agora não era hora de pensar em todos esses fatores. Se desligando de todas as hipóteses de “o que será que eles vão dizer?”, Brandon voltou para sua cama e tentou dormir novamente.

Duas horas depois ele já se levantara para um novo dia de sua vida.

Ainda com seu pijama predileto, desceu até a pequena cozinha que ainda estava sendo decorada por sua mãe Hilary. Ele apenas queria um espaço simples para ter suas refeições. Mas Hilary – como a maioria das mulheres que não trabalham fora de casa – é viciada em todos os utensílios para decoração e dedica a maior parte do seu dia procurando o que poderia deixar a casa de seu filho impecável. Hilary Browser é uma mulher de cinquenta e três anos de idade, tem a pele branca, cabelos castanhos, olhos verdes e uma altura normal para uma mulher. Não é uma mulher de meia idade que chamaria sua atenção na rua, mas seus cuidados e sua atenção com as pessoas são bastante notáveis. Ela simplesmente gosta de deixar tudo

em sua melhor forma possível e uma dessas coisas era a moradia que Brandon tinha acabado de conquistar.

Brandon sabia que em poucas horas, sua mãe chegaria à sua casa com seu pai Edward a fim de fazer um café da tarde com algumas rosquinhas compradas na loja de conveniência do posto de gasolina ao lado de sua casa. Sendo assim, ele sabia que tinha de tomar seu cereal matinal com leite e informar seus parceiros de banda sobre a possibilidade de um show, antes que Hilary chegasse com sua obsessão de reunião familiar que aconteciam todos os sábados e domingos.

Brandon abriu a geladeira e procurou, como um animal faminto, alguma fruta que pudesse estar escondida entre a salada do dia anterior, dois refrigerantes que tomavam conta da maior parte superior da geladeira e mais algumas coisas essenciais na sua vida, como queijo, presunto e mais produtos que não são recomendados caso você esteja querendo emagrecer. Mas Brandon já era magro o suficiente e, mesmo se quisesse, nunca conseguiria ficar de dieta, já que ele adorava comer. Porém, dessa vez, ele teria de conter sua gula, pois não havia nenhuma fruta deixada ao acaso para acompanhar seu cereal com leite – e isso realmente o deixou irritado.

Após terminar a sua modesta refeição, subiu as escadas de corrimões largos de madeira e se dirigiu ao banheiro. Outra mania de Brandon, ou melhor, outra parte de sua rotina diária, era tomar banho após seu café-da-manhã. Ele simplesmente não conseguia evitar ficar se sentindo sujo após uma boa noite de sono. Era como se seu corpo clamasse pelo toque de água gelada. Mas ele já tinha planejado que, assim que terminasse, iria ligar para Allan e

David e falar sobre a possibilidade de um show da banda Atlanta.

*

Tudo já tinha entrado nos conformes e ficado do jeito que Brandon desejara. Ele voltou ao telefone que horas atrás o tinha impedido de dormir mais um pouco e discou pausadamente o celular de Allan Green.

Brandon havia conhecido Allan quando era apenas um garotinho de sete anos. Os dois eram vizinhos e costumavam jogar baseball com outros garotos do bairro na rua onde moravam. Quatro anos depois, Allan se mudaria para outra rua que ficava mais de vinte minutos de caminhada de onde os dois se conheceram. É lógico que isso não foi capaz de separar os dois rapazes que eram fiéis aos esportes de rua e às corridas de kart que aconteciam todas as quintas-feiras de noite. Sem mencionar que os dois não se desgrudavam durante toda a semana.

Allan Green parece um soldado que está prestes a ir para a guerra. Ele tem cabelos raspados e olhos verdes, é alto (mas não tanto quanto Lilian) e tem uma pequena cicatriz logo abaixo de seu olho esquerdo. Allan também é um ano mais velho do que Brandon, o que talvez tenha criado certa influência sobre o melhor amigo.

Quando Allan comprou seu primeiro cd do rock, mais precisamente o álbum *In Utero* da banda Nirvana, Brandon chegou com o mesmo cd poucos dias depois. É claro que ocorreu uma pequena discussão sobre quem gostava mais de Nirvana, mas esta foi uma disputa em que não houve vencedor ou perdedor. Os dois ficaram

admirados com a qualidade musical daquela banda, mesmo contendo uma diferença muito pequena de acordes e melodias nas canções que eram compostas por Kurt Cobain. Eles sabiam que aquela banda era especial. O desejo por música de Allan e Brandon começou a nascer a partir daí. Eles sabiam que precisavam montar uma banda.

No mesmo natal daquele ano, Brandon ganhou uma guitarra *Fender* de seu pai Edward e começou a praticar todos os dias. Allan também já havia comprado seu contrabaixo com o dinheiro que havia guardado da mesada e então, em um curto espaço de tempo, os dois começaram a tocar juntos suas músicas prediletas do Nirvana e de outras bandas com que eles se identificavam.

Era evidente que os dois tinham uma sintonia muito forte, tanto musicalmente quanto em questões de amizade. Mas logicamente, era impossível formar uma banda com apenas dois integrantes – pelo menos impossível com apenas uma guitarra e um contrabaixo. Os dois sabiam que era necessário pelo menos mais uma pessoa.

- Cara – Allan falava freqüentemente. – como nós vamos arranjar um baterista para nossa banda?

Era como se Allan perguntasse para uma parede. Pois Brandon não fazia a mínima idéia. Nem mesmo conhecia alguém que tinha os mesmos interesses musicais que eles. Não bastava simplesmente eles chegarem para qualquer ser humano e perguntar “Ei, você quer tocar bateria em nossa banda?”. Precisavam ter calma, tudo aconteceria em seu devido tempo.

O tempo é uma coisa engraçada... uma hora Brandon e Allan se preocupavam excessivamente em ter

um baterista para acompanhá-los, agora que o tinham, estavam afastados dos palcos. Entretanto, Brandon sabia que essa situação poderia se inverter – ele esperou euforicamente o telefone tocando.

- Alô! – atendeu Allan naquele momento.

- Ainda bem que você atendeu essa porcaria. – falou Brandon com certa impaciência. – achei que você iria me deixar plantado aqui o dia inteiro esperando você atender.

- Brandon, o que você quer? – perguntou ele de uma forma mais impaciente do que Brandon perguntara segundos antes. – eu estou almoçando com uma fã... e parece que depois daqui vamos para o Lugar Proibido. – sussurrou ele ao telefone, maliciosamente.

O Lugar Proibido – como apenas Allan gostava de chamar – era um tipo de “ninho do amor” que o mesmo usava para levar suas fãs. Não que a banda Atlanta tivesse um número grande de *groupies*, mas Allan fazia questão de se relacionar afetivamente com qualquer garota que demonstrasse o mínimo de interesse sobre ele.

- Então fale para essa nossa fã que a banda Atlanta vai tocar em Fordville! – falou Brandon, exagerando em sua carga de confiança.

Sem entender direito o que Brandon havia falado, Allan o questionou sobre tal afirmação.

- É isso aí – continuou Brandon. – um tal de Johnny Dallas me ligou hoje falando sobre um show beneficente... e acredito que ele vai pagar todas as despesas com gasolina, estadia, você sabe... não vamos precisar de nos preocupar com nada.

É lógico que ainda tinham de perguntar a David se seria possível a banda se apresentar no dia do evento. Allan e Brandon não precisavam de mais nada além de uns instrumentos afinados para se divertir e, é lógico, que Allan aceitaria a proposta assim que a ouvisse. David, por outro lado, era o integrante que mais apresentava problemas em termos de horários disponíveis para ensaios e shows que a banda poderia fazer. Ele estava cursando Medicina – assim como Denise – e sempre tinha de estudar ou fazer alguma pesquisa para não tirar notas baixas. Brandon e Allan não se importavam com a austeridade de David nos estudos, aliás, nenhum dos três tinha a verdadeira intenção de levar a banda como uma verdadeira profissão. Então, sempre apoiavam as decisões que qualquer integrante da banda tomava. Sem mencionar que David era um ótimo baterista e dava um peso descomunal nas músicas da banda Atlanta – mesmo sendo uma pessoa pequena e magra de cabelos penteados para o lado. Allan até tinha inventado um apelido para David que não teve sucesso entre a turma, mas de vez em quando, ainda fazia questão de chamá-lo de Robin, pois ele parecia muito com o coadjuvante do Batman.

- Você sabe que nem precisava ter me perguntado – Allan explicou. – pois eu topo... vamos arrebentar!

- Ótimo!

- E pode deixar que eu falo com o garoto prodígio. – disse Allan com seu humor barato.

Os dois desligaram e Brandon ficou pensando que Allan, naquela circunstância, começaria a se gabar para a garota com quem ele estava, falando sobre seu show em outra cidade. Não que isso significasse algo importante,

mas Allan sempre enfatizava os acontecimentos para que as garotas pudessem pensar que ele era um músico que já havia tocado pelos quatro cantos do país.

Minutos depois David ligou para Brandon. Os dois tiveram uma breve conversa sobre o show e David disse que estava tudo certo para a apresentação da banda Atlanta, se eles não tivessem de dormir em um banco de uma praça qualquer em Fordville, é claro.

Brandon estava empolgado, como já era de se esperar. Ele estava sentindo saudades de ficar sob holofotes e fumaças de palco que ofuscassem sua visão sobre a platéia contagiante. Era uma ótima sensação para uma pessoa que ama adrenalina – e Brandon a amava.

CAPÍTULO 2

Tudo já estava devidamente organizado para o show. Além da banda Atlanta, aconteceria o show de mais duas bandas – que por sinal, já tinham dividido o palco com Brandon, Allan e David em alguns shows locais – exposições de arte espalhadas pelo local do evento e grupos de dança e teatro fazendo suas apresentações. O evento beneficente que lutava pelo combate à fome nos subúrbios aconteceria no final de semana inteiro, começando no final de tarde de uma sexta-feira e terminando apenas na noite do domingo. A banda Atlanta tocaria no sábado, depois da apresentação de um grupo teatral, tendo entrada gratuita para os integrantes da banda e seus convidados, em todos os dias do evento.

Então, por que não convidar Rachel? – Brandon se perguntou. Aliás, eles poderiam aproveitar um final de semana diferente em Fordville, o que poderia ser bem divertido e romântico.

A única viagem que Brandon havia feito com Rachel, tinha sido há dois anos quando Edward teve de comparecer a uma palestra em uma pequena cidade ao lado de Nova Iorque para falar sobre empresas emergentes. Aproveitando a oportunidade, a família Browser não hesitou em comprar passagens de avião para Rachel, que era considerada uma filha mais nova para Edward e Hilary. Era uma ótima programação, já que levaria poucos minutos de táxi do lugar da palestra até o centro da cidade que não dorme. Era um pedido irrecusável para Rachel e uma oportunidade incrível para Brandon. Aliás, ele poderia aproveitar a viagem para conhecer lugares novos

ao lado da pessoa que mais importava em sua vida. E, quem sabe, isso poderia acontecer novamente agora, na cidade de Fordville.

É lógico que não há como fazer comparações entre a gigantesca Nova Iorque e a pequena e humilde Fordville. Mas, para quem está querendo aproveitar a companhia da amada, o lugar não importa – desde que tenha um ótimo restaurante à luz de velas para o casal fazer juras eternas de amor.

Mas o convite à Rachel teria de esperar. Pois Edward e Hilary tinham acabado de chegar para o chá da tarde na casa de Brandon. Hilary estava carregando uma sacola com pequenas luminárias e Edward segurava com as duas mãos um enorme bolo de cenoura que sua esposa havia feito na noite passada.

- Já preparou o café? – perguntou Edward com seu bom humor, quando fora atendido.

- Boa tarde para vocês também. – disse Brandon.

Após beijar e cumprimentar o filho, Hilary foi logo ajeitando as almofadas do sofá que ficava na sala, de frente para a televisão de quarenta polegadas que Brandon comprara duas semanas antes. A sala ainda estava um pouco vazia. Fora a TV e o sofá, havia apenas uma pequena mesa que comportava apenas quatro pessoas e suas respectivas refeições.

- Quando você vai pintar essa parede? – perguntou Hilary, perdendo seu olhar ao redor da residência.

- Começou... – Edward disse, debochando da boa vontade de sua mulher.

A campainha tocou antes que Hilary pudesse intervir e retrucar o humor de seu marido falastrão.

Brandon foi atender quem quer que fosse.

- Olá família! – disse Rachel ao entrar pela porta principal com um sorriso radiante.

- Olha quem apareceu para o chá da tarde... – Hilary disse entusiasmada, colocando os pratos e talheres na mesa, enquanto Edward ligava a televisão no jogo de baseball.

Rachel cumprimentou com um abraço afetivo todos os que estavam presentes na casa de Brandon, depois ajudou Hilary a preparar a mesa, como ela sempre fazia.

- Eu achei que você iria ao cabeleireiro hoje de tarde. – falou Brandon enquanto fixava seu olhar no belo rosto de Rachel.

- Cancelei o horário – Rachel falou, dobrando os guardanapos de pano. – Não estava com vontade de ficar no salão durante horas... acordei mal humorada.

Brandon engoliu seco. Ele sabia que quando Rachel não estava de bom humor, sua vida se tornava um inferno, no bom sentido. Sua namorada simplesmente ficava sem disposição para fazer as coisas, o que fez Brandon repensar se seria uma boa hora de comunicá-la sobre uma possível viagem a Fordville. Mas desobedeceu a seus pensamentos profundos e seguiu em frente mesmo assim.

- Eu tenho uma coisa bem legal para falar... e que talvez possa melhorar o seu ânimo – Brandon disse pausadamente, esboçando um sorriso torto. – fomos convidados a tocar em Fordville em um evento beneficente.

- Então quer dizer que vocês vão voltar a fazer shows? – Edward perguntou no mesmo momento em que o time Seattle Mariners fez um *home run*.

A maioria dos empresários com certeza não ficaria contente se um de seus empregados faltasse no trabalho. Mas Edward era bastante temperamental e também acreditava que o talento do filho como músico deveria ser mostrado, principalmente se fosse por uma causa que ajudaria os necessitados, como ocorreria no show de Fordville. Sem mencionar que o trabalho de Brandon na empresa de automóveis não era algo que deveria ser resolvido com urgência, muito pelo contrário, ele poderia ficar uma semana sem comparecer no estabelecimento comercial, porém, teria que arcar com sua função acumulativa quando voltasse. E para confortar mais sua mente, o concerto seria no sábado, então, nada de preocupações.

- Vamos! – disse Brandon.

- O que você acha de...

- Ir junto comigo? – Brandon interrompeu enquanto Rachel ainda elaborava sua frase.

Edward e Hilary se entreolharam e sorriram. Eles simplesmente adoravam ver seu filho cego de tanto amor. Era como se eles conseguissem enxergar a si próprios no tempo de adolescentes.

- Bom... eu terei que falar com James – completou Rachel – mas acho que não terá problema, meu amor.

James Sawyer era um homem de cinquenta e quatro anos de idade, com cabelos curtos cacheados e um volumoso bigode, fazendo-o parecer um homem austero e rancoroso, na maior parte do tempo. Mas ele tinha uma

boa relação com Brandon, pois sabia que aquele garoto era o melhor para a sua filha Rachel. Depois que sua esposa Angelina faleceu por causa do câncer, James teve o trabalho duplo de criar as filhas como pai e mãe, conciliando ao mesmo tempo seu trabalho na transportadora de madeira. Ele era muito apegado a Denise e Rachel, pois era a única família que lhe havia restado e as pessoas que ele mais amava. Mas de certa forma, também era uma pessoa com pensamentos liberais (quando sabia que Rachel estava sob os cuidados de Brandon).

- Acho que seu pai não terá problemas com isso. – Brandon disse exaltando sua felicidade.

- É... acho que não – Rachel continuou. – Mas de qualquer forma, vou perguntar e te aviso. Tudo bem meu lindo mais lindo de todos? – Rachel disse em uma voz idiota, mas completamente normal para pessoas apaixonadas.

Brandon abriu um enorme sorriso, assentindo com a cabeça.

- Venham comer! – exclamou Hilary posta a mesa, interrompendo os olhares apaixonados de Brandon e Rachel.

Todos se levantaram, sentaram à mesa, colocaram café na xícara e degustaram um delicioso pedaço de bolo de cenoura com cobertura de chocolate.

Quando terminaram, Brandon levou Rachel para sua casa em seu Jipe preto. Ele entrou para mandar saudações a Denise e James. Depois de completar tudo o que queria fazer, tomou um copo d'água e foi embora para

sua casa. Ele ainda tinha de decidir os detalhes do show e treinar um pouco em sua guitarra *Fender*.

A alegria de Brandon era contagiante.

*

Já estava tudo agendado. Rachel iria com Brandon para Fordville e Allan iria de carona no carro de David. Johnny Dallas arranjou um pequeno hotel para os integrantes da banda passarem as noites no final de semana em que eles se apresentariam. Importunado com tal proposta, Brandon achou melhor ficar no Hotel Del Mare, para ter dias mais agradáveis com sua namorada Rachel Sawyer.

É lógico que ele apenas não ligou para o local e agendou sua estadia sem saber todas as procedências. Brandon era um cara esperto. Checou minuciosamente todos os detalhes do hotel pela internet. E soube então, que seria o local perfeito para passar o fim de semana com Rachel. Allan e David certamente não se importaram com a decisão de Brandon. Como poderiam? Só assim, sobraria mais espaço e conforto para os não menos importantes da banda. Sem falar que seria o “casado da banda” – como eles gostavam de chamá-lo – que estaria fora, então eles poderiam muito bem fazer uma festa íntima com qualquer garota liberal que eles pudessem encontrar no show.

- Acho que você nunca deu uma notícia tão boa para nós durante seus vinte e um anos de vida. – disse Allan com a felicidade esboçada em seu rosto, enquanto conversava com Brandon.

- Eu sei que vocês irão sentir minha falta.

- Nós não vamos. – completou David firmemente.

E com certeza não iriam mesmo, exceto é claro, se Brandon faltasse no show da banda em Fordville. Mesmo com o peso da batida de David e a imagem de cara barra pesada de Allan, não há como negar que Brandon era o mais notável e o mais querido pelas garotas (mesmo que elas nunca fossem ter uma chance com o ele).

O evento beneficente em Fordville aconteceria na semana seguinte. Sendo assim, os integrantes da Atlanta resolveram adiar a gravação de sua nova canção, para que eles pudessem ensaiar e fazer o melhor concerto possível. Os ensaios da banda raramente demoravam mais de uma hora. E como aconteciam nos dias de semana, os integrantes tinham de ajustar seus respectivos horários para poder ensaiar nos intervalos entre trabalho, faculdade e outras funções que cada um possuía.

A família de David tinha um galpão que outrora era usado como loja de flores. Mas a pessoa que costumava alugar o recinto tinha se mudado para uma cidade fora do estado. Então, enquanto os pais de David não arranjavam mais uma pessoa para alugar o galpão, a banda Atlanta o utilizava para seus “ensaios” – se é que pode se chamar assim, já que geralmente tinha mais de cinco pessoas assistindo. Rachel sempre ia com Lilian (que era alvo das cantadas sem sucesso de Allan) e sempre havia alguns amigos ou amigas de Allan e David. Era como um pequeno show privado.

Em contrapartida, naquele primeiro ensaio para o show em Fordville, somente os integrantes da banda participaram. Eles queriam fazer uma surpresa para todos os espectadores, pois tocariam uma música inédita, que

acreditavam ser uma das melhores que eles já haviam criado até então. Brandon escrevera essa música e usara Rachel Sawyer como sua musa inspiradora. Era uma canção muito bonita de fato, que começava com acordes lentos ao som do violão, mas que ganhava força gradativamente até chegar no estribilho do refrão com a voz de Brandon dando uma emoção muito verdadeira. “Essa música vai fazer as pessoas lacrimejarem” – brincava Brandon com seus companheiros de banda. Mas talvez essa brincadeira tinha um fundo de verdade que Brandon jamais poderia imaginar.

Eles repetiram aquela música dedicada a Rachel naquele fim de tarde de segunda feira por pelo menos umas cinco vezes. A banda queria deixar tudo milimetricamente perfeito, para que ela sáísse da melhor forma no concerto. Aquele seria o dia em que Brandon apresentaria essa música a todos, mas em especial, a uma pessoa: Rachel Sawyer. Porém, além de tudo, a música não seria entregue sozinha, junto viria algo muito mais importante – um anel de ouro para toda a vida.

Ninguém (além de Edward e Hilary) sabia que Brandon tinha um segundo plano para aquela noite. Pois se soubessem, o ouvido de Brandon entraria em chamas por causa de tantos “você vai se arrepender” que ele escutaria. É claro que ele estava nervoso com toda essa situação, mas Brandon estava certo – ele queria que Rachel carregasse o sobrenome Browser junto dela. Os dois ainda eram novos, mas já tinham uma opinião formada sobre família e casamento. Sem mencionar que Brandon já estava crescendo nos negócios com seu pai e já tinha até sua própria casa. Bastava agora, uma companheira para dividir

sua vida. E ele já sabia: Rachel era a pessoa certa para ele se casar e passar o resto da vida.

CAPÍTULO 3

A casa onde Rachel, Denise e James Sawyer moravam era muito bonita em relação às casas vizinhas. Do lado de fora da casa, um grande quintal vivo repleto de flores e plantas chamava a atenção de qualquer criança curiosa que passasse por lá. Por dentro, três andares construídos pelo dinheiro da transportadora de James mostravam a qualidade de vida que era possível ter trabalhando nesse ramo em Sant Grove. O segundo e terceiro andares davam espaço para quartos, banheiros e um escritório que James usava para pesquisar o andamento de seus negócios, o fluxo mercantil de madeira e qualquer outro assunto de sua preferência. No primeiro andar, havia uma sala que continha uma televisão, uma mesa de mármore com alguns detalhes esculpidos e ao lado, um enorme sofá capaz de suportar cerca de seis pessoas, sem mencionar os quadros com paisagens de lugares, fictícios ou não, que James adorava. A cozinha, que ficava logo ao lado, era de certa forma exagerada para uma família de três pessoas, que raramente eram consumidas pela gula, exceto é claro, quando Brandon ficava para o almoço, já que ele adorava o toque especial que James Sawyer punha nos alimentos. O pai de Rachel era um ótimo chefe de cozinha e sempre fazia questão de cozinhar para os convidados.

Mas naquele dia em especial, Brandon não estava indo à casa da família Sawyer para provar uma nova receita de James. Era para algo muito superior a isso: Brandon queria saber se James aprovaria que sua filha se

tornasse esposa de uma pessoa que estaria sempre ao seu lado, nas horas boas e nas ruins.

Brandon estacionou seu Jipe ao lado da caixa de correio da família. Seu coração estava batendo tão rápido e tão forte que por um breve momento achou que iria sair do seu peito e pular através de sua boca. Ele estava tremendo, pois sabia que, por mais que James confiasse plenamente nele, seria difícil ele abrir mão de sua filha mais nova. Mas essa era a verdadeira vontade de Brandon. Ele já tinha planejado tudo nos mínimos detalhes - naquela hora do dia, Rachel e Denise tinham saído para fazer compras no shopping que ficava no meio da estrada, a dez minutos de Sant Grove (como elas haviam informado que fariam). Então, só seria Brandon e James, como um duelo do Velho Oeste.

A campainha tocou.

James abriu a porta.

- Oi Brandon - disse James ao vê-lo parado na entrada de sua casa. - As meninas foram para o Golden Market.

- Eu sei, mas o que eu queria mesmo era falar com o senhor. - ele disse passando a mão em seus cabelos.

James abaixou sua sobrancelha pensando o que aquele garoto gostaria de dizer a ele. Mas todas as pequenas possibilidades que passaram por sua cabeça seriam jogadas fora por completo após a grande surpresa que estaria por vir.

- Lógico filho - respondeu James. - entre, por favor.

Brandon entrou e se sentou no sofá de frente para a televisão que estava ligada, passando as notícias regionais do dia.

- Você parece nervoso. – continuou James sem notar que a preocupação de Brandon era muito maior do que ele poderia imaginar.

Brandon assentiu com a cabeça olhando para aquele homem que agora parecia intimidá-lo. E de fato estava. Parecia muito mais fácil tocar guitarra e cantar da forma mais sincera possível para milhares de pessoas do que enfrentar um único homem de meia idade com olhos fortes e chamativos.

- Para falar a verdade... eu estou bem nervoso. – disse Brandon desviando seu olhar.

James não falou nada. Apenas foi até a cozinha e trouxe uma jarra com suco de laranja que acabara de fazer e dois copos de vidro. Parecia estar calmo, mas seus pensamentos explodiam em pedidos e desejos para Deus. Ele não queria escutar algo como “Rachel está grávida”.

- O que houve? – perguntou a Brandon, após se sentar no sofá e tomar um gole de seu suco.

Por alguns segundos, o homem que deveria falar sobre a futura proposta de casamento, virou um garoto indefeso que tremulava todas as partes de seu corpo. Mas ele sabia que não poderia ficar ali imóvel sem fazer o que tinha de fazer, então respirou fundo e deixou as palavras saírem de sua boca, levando-as como o vento faz com as folhas secas de outono.

- Senhor Sawyer – falou Brandon. – eu gostaria de ter a permissão para pedir sua filha, Rachel Sawyer, em casamento.

Instantaneamente, James começou a rir, como se aquilo fosse uma piada contada por um palhaço de circo. Porém, seu sorriso foi cessando gradativamente até ele se

tornar uma pessoa completamente séria. James agora sabia de que Brandon tinha sido sincero em cada palavra.

- Ma... – sua voz vacilou repentinamente. – mas... casamento? – ele perguntou num tom de voz desesperado, sem acreditar no que seus ouvidos tinham escutado.

- Senhor... eu tenho certeza de que sua filha é a pessoa certa para mim.

James balançou a cabeça. Esse movimento seria repetido também por todos seus amigos e colegas caso Brandon contasse que estava pensando em se casar. Não que achassem que ele e Rachel não formassem um belo casal (pois isso seria idiotice), mas por achar que a vida ainda guardava muitas surpresas para pessoas tão jovens como eles.

- Eu não tenho dúvidas disso Brandon – falou James. – mas não acha que você e Rachel são muito jovens para se casar?

- Talvez sim, talvez não... acho que o amor não tem idade certa – Brandon respondeu. – porém, eu sei o que é certo. É o meu amor pela sua filha... eu quero passar a minha vida inteira ao lado dela e sei que estou fazendo a coisa certa.

Ele agora estava confiante. Por mais que James achasse que aquilo não era o correto a se fazer, Brandon não desistiria mesmo que fosse proibido e James tinha percebido essa ambição naquele garoto.

- Brandon... você acha que eu gostei disso? Não! Eu não gostei – James falou com um olhar firme. – Mas se você quer a minha permissão, você terá.

Brandon sorriu sutilmente. Deu um gole em seu suco e apertou firmemente a mão de James.

- Eu não vou te desapontar, senhor.

- Eu sei que não vai. – James falou sorrindo. Ele sabia que Brandon era uma pessoa de boa família e que nunca decepcionaria sua filha.

Agora ele já poderia ir embora. Parte de sua missão já estava completa. Mas o mais difícil ainda estava por vir.

O pedido.

Imagens passavam correndo como um trem bala pela sua cabeça, pensando como seria o futuro dali pra frente – ele vivendo junto com a pessoa que transformava sua vida em um jardim de rosas, dormindo ao lado dela todos os dias e quem sabe, em alguns anos, construir uma bela família.

Edward e Hilary o esperavam na frente de sua casa como se fossem duas crianças aguardando pelo presente de Natal. Eles sabiam que Brandon iria falar com James e queriam, mais do que nunca, saber se o filho deles iria se tornar um homem por completo. Seria um passo enorme em sua vida e na vida de sua futura esposa. Pois não seria apenas felicidade que os dois teriam de enfrentar. Iriam ter tempos difíceis, responsabilidades e todos os outros fatores que o casamento traz. Mas os pais de Brandon sabiam que seu filho estava preparado para enfrentar qualquer coisa, desde que fosse do lado de Rachel Sawyer.

- E então... o que ele disse? – perguntou Hilary enquanto Brandon ainda saía de seu Jipe.

- Vocês não acham que são muito ansiosos? – ele perguntou para seus pais.

- Fale logo – Edward disse. – eu sei que James ficou feliz com o que você pediu.

- Bom... feliz ele não ficou – disse Brandon, fingindo uma cara entristecida, deixando seus pais aflitos. – mas ele falou que me dá total permissão de casar com Rachel.

Hilary e Edward fizeram um “aaaaaahhhhhh” para expressar a felicidade que eles estavam sentindo e o abraçaram no mesmo instante. Os dois já tinham alertado que não seria fácil abdicar de toda a sua juventude, mas que ele teria sempre o apoio e suporte de seus pais em qualquer hora que precisasse.

- Acho que isso pede por uma comemoração. – Hilary falou alegremente.

- Calma mãe! – pediu Brandon – Rachel ainda nem aceitou o meu pedido de casamento... ela nem sabe nada sobre isso ainda.

Mas o pedido não demoraria pra acontecer. Em poucos dias, o evento beneficente de Fordville teria no palco muito mais do que uma banda de rock moderadamente agressiva. Teria um compositor e músico apaixonado que estava pronto para conceder seu coração para sempre. Brandon não conseguia parar de pensar na reação de Rachel quando soubesse, diante de toda aquela multidão. Ela era uma garota tímida na maior parte do tempo e, aceitar um pedido de casamento na frente de muitas pessoas, não seria uma tarefa fácil.

Logo após a notícia, enquanto Brandon ainda radiava sua felicidade, Edward e Hilary entraram em sua casa e por ali, permaneceram por três horas. Edward ficou assistindo seu canal de esporte predileto e Hilary limpava e arrumava a casa obsessivamente. Os dois só saíram de lá quando Rachel ligou avisando que passaria para os dois

assistirem um filme que ela havia alugado na locadora perto de sua casa, enquanto ela e sua irmã voltavam do shopping. Hilary e Edward sabiam que ele não iria pedir a mão dela naquele momento. Eles tinham certeza de que Brandon prepararia algo muito romântico para tal ato, mas apenas queriam deixar os dois a sós aproveitando a companhia dos mesmos.

- Até mais filho. – Edward disse depois de beijar as bochechas rosadas de Brandon.

- Qualquer coisa, apareça lá em casa com Rachel para comerem alguma coisa. – Hilary completou.

- Tudo bem – respondeu Brandon – eu ligo.

Os dois saíram com o carro conversível de Edward e desapareceram virando na rua mais próxima que cruzava com a Rua Walter Mountback.

Poucos minutos depois, Rachel foi entregue por sua irmã Denise na porta da casa de Brandon. Ele atendeu a sua namorada e olhou fixamente em seus olhos negros, mostrando um sorriso que esboçava sua verdadeira felicidade.

- Oi amor. – Rachel o cumprimentou depois de dar um beijo em sua boca.

Os dois entraram e se posicionaram no sofá para ver o filme que Rachel tinha alugado. Mas Brandon sabia que não iria conseguir pensar, nem prestar atenção no filme, já que existia algo muito mais importante ao seu lado. Ele apenas iria se fissurar com a companhia de sua amada e ficar deslumbrado pelo fato dele se apaixonar todos os dias de sua vida pela mesma garota.

- O que foi? – perguntou Rachel. – você parece mais feliz.

- Estou normal. – ele respondeu, tentando omitir o que realmente estava passando em sua imaginação.

Os dois se levantaram. Enquanto Rachel colocava o filme no aparelho de DVD, Brandon subia as escadas de sua casa até o seu quarto para pegar seu cobertor preferido, que tinha uma capacidade surreal de esquentar o casal apaixonado.

Os dois começaram a assistir o filme enquanto ainda estavam cobertos até seus pescoços. Era um filme de suspense que tinha passado no cinema havia pouco tempo e acabara de sair nas locadoras. Não era um filme muito interessante, o que fez Brandon pensar que não se faziam mais filmes de suspense como antigamente. Poucos minutos depois, ele já estava com os olhos fechados, deitado no colo de sua namorada pensando “esse é o melhor filme do mundo”.

CAPÍTULO 4

Após terminar todos os deveres que tinha de fazer na loja de automóveis de Edward naquela quinta feita, Brandon foi até a padaria mais próxima para comprar alguma coisa que o alimentasse. Ele estava se sentindo faminto, pois tinha comido apenas um pedaço de peixe e um pouco de salada no seu almoço. Com seu estomago roncando, comprou a maior baguete com recheio de calabresa que estava à mostra. Ele foi dirigindo até sua casa se deliciando com a casca crocante e a calabresa que parecia derreter na sua boca, mas também estava pensando quais as roupas que ele levaria para o show de Fordville.

Em poucos minutos, a baguete de calabresa já não existia mais, diferente da dúvida que ainda permanecia em sua cabeça. De fato, ele só conseguiria extinguir aquele ponto de interrogação que navegava em sua mente quando abrisse seu guarda-roupa. Não que Brandon fosse apegado em moda, mas o produtor da banda – Nick Geisel – era bastante rigoroso com a imagem que os integrantes transmitiam. Nick tinha cabelos lisos e compridos, olhos azuis e uma barba grande, o que fazia parecer que ele fosse um hippie de Woodstock, desejando ferozmente que cada integrante da banda tivesse o seu estereótipo. Allan era o rude e malvado da banda, David era o baterista com influência nerd e Brandon o galã de novela com cabelo jogado para o lado e charme imbatível.

Ao chegar em casa, Brandon afinou sua guitarra e tocou-a por pelo menos trinta minutos. Era um ato indispensável no meio de sua rotina. Acordes e solos

incandesciam a sua paixão pela música todos os dias. Talvez, se seu pai não tivesse um negócio próprio, Brandon trabalhasse como professor de guitarra e violão, mesmo que em Sant Grove não existisse uma quantidade considerável de pessoas interessadas em aulas musicais para que ele pudesse fazer dinheiro com isso. De qualquer forma, seu futuro econômico já estava garantido e, por sorte, tal futuro não dependia de sua agilidade com escolhas, pois havia uma ausência notável dessa habilidade em Brandon.

Naquele dia em especial, ele se deparou com uma gaveta repleta de camisas de bandas que ele idolatrava e outras camisas simples com apenas um desenho pequeno no peito ou uma estampa qualquer e, mesmo assim, demorou muito para escolher cinco (quantidade suficiente para passar um final de semana em Fordville). Brandon teve de ligar para Rachel para saber qual camisa ficaria boa para tocar naquele evento. Ela simplesmente falou que ele deveria levar em sua mochila as cinco últimas que ela tinha dado de presente a ele, ou seja, duas camisas de marca de skate, uma com o desenho de uma guitarra localizada ao lado esquerdo de sua barriga, uma camisa do The Beatles e outra do The Doors. Ele realmente tinha adorado todos esses presentes e não pensou duas vezes em levá-las, pois sabia que Rachel era uma ótima estilista. Em relação às suas calças boca de sino, a tarefa tinha sido muito mais simples. Isso porque havia um estoque imenso, mas todas eram muito semelhantes, o que fazia seus amigos brincarem que seu guarda-roupa era como os que aparecem nos filmes de cientistas malucos, onde todas as roupas são jalecos brancos idênticos.

Ele separou uma meia dúzia de roupas íntimas, meias e dois casacos pretos para levar consigo. E então, sua bagagem para Fordville estava pronta.

*

Na manhã de sexta feita, Brandon e Rachel já estavam com as malas dentro do Jipe preto de Brandon. Allan e David iriam juntos no final da noite, quando David terminasse todas as suas tarefas da faculdade. O baixista e o baterista da banda Atlanta decidiram, por fim, dormir no carro de David durante a estadia em Fordville e descartar o hotel que Johnny Dallas tinha arranjado a eles, já que seria cobrada a eles uma pequena taxa pelo serviço de quarto. Por incrível que pareça, os dois estavam considerando isso como uma das “maiores aventuras de suas vidas”. Brandon já havia feito isso duas vezes antes, quando a banda teve alguns de seus shows marcados em cidades bem próximas a Sant Grove. Ele sabia que, de aventura, aquilo não tinha nada. Muito pelo contrário, era apenas um convite de graça para uma dor nas costas e torcicolo. Mas dessa vez, Brandon não estava preocupado, ele ficaria muito bem no Hotel Del Mare com sua namorada.

- Está pronta para a melhor viagem de sua vida? – Brandon perguntou animadamente a ela.

- O que? – Rachel retrucou. – então quer dizer que nossa lua de mel não vai superar uma viagem para Fordville?

Mal ela sabia, que a Lua de Mel seria muito em breve, caso tudo o que Brandon planejasse se concretizasse naquele final de semana.

- Amor, nossa Lua de Mel é uma exceção. -
Brandon retrucou enquanto olhava para a porta de sua casa, pensando se tinha pegado tudo o que ele precisava.

Os dois entraram no carro.

Após um beijo e uma troca intensa de olhares, Brandon ligou o carro e partiu em direção a Fordville. O som do carro tocava uma música de *hardcore* de alguma banda independente. E mesmo ele sendo um grande fã das bandas de rock clássicas, ele também apreciava aquilo que poucas pessoas conheciam. Afinal de contas, sua banda estava inclusa nesse meio *underground*. Mas era trabalho de Brandon, David, Allan e inclusive Nick Geisel, levar a mensagem que a banda Atlanta passava para o maior número de pessoas possíveis.

A estrada até Fordville era bem tranquila e confortável. Poucos carros passavam por ali naquela hora do dia e a maioria dos veículos eram caminhões que faziam transporte de madeira, de gado, ou qualquer outro produto economicamente forte naquela região. Também era possível avistar placas de atenção com alces, esquilos e capivaras que poderiam, a qualquer momento, atravessar de um lado para o outro da estrada. Mas parece que naquele dia, a fauna daquela floresta estava da forma mais harmônica possível, pois Brandon e Rachel não avistaram nenhum animal, exceto é claro, belos pássaros coloridos que voavam intensamente à procura de alimento.

Em menos de duas horas, Brandon e Rachel já tinham chegado a Fordville. Na entrada da cidade, existia uma grande placa “Bem vindos a Fordville” com o desenho de um crocodilo com óculos de sol fazendo piquenique. Motivo disso, era o fato de que havia uma família de

crocodilos em um lago a menos de um quilômetro de distância de onde Brandon e Rachel tinham passado. Por incrível que pareça, os locais não se amedrontavam com isso. A maioria das pessoas ia até o local para pescar, tomar um lanche e botar a conversa em dia nos limites do lago. O pai de Brandon já havia falado sobre tais crocodilos, o que fez despertar a atenção do garoto. Mas agora, os dois tinham algo a fazer - achar o Hotel Del Mare e instalar suas pequenas bagagens de fim de semana.

Um senhor que aparentava ter pouco mais de sessenta anos, com cabelos brancos e um volumoso bigode, andava tranquilamente com seu cachorro, quando Brandon parou ao seu lado para pedir algumas informações.

- Com licença - Brandon falou. - o senhor poderia me informa onde é o Hotel Del Mare? - perguntou educadamente.

Aquele senhor olhou diretamente ao jovem desinformado com uma cara de dúvida, o que fez Brandon pensar que ele não saberia dar tal informação. Então, quando ele já ia agradecer e se despedir, para que assim pudesse abordar uma outra pessoa, o senhor grisalho falou:

- Você tem de seguir por essa rua e no quarto cruzamento... hum... - refletiu com seus olhos fechados - é isso aí! - estralou os dedos. - Você tem de virar no quarto cruzamento à esquerda.

Brandon olhou para Rachel com uma cara de “devemos confiar nesse cara?”, mas ela apenas afirmou com a cabeça.

- Obrigado senhor. - o casal agradeceu.

De qualquer forma, eles estavam lá para se divertir, não para se preocupar com hotéis, serviços de quarto e a que horas o café da manhã seria servido. Então o Jipe se direcionou até onde aquele velho homem tinha avisado.

Como Rachel e Brandon já haviam imaginado, a informação estava errada. Mas de qualquer forma, eles estacionaram o carro e entraram em um restaurante chamado Delicardio, que ficava na rua onde o senhor tinha informado a suposta localização do Hotel Del Mare.

O restaurante estava cheio. Aparentemente, era onde todas as pessoas que trabalhavam ali por perto almoçavam. Isso só fez com que Brandon e Rachel se alegrassem ainda mais, já que a comida (de acordo com o cardápio) não custava caro e parecia ser deliciosa.

Os dois demoraram menos de dez minutos para saber qual prato seria o escolhido. Então, chamaram uma garçonete pouco acima do peso para anotar o que haviam escolhido depois de tanto pensarem.

- Boa tarde – a garçonete gorda falou. – já escolheram?

- Sim – Rachel disse sem hesitar. – nós vamos querer esse filé de frango à parmegiana, por favor.

A barriga de Brandon roncou. Provavelmente ele estava pensando naquele frango delicioso que estava vindo ao seu caminho, já que tinha comido apenas uma maçã naquela manhã de sexta feira.

- Alguma coisa para beber? – a garçonete continuou.

Rachel acabou pedindo um suco de laranja e Brandon, uma limonada com duas pedras de gelo e bastante açúcar.

Em menos de quatro minutos os sucos já estavam sendo colocados na mesa redonda pintada de vermelho. Cinco minutos depois a comida era colocada no prato do casal, fazendo com que Brandon não perdesse seu precioso tempo para atacar seu alimento como um leão atrás de uma zebra indefesa.

Não demorou muito tempo para os dois saírem do restaurante, deixando alguns trocados de gorjeta para a garçonete atenciosa.

- O que você acha de passar no lago do crocodilo? – perguntou Rachel ao seu namorado.

- Pode ser uma boa idéia. – ele aderiu.

E realmente era uma ótima idéia. Pelo menos dessa vez, não tinha como errarem o caminho. O lago era a maior atração da cidade e havia placas espalhadas por todos os cantos indicando qual direção você deveria tomar caso fosse um turista procurando algo em especial na cidade de Fordville.

Ao chegarem lá, Brandon sacou seu violão e Rachel pegou uma toalha de praia para os dois se sentarem no gramado perto da cerca que os separavam da beira do lago. Uma ponte que cruzava o limite da moradia dos crocodilos era habitada por velhos aposentados que pescavam os peixes que ali passavam tranquilamente.

- Esse lugar é bem bonito. – Brandon disse.

Rachel assentiu, deitando em seu colo e sorrindo para Brandon com um ar apaixonante.

Os dois permaneceram ali por volta de uma hora. Tempo suficiente para Rachel adormecer sob os carinhos de seu namorado, que a via dormir e pensava o quão bom seria quando os dois estivessem ligados pelo matrimônio.

Quando saíram, decidiram ir ao Hotel Del Mare. Aliás, eles pagaram a estadia pelos três dias, então, nada mais justo do que aproveitar a mordomia do local.

Um casal de negros estava passando perto deles, quando Rachel decidiu perguntar à mulher se ela sabia exatamente onde ficava o lugar que eles estavam procurando. Totalmente atenciosa e prestativa, a mulher pegou uma página de caderno que estava guardada em sua bolsa e escreveu o percurso que Brandon e Rachel deveriam fazer. Após agradecer a ajuda, os dois partiram.

- Essa mulher é mais exata do que o *Google Maps*. – brincou Brandon.

Rachel deu risada.

Brandon apenas olhava-a sorrir. Ele ficava impressionado com a beleza e felicidade que sua namorada transmitia. E para compensá-la, usaria toda sua paixão, assim que chegassem ao Hotel Del Mare.

*

O hotel era de fato muito bonito. E por fora, superava todos os panfletos e as fotos postadas no *website* da empresa.

- Uau! – exclamou Rachel quando Brandon estacionou o carro na entrada do hotel.

Imediatamente um chofer veio conduzir o carro até o estacionamento e outro atendente apareceu para falar com o casal que permanecia com os olhos brilhando.

O hotel tinha uma pequena estátua de um anjo na entrada, com uma cachoeira desembocando em uma fonte com peixes coloridos. O hotel era extenso como o colégio

em que Brandon estudara. Havia uma piscina no centro onde crianças brincavam de voleibol com seus pais e mergulhavam até onde conseguiam suportar, sem mencionar as duas quadras para a prática de tênis, uma para o basquete, o cassino e um enorme restaurante.

- É um hotel tão grande para uma cidade tão pequena como Fordville. – Brandon disse impressionado.

Rachel concordou, também impressionada.

O custo da suíte que ele tinha escolhido não foi barato, mas julgando pelos serviços que o hotel oferecia, também não tinha sido caro. Ele simplesmente não poderia ter feito uma escolha melhor para passar um bom final de semana com a pessoa que ama.

- Aonde fica nosso quarto? – perguntou Rachel ao assistente, empolgadíssima por dentro.

Imediatamente, ele os conduziu até à recepcionista, que daria todas as informações que eles necessitavam. Lá, uma mulher alta com cabelos castanhos cacheados falou sobre o horário do café-da-manhã, almoço e jantar, sem dispensar o horário e as regras do cassino. Por fim, entregou a chave do quarto aos jovens turistas.

- O quarto de vocês é o 534. – a recepcionista disse.

Agradecidos, Brandon e Rachel pegaram suas poucas bagagens e subiram pelo elevador principal, que tinha um enorme espelho com detalhes em dourado na borda, até chegar ao quinto andar, onde havia um enorme corredor com vasos e quadros espalhados entre uma suíte e outra.

O quarto escolhido por Brandon tinha uma cama enorme de casal, duas camas de solteiro, um banheiro exagerado demais para apenas um casal e um frigobar que

ficava debaixo de uma televisão de plasma. Sem mencionar as poltronas, os utensílios distribuídos pelo quarto que era de primeira classe e a varanda que dava uma bela visão para as montanhas e os campos de Fordville.

- Amor – disse Rachel. – Que lugar incrível... você é demais. – disse se jogando aos seus braços.

- Eu sei que sou. – ele se gabou.

Os dois se beijaram e se jogaram na cama, largando todos seus pertences no chão. Era final de tarde e os dois estavam apenas aproveitando a companhia um do outro. Juras eternas de amor foram feitas mais uma vez naquele momento, com algo muito concreto por trás de todas essas promessas.

CAPÍTULO 5

Na manhã de sábado Brandon acordou uma hora depois do nascer do sol. Ele não estava sentindo uma faísca de sono sequer, já que na noite anterior, ele e Rachel beberam um vinho no quarto e foram cedo para cama, fazendo apenas uma breve visita ao cassino, onde apostaram poucos dólares numa mesa de pôquer – lá, jogava um senhor com pouco mais de setenta anos e sua filha. O homem se chamava Jesse Mackenzie, era careca, usava óculos e vestia um terno preto, que o fazia parecer com que fosse um professor de física ou matemática. Sua filha, em contrapartida, era bem apresentável. Ela se chamava Megan, tinha trinta e sete anos, cabelos loiros, olhos verdes, um corpo muito bem cuidado e era espantosamente linda para uma pessoa que já estava quase chegando aos quarenta anos de idade. Os dois tinham feito aquela viagem “pai e filha”, pois Megan tinha acabado de voltar do Canadá, onde permanecera por oito anos. O jogo com aquela pequena família tinha sido muito divertido, mesmo com Brandon e Rachel perdendo tudo o que tinham apostado. Mas, como o ditado diz: azar no jogo, sorte no amor.

O cassino não era tão exuberante quanto o resto do hotel, mas tinha os jogos mais clássicos como roleta, vinte-e-um e diversas máquinas de caça-níquel. Naquela noite (como em todas as noites de sexta-feira) o cassino estava aberto para qualquer pessoa, desde que tivesse idade suficiente para entrar. Então, algumas dúzias de pessoas se reuniram naquele local para tentar a sorte.

A primeira noite em Fordville já tinha sido bastante agradável para Brandon e Rachel e isso só fazia com que a vontade do jovem garoto em pedir sua amada em casamento aumentasse. Mas ele não teria de esperar mais. Seria naquela noite, ao final do show de sua banda Atlanta.

Por falar na banda, David e Allan já deveriam estar dormindo no carro em alguma rua pelas bandas de Fordville, ou então, haviam cedido às tentações e ido para o pequeno hotel ao lado de onde seria o evento beneficente que Dallas tinha arranjado.

Brandon saiu do Hotel Del Mare para tentar encontrá-los.

Rachel decidira ficar dormindo na suíte em que estavam, já que depois de seu namorado, o travesseiro era seu segundo grande amor. Ela raramente entendia o por que Brandon gostava tanto de sair para caminhar àquela hora da manhã. Simplesmente não fazia sentido alguém trocar um bom descanso na cama por uma caminhada junto à natureza.

Ao sair do hotel, Brandon percebeu que não estava carregando seu celular. Ele não queria voltar ao quarto pois não queria atrapalhar o sono de Rachel. E, mesmo se voltasse e ligasse para seus companheiros de banda, não seria novidade se Allan e David tornassem Brandon alvo de palavrões pesados. Pois os dois odiavam ser acordados, principalmente antes do meio-dia num sábado.

Apenas com sua carteira, decidiu passar em uma loja de conveniência que ficava perto do lago onde os crocodilos moravam para comer alguma coisa.

O dia estava bonito e o sol mostrava seus raios de calor, fazendo com que as pessoas daquela cidade fria andassem com blusas regatas e bermudas – algo não tão freqüente até para os moradores de Sant Grove.

Brandon Browser estava se sentindo bem, mas para melhorar o seu humor, apenas um suco de laranja acompanhado de uma barra de chocolate ao leite. E ele já tinha escolhido o que iria consumir na loja quando alguém o chamou:

- Olá perdedor!

Brandon se virou para saber se estavam mesmo falando com ele.

Era Jesse Mackenzie, o senhor simpático que na noite anterior, ganhara todo o dinheiro apostado por Brandon e sua namorada na mesa de pôquer.

- Olá senhor – ele o cumprimentou. – tudo bem?

- Comigo está tudo certo – ele respondeu. – mas acredito que você está numa péssima situação.

Brandon fez uma cara de que não tinha entendido aquele comentário que Jesse acabara de fazer.

- Ora... você está comendo fora, sendo que servem o melhor café-da-manhã da cidade naquele hotel.

- Bom – Brandon continuou. – então o senhor também deve estar em uma péssima situação, já que também trocou o “melhor café-da-manhã da cidade”. – ele disse apontando para a pizza que Jesse estava segurando em sua mão direita.

Naquele instante, a porta da loja de conveniência se abriu. Era Megan Mackenzie. Ela carregava uma garrafa de refrigerante sabor citrus e uma bolsa enorme que

poderia ser capaz de suportar todas as coisas que tinham à venda naquela loja.

- Olha só – ela falou olhando Brandon de cima a baixo. – se não é o garoto que perdeu para nós no pôquer.

- Muito prazer em vê-la também. – Brandon respondeu sarcasticamente.

Os três riram sutilmente.

- Mas como eu iria dizer – Jesse continuou. – eu e minha filha não estamos no hotel. Nós somos de Sant Grove, mas temos uma pequena chácara perto das montanhas. E você sabe como é... mulheres que acabam de se divorciar precisam ocupar seu tempo fazendo apostas ou gastando dinheiro. – ele disse com seu olhar fixado na filha.

- Pai! – ela o recriminou.

- Já que vocês são de Sant Grove – Brandon continuou, ignorando a vergonha que Megan estava sentindo – que tal ir ao show da banda Atlanta hoje? Eles são lá de Sant Grove também e vão tocar num evento beneficente hoje à noite, aqui em Fordville.

É lógico que Brandon sabia que Jesse era muito velho para um concerto de rock. De certa forma, Megan também poderia ser o tipo de mulher que quer apenas relaxar e que já teve o seu tempo de shows de rock, mas nada impediria Brandon de tentar.

- Eu estou fora. – disse Jesse, engasgando sua risada.

- Espera aí... – Megan falou. – você não é...?

- Sim – Brandon afirmou. – sou eu que vou tocar hoje à noite.

Todos ficaram conversando por mais alguns minutos sobre a coincidência de morar na mesma cidade, mesmo que não fosse tanta, já que Sant Grove era relativamente perto de Fordville. Conversaram também sobre a banda de Brandon e sobre a programação noturna de Fordville, que não era muito vasta. E por fim, a concordância de Megan em comparecer no show da banda no evento beneficente.

- Acho que pode ser uma boa idéia... afinal, todos os jogos de cartas foram jogados por pelo menos... umas cem vezes no dia de ontem. – ela falou encarando seu pai.

- Você diz como se fosse uma coisa ruim. – Jesse respondeu com sarcasmo.

- Sem ressentimentos – pediu Brandon. – eu gostaria muito de ficar mais conversando com vocês, mas eu realmente tenho que voltar para o hotel, se não a minha namorada fica louca. Mas nós nos vemos hoje? – perguntou a Megan.

- Com certeza – afirmou. – estarei lá.

Brandon se despediu dos dois e seguiu de volta para o hotel, não antes de comprar mais um copo de suco de laranja e derramar um pouco em sua camisa branca.

Quando Brandon chegou novamente à suíte onde estava hospedado, imaginou que Rachel ainda estivesse dormindo, pois estava muito silencioso dentro do quarto. Mas quando ele abriu a porta...

- Toma isso! – gritou Allan, acertando-o com o travesseiro que ele tinha dormido na noite anterior.

Todos deram gargalhadas ao verem o susto que Brandon levou. Ele realmente não esperava que fosse

atacado por um travesseiro ou qualquer outra coisa parecida.

- Você demorou – Rachel falou a seu namorado. – aonde você foi?

- Eu passei em uma loja de conveniência – disse – eu realmente estava precisando de um suco de laranja e uma barra de chocolate. Também encontrei com aquele senhor e sua filha que jogaram cartas com a gente ontem... lembra?

- Ah, então quer dizer que você ficou de conversinha com a coroa “tudo de bom”? – Rachel perguntou enciumada.

- Ela não é tão coroa assim... não tem nem quarenta anos. – Brandon retrucou. Mas depois de pensar melhor, achou que teria sido uma ótima idéia se não tivesse entrado nesse assunto. Ele sabia como Rachel era adoravelmente ciumenta.

Ela fez uma cara de “não acredito que você disse isso” e ligou a televisão, ignorando os pedidos de desculpa de Brandon, mesmo que ele não tivesse nada de que se desculpar.

David e Allan se entreolharam e acharam melhor sair da suíte do casal. Eles não queriam influenciar em nada naquela discussão. Apenas pegaram alguns biscoitos que estavam ao lado da televisão e foram dar uma volta pelo hotel.

- Ei Robin – falou Allan. – vamos ver se nós achamos algumas gatas por aí.

- Quem sabe uma gata de meia idade. – continuou Rachel irritada, olhando diretamente para os olhos de cachorro sem dono de Brandon.

David e Allan saíram. Mas poucos minutos depois Brandon e Rachel já estavam de bem um com outro. Rachel tinha certeza de que não existia mais ninguém no mundo de Brandon, além dela. Mas nunca era demais fazer uma pequena cena de ciúme.

*

Naquela tarde ensolarada, a banda Atlanta já tinha compromisso marcado com Johnny Dallas. Aparentemente, ele queria que a banda passasse o som, para que tudo ocorresse dentro dos conformes na hora do show. Não bastava apenas a banda tocar corretamente, era necessário ajeitar o jogo de luz do palco, a entrada dos integrantes, os amplificadores, enfim, tudo o que faz parte de um evento grande que envolva música e arte.

Todos os integrantes tinham acabado de almoçar – Brandon no Hotel Del Mare com sua namorada; Allan e David numa barraca de cachorro-quente no meio da rua – e já estavam indo para o *Fordville Convention*, local onde já estava sendo realizado o tal evento beneficente.

Não era um local tão grande quanto os rapazes estavam imaginando, mas ainda assim, tinha seus méritos por estar prestando uma boa causa social. Havia um estacionamento que comportava cerca de uns cem carros de frente para a entrada principal, que era regulada por dois seguranças brutamontes e uma mulher que prestava informações sobre o evento ao público.

Quando chegaram à porta, todos da banda foram recebidos pessoalmente por Johnny Dallas. Ele tinha a mesma altura de Allan, era negro, tinha seu cabelo raspado

na máquina nº2 e trajava um terno impecável, o que o fazia parecer um homem de negócios muito bem sucedido.

- Muito prazer em conhecê-los – disse Dallas se referindo aos meninos da banda e Rachel. – Estou muito ansioso para ver a banda de vocês. Tenho certeza de que será um ótimo show.

- Pode ter certeza de que será. – afirmou David enquanto apertava a mão de Johnny Dallas.

Todos se encaminharam para dentro do evento que não estava cheio naquela hora do dia. A decoração era bem bonita - com quadros e pinturas feitas por artistas locais colocados nas paredes. Um vídeo passava um documentário sobre como ajudar os necessitados é fundamental em nossas vidas, em um telão que ficava logo atrás do palco.

Fordville Convention agregava dois andares que eram divididos por uma escada em forma de espiral. O primeiro andar era onde ficava o palco, as obras de arte e o local onde seriam feitas as apresentações de teatro. O segundo continha os banheiros e alguns lugares onde eram vendidas pizzas, hambúrgueres, refrigerantes, sucos, entre outros alimentos.

- Tenho que admitir que esse evento está de primeira classe – Allan disse para Dallas.

- Muito obrigado, Senhor Green. – agradeceu Dallas.

Todos da banda deram risadas. Era engraçado alguém tratar Allan com tanta benevolência a ponto de chamá-lo pelo sobrenome. Brandon, David, Rachel e qualquer outra pessoa que realmente o conhecia, achavam

ele mais parecido com um caminhoneiro rude e mal-educado.

Vinte minutos depois, a banda estava testando os microfones e amplificadores e afinando seus instrumentos. Eles tocaram metade de uma de suas melhores músicas, que começava de forma pesada, onde parece que os três integrantes estão colocando o maior peso possível junto com a voz melancólica de Brandon. A letra da música falava sobre um homem que sempre foi deixado para trás e ridicularizado pela sociedade, mas então ele consegue dar a volta por cima e mudar a sua vida radicalmente, fazendo com que aqueles que antes o criticavam, passassem a admirá-lo. Aquela canção já tinha tocado inúmeras vezes nas rádios regionais e até mesmo, entrado no ranking das dez mais tocadas no mês de sua estréia. Porém, a música em que a banda e, principalmente Brandon, estava apostando nesse show, era a que Brandon havia feito para Rachel, titulada com o nome de “*O Silêncio do Coração*”.

Todos os integrantes estavam muito ansiosos para o início do concerto. No final de tarde daquele sábado – onde já ia começar a apresentação de um grupo teatral – pessoas foram chegando e se aglomerando para apreciar um pouco de entretenimento. Allan e David foram tomar um banho e se aprontar. O mesmo foi feito por Brandon e Rachel, já que em algumas horas a banda estaria tocando para centenas de pessoas que chegavam aos poucos no evento organizado por Dallas.

No caminho até o Hotel Del Mare, Brandon não conseguia parar de falar a Rachel o quanto estava feliz por finalmente voltar aos palcos com sua banda Atlanta. E ela ficava feliz por ver que seu namorado estava totalmente

maravilhado pela ocasião. Mas ela não sabia que ele guardava um nervosismo crescente, já que aquela noite, em especial, seria uma das maiores noites de sua vida, se não a maior.

Seu coração batia rápido, mas silenciosamente.

CAPÍTULO 6

Guitarra afinada, palhetas separadas, a roupa certa para o show e Brandon já estava pronto para subir aos palcos após tomar um demorado banho. Mas mesmo com a água gelada tocando seu corpo, ele não conseguiu acalmar a eletricidade que faiscava suas emoções.

- Vamos amor! – ele gritou do outro lado da porta, enquanto Rachel estava no chuveiro. – Eu preciso chegar um tempo antes do show começar.

- Calma! – respondeu ela.

O celular tocou. Era Allan.

- E aí meu camarada! Já está saindo?

Brandon olhou no relógio, preocupado. Ele tinha de ir logo para acertar mais alguns detalhes com Johnny Dallas e Rachel nem sequer tinha saído do banho. Brandon sabia que sua namorada seguia rigorosamente a ditadura da vaidade e, sendo assim, tomaria mais uma grande quantidade de tempo se arrumando, passando maquiagem e fazendo todo o tipo de coisa que uma garota “deve” fazer antes de sair de casa.

- Cara...

- Vá com eles – Rachel o interrompeu enquanto saía de toalha do banheiro. – eu ainda tenho que passar maquiagem, escolher a roupa. Não quero atrasar você com seus compromissos. Fale para eles passarem aqui e pegá-lo, mas deixe seu carro comigo.

Brandon sorriu, enquanto Allan ainda esperava uma resposta no celular.

Rachel Sawyer era tão compreensiva, benevolente, sem mencionar sua beleza capaz de fazer qualquer garota

sentir inveja. Até mesmo suas breves crises de ciúme chegavam a ser encaradas como algo positivo para Brandon. Ela era simplesmente perfeita.

- Allan - ele respondeu. - tem como vocês me pegarem aqui no hotel? - Brandon perguntou. - Rachel ainda não está pronta.

Allan concordou.

Em menos de vinte minutos seus companheiros de banda já o esperavam na porta do Hotel Del Mare.

Brandon Browser olhou nos olhos negros de Rachel Sawyer, beijou-a e saiu apressadamente, sem que deixasse sua namorada completar um sincero “eu te amo”. Ele deixou o hotel pensando que a próxima vez que a visse, seria num momento muito importante de sua vida.

Ele não fazia idéia de como seria esse momento.

*

Allan, David e Brandon ficaram impressionados com a quantidade absurda de carros presentes no estacionamento do local onde se apresentariam. *Fordville Convention* estava repleto de pessoas de todas as idades. Idosos, pais, mães, pessoas jovens e crianças tinham se reunido naquele evento para prestigiar e apreciar a diversidade da arte regional.

Os integrantes da banda tremiam.

- Caras - falou David. - eu não fico tão nervoso assim desde a minha última prova de Anatomia Patológica.

Brandon e Allan se entreolharam e caíram na risada, sucedendo em um leve tapa na cabeça do baterista da banda.

- Ei Robin – chamou Allan. - será que você não consegue deixar de ser nerd por pelo menos um dia de sua vida?

Não houve resposta.

A banda Atlanta estacionou seu automóvel e os integrantes se direcionaram para a entrada das bandas e artistas que ficava na parte dos fundos do estabelecimento. Os três puxaram suas carteiras e seguraram firmemente seus documentos, já que um segurança enorme (que com certeza usava anabolizantes) fiscalizava a entrada e saída das “*Atrações Principais – Fordville Convention*”, como estava nomeado em sua lista.

Eles passaram pelo segurança sem problemas.

Na parte de dentro da *Fordville Convention*, uma mulher que parecia ter saído de um filme sobre gueixas prestava informações para todos os artistas – onde ficavam os camarins e banheiros, lugar onde poderiam se alimentar, etc. – e checava em sua lista a que horas tais pessoas iriam se apresentar.

O show da banda Atlanta começaria a pouco menos de duas horas. Para relaxar, Brandon, David e Allan foram até o camarim e pegaram uma cerveja.

- Se eu não estivesse tão nervoso – comentou Brandon. – com certeza iria fazer uma piada com aquele segurança e a japonesa.

- Para ser contratado aqui, você deve ter algumas “aptidões”. – Allan falou, fazendo o sinal de aspas com seus dedos.

Os três riram sentados na poltrona do camarim, que por sinal, era bem espaçosa. Havia uma mesa com algumas maçãs e bananas, uma geladeira com uma garrafa

de água e dez cervejas (incluindo as três que tinham acabado de tomar). Um quadro de Jimi Hendrix tocando em Woodstock estava fielmente colocado acima da mesa de frutas, o que fez os integrantes lembrarem do produtor da banda – Nick Geisel.

- Aquele hippie iria gostar de estar aqui. – comentou Brandon.

- Com certeza – concordou David. – mas é bom mesmo que ele fique em Sant Grove. Afinal de contas, ele ainda tem de trabalhar muito nas músicas que nós estamos gravando.

Allan assentiu.

- Acho que vou dar uma caminhada pelo evento – Brandon falou. – ver como está a multidão.

Aquele não era o lugar onde a banda Atlanta iria se apresentar para o maior número de pessoas. Mas era normal que ficassem nervosos. Os integrantes já estavam afastados do palco havia algum tempo. Nada mais normal do que sentir um frio na barriga, uma sensação de nervoso.

- Se eu fosse você, eu não faria isso – comentou Allan. – só vai fazer com que você fique mais nervoso. Eu pelo menos não vou largar dessa geladeira cheia de cervejas até nosso show começar.

Talvez o que Allan tinha dito fosse verdade. Mas nenhuma cerveja conseguiria acalmar o coração apaixonado de Brandon. Nada conseguiria deixar a aliança de noivado que estava guardada no bolso do vocalista da banda Atlanta, longe do dedo de Rachel Sawyer. Brandon estava determinado. Ele imaginara essa cena muitas vezes em sua cabeça antes de dormir. Imaginava como seria o momento mais importante de sua vida.

- Eu vou mesmo assim – Brandon afirmou. – Se Rachel chegar aqui, fale para ela ver o nosso show de frente ao palco.

Ele saiu e foi se juntar à multidão.

Fordville Convention estava lotado naquele momento em que um grupo de teatro apresentava a peça “Romeo e Julieta”. O trabalho daqueles atores era realmente muito bom. Mesmo Brandon já conhecendo aquela história, ele ficou maravilhado com a peça escrita por William Shakespeare séculos atrás. Era um amor tão puro, tão bonito. Muito parecido com os sentimentos que Brandon e Rachel sentiam um pelo outro.

Muito mais parecido do que Brandon pudesse imaginar.

*

Brandon, Allan e David já estavam preparados. Com seus instrumentos minuciosamente afinados em suas mãos, estavam prontos para entrar no palco, plugar os cabos nos amplificadores e mostrar ao povo de Fordville e do resto da região o som forte da banda Atlanta. Johnny Dallas estava em cima do palco naquele momento, anunciando a banda que vinha diretamente de Sant Grove. Centenas de pessoas estavam borbulhando por dentro, com os olhos ferozes esperando pela atração principal da noite.

- E agora com vocês – gritava Johnny Dallas no microfone. – dêem as boas vindas para banda – tomou a maior quantidade de fôlego possível – *Atlantaaaaa!*

Os integrantes entraram no palco e a multidão se incendiou de uma forma ainda mais intensa.

A banda estava sentindo falta dessa reciprocidade de energia. Era um sentimento inexplicável que existia ao ver todo aquele mar de gente ansiosa para escutar o som que a banda estava prestes a proporcionar.

- Boa noite Fordville – falou Brandon. – nós somos a banda Atlanta de Sant Grove. Espero que vocês aproveitem o show.

- E se alguma garota estiver disponível – Allan falou, tomando o microfone de Brandon. – pode me ligar.

Gritos histéricos da platéia vieram em direção à banda, enquanto eles abriam com sua música instrumental. O sangue de Brandon fervia ao tocar as cordas de sua guitarra, Allan balançava sua cabeça como se estivesse possuído e David destruía a integridade dos pratos de sua bateria com a mesma força de um raio.

A platéia pulava.

Brandon rodeava *Fordville Convention* com seu olhar a procura de sua namorada, mas estava muito difícil de encontrá-la. Ele sabia que a essa hora ela já deveria estar lá observando a banda tocar, pois o tempo que tivera para se arrumar, era mais que o suficiente para fazer tudo o que devia. Mas também, seria meramente impossível Brandon encontrar uma pessoa em especial naquele lugar onde todos pulavam e se movimentavam em um fluxo intenso.

Ao término da primeira música, as pessoas entraram em chamas. As músicas da banda costumavam surtir um efeito emocional muito grande na platéia. Até mesmo as pessoas que não gostavam daquele estilo musical ficavam impressionadas com a qualidade do trio.

A segunda, terceira e quarta música, continuaram no mesmo ritmo enlouquecedor. Jovens que tinham por volta de quinze a vinte anos entravam no palco e pulavam de volta para a platéia descontrolada.

- Não sabia que era permitido *moshs* em eventos beneficentes. – Brandon brincou com a platéia, enquanto Allan fazia uma linha sonora muito contagiante em seu contrabaixo e David o acompanhava na bateria.

As pessoas pulavam e gritavam, mas Rachel não estava inclusa nesse meio sob os olhares de seu namorado.

A quinta música escolhida pela banda foi uma canção que Brandon tinha feito para seu pai, onde a letra da música fora escrita em forma de carta, dizendo o amor e admiração que Brandon sentia por Edward. A música permanecia durante três minutos somente com a voz de Brandon acompanhado com acordes melancólicos no violão, porém, em seu refrão final, Allan e David entravam em sintonia com Brandon. Havia algo muito sincero nesta canção, que fazia uma grande parte das pessoas se identificarem com a letra, não poupando suas lágrimas.

- Tudo bem – disse Brandon ao término da música.
– mas agora vamos voltar às origens. Afinal, isso daqui não é um show *emo*.

Adolescentes de cabelos compridos que estavam de frente à banda gritaram desesperadamente e fizeram o símbolo do rock'n'roll com suas mãos. Por dentro, Brandon também estava gritando, mas em um desespero muito maior. O show teria apenas mais algumas canções e a cada música que passava seu coração batia mais intensamente.

Eles continuaram tocando no mesmo ritmo elétrico e quando tocaram sua música principal, muitas pessoas da platéia acompanharam a letra junto a Brandon. Os integrantes da banda Atlanta ficaram realmente impressionados com a popularidade que tinham atingido nas cidades perto de Sant Grove no espaço de tempo que ficaram sem fazer concertos. Pessoas acompanhavam ferozmente os movimentos da banda em sua penúltima música.

Brandon tremulava.

Os companheiros da banda estavam tão extasiados com o show, que não perceberam o nervosismo crescente de Brandon antes de começar a última música.

- Infelizmente – disse Brandon. – esta será nossa última canção.

A platéia entristeceu.

- Mas esta é uma música inédita – ele continuou. – e muito especial. E seja lá onde você esteja no meio dessa multidão, essa canção é para você, Rachel Sawyer. O nome dela é “*O Silêncio do Coração*” – ele falou enquanto tirava a aliança de seu bolso, apontando posteriormente o anel de ouro para a multidão. – por favor, escute essa música e depois do show me responda: você quer se casar comigo?

Brandon se voltou para seu violão e começou a tocar como se não houvesse nada além dele e seu violão.

A platéia estava chocada e ao mesmo tempo, maravilhada com o romantismo de Brandon. Aquela música era tocada apenas no violão e mesmo se não fosse, David e Allan não iriam conseguir acompanhá-lo, pois também estavam com os olhos bem abertos, mas não

acreditando no que o amigo e companheiro de banda acabara de fazer.

Brandon Browser apenas fechou os olhos e continuou tocando e cantando a música destinada a sua namorada e quem sabe, sua futura esposa. Ele apenas continuou sem pensar no que poderia acontecer. Como se estivesse sendo levado pelo vento para um lugar onde nunca imaginara estar.

Ao terminar a música, ele apenas guardou seu violão, apanhou sua guitarra que estava encostada no amplificador e seguiu para o camarim. Allan e David o abraçaram, mas não conseguiam pronunciar nenhuma palavra – nada de “nós fizemos um ótimo show esta noite” ou “aonde você acha que está com a cabeça para fazer uma merda dessas?”.

Mas as surpresas daquela noite ainda não tinham acabado.

No camarim, um policial negro com pouco mais de cinquenta anos, alto e com a barba por fazer, esperava pouco paciente a chegada dos integrantes.

Quando a banda Atlanta entrou, ficaram imediatamente surpresos, fazendo com que David logo perguntasse:

- Algo de errado, senhor?

- Quem de vocês é Brandon Browser? – ele perguntou.

O vocalista da banda Atlanta olhou para seus amigos, não entendendo o que estava acontecendo. Por que um policial iria querer falar com ele? A não ser é claro, que ele quisesse parabenizar Brandon pela sua atitude

memorável em pedir sua namorada em casamento na frente de várias pessoas.

- Sou eu. – respondeu Brandon, levantando sua mão direita.

- Gostaria de conversar com você – o policial falou olhando fixamente em seus olhos que agora, pareciam mais verdes do que nunca. – a sós.

Imediatamente, Allan e David se entreolharam e saíram do camarim. Os dois estavam mais confusos do que nunca, imaginando o que se passava pela cabeça de Brandon e por que a presença de um policial no camarim da banda.

- Algum problema? – Brandon perguntou ao policial.

- Meu filho, eu não sei como posso te dizer isto, então vou tentar ser bem direto...

Se Brandon já estava nervoso para saber a resposta de Rachel, agora ele estava mais ainda com a pressão que aquele policial estava fazendo sobre ele. Cada segundo parecia passar como horas e, mesmo assim, o relógio ainda estava quebrado. Ele ansiava rapidamente por uma resposta. Mas com certeza, se arrependeria de seu desejo.

O policial olhou tristemente nos olhos de Brandon e, depois de conter suas palavras por alguns segundos, desabafou:

- Meu filho... Rachel Sawyer está morta.

CAPÍTULO 7

Rachel Sawyer tinha acabado de sair do chuveiro. Ela se olhou no espelho imaginando como estava feliz em estar ali junto a seu namorado. A noite anterior tinha sido muito agradável e, se sua vida continuasse nessa frequência de amor com Brandon, ela seria a mulher mais feliz do mundo – como ela gostava de se imaginar. Seu namorado era simplesmente muito atencioso e, sempre estava satisfazendo sua vontade. Mas naquele momento em especial, ele parecia estar preocupado e muito mais nervoso do que o comum antes de um concerto de sua banda Atlanta. Brandon a apressava para se aprontar enquanto o telefone tocava.

Ela sabia que seu namorado tinha de cumprir com seus compromissos, então caridosamente, o deixou ir com Allan e David. Sendo assim, Rachel pegaria o Jipe preto de Brandon e em alguns minutos, estaria no evento beneficente de Fordville. Logo, já estava tudo combinado. O casal havia se beijado e se despedido até se reencontrarem novamente no local do show.

- Eu te... – Rachel tentou, sem sucesso, dizer as palavras que não poderiam faltar para seu namorado. Mas ele saiu correndo pela porta apressadamente, sem conseguir ouvir o que sua namorada tinha a dizer.

Sucessivamente, ela enxugou seu cabelo com a toalha que antes cobria o seu belo corpo. Voltou até o banheiro, recolheu suas roupas, escovou os dentes e colocou perfume em seu pescoço e no punho esquerdo, onde havia uma pequena tatuagem de coração com o nome de Brandon escrito.

Ela estava quase pronta, mas ainda não sabia o que iria vestir. Entretanto, depois de analisar com cuidado todas suas peças de roupa, escolheu um vestido cinza com uma pequena manga que Brandon tivera dado a ela no último Natal. Brandon adorava quando ela usava aquele vestido e, sempre falava que combinava com seus lindos olhos negros.

Minutos depois, Rachel Sawyer já estava pronta para ir à *Fordville Convention*. Ela observou por alguns segundos a chave do carro de Brandon que estava colocada em cima da cama onde o casal havia dormido na noite anterior. Rachel sentiu um calafrio estranho, como se tivesse de pensar duas vezes antes de dirigir até o evento. Ela pegou o celular, pensou em ligar para Brandon, mas desistiu.

Sem pensar muito, pegou a chave do Jipe, trancou o quarto onde ela e Brandon estavam hospedados e foi embora.

Rachel desceu no elevador imaginando o que Brandon estaria fazendo naquele momento. Ela sabia que ele, Allan e David estavam ansiosos para voltar aos palcos e tocar da mesma forma como costumavam fazer antigamente e isso só aumentava a vontade de ver a pessoa que ela amava reluzindo felicidade.

Ao entrar no Jipe de Brandon, Rachel ajeitou o banco, acertou o retrovisor e partiu para encontrar seu namorado.

Para chegar ao local do show, era necessário pegar uma pequena pista sem movimento coberta por árvores grandes e robustas. Rachel só tinha dirigido o carro de Brandon apenas uma vez em toda sua vida, então era

normal que ela se sentisse um pouco desconfortável, mas nada que a deixasse inapta de dirigir.

Ela continuou calmamente seu caminho até *Fordville Convention*.

Rachel ligou o rádio do Jipe que estava sintonizado em uma estação local, onde o locutor anunciava o evento beneficente que estava acontecendo na cidade. O locutor também mencionou sobre a banda que tocara no dia anterior, os grupos teatrais que tinham se apresentado, os artistas que ainda tinham suas programações agendadas para o domingo e a banda Atlanta, que entraria no palco em poucos instantes.

Rachel acelerou o veículo. Ela não queria desperdiçar um minuto do show sequer. Ela sabia que Brandon ficaria chateado se ela perdesse o começo do concerto porque demorou a se aprontar.

Pouco mais à frente, o semáforo acendeu sua cor amarela.

Rachel pisou fundo. Ela sabia que poderia passar facilmente pelo cruzamento. Mas ao passar pela faixa de pedestres, a situação se inverteu. Uma caminhonete vermelha vinha numa velocidade moderada e, ao ver que o sinal da outra pista se fechara, não hesitou em continuar, já que sabia que aquela pista não tinha muito movimento. A luz do farol da caminhonete brilhou no olhar de Rachel, ofuscando toda a sua visão. Ela não conseguiu pensar em absolutamente nada naquele momento, apenas se deslumbrou com uma claridade desconhecida quando os dois automóveis colidiram.

O Jipe de Brandon capotou, até atingir uma árvore. Lá ele permaneceu – de cabeça para baixo – com Rachel

Sawyer ensangüentada. A motorista que dirigia a caminhonete vermelha estava sozinha e inconsciente dentro de seu carro, sendo assim, incapaz de prestar ajuda.

Poucos instantes depois, um caminhoneiro que estava em Fordville apenas de passagem, notou que um grave acidente tinha ocorrido naquela pequena pista. Ele não hesitou em ligar para a ambulância no primeiro telefone público que encontrou, já que não carregava telefone celular consigo.

Em menos de dez minutos, o local estava cercado e interditado por duas viaturas da polícia local e duas ambulâncias.

A mulher que dirigia a caminhonete foi levada instantaneamente para o hospital. Ela ainda estava inconsciente, mas não apresentava nenhum ferimento muito grave – apenas um pequeno corte na cabeça e nos braços. Posta na maca pelo pessoal do resgate, a condutora do outro veículo foi colocada na ambulância para receber seus cuidados – um procedimento obrigatório, que não dependia da gravidade do acidente. Sem mencionar que ela ainda precisaria responder algumas perguntas que seriam feitas pelas autoridades de Fordville, mesmo que os peritos que estavam na pista do acidente já tivessem quase certeza de que a culpada pela tragédia tivera sido Rachel Sawyer.

Ao averiguar alguns panfletos e documentos que estavam guardados no porta-luvas do carro de Brandon, o policial não demorou ao conectar Rachel a ele. No banco do carona, havia um ingresso especial para a entrada no evento beneficente em *Fordville Convention*, sem mencionar uma foto do casal dentro da carteira de Rachel.

- Esta garota era namorada do vocalista da banda que tocará hoje no festival. – disse o policial para seu colega. – Walter, você pode comunicar o pessoal da banda?

- Mas por que eu...

O outro policial o encarou com olhares frios, interrompendo toda a argumentação que Walter tinha a fazer.

- Eu odeio esse trabalho. – respondeu Walter, se encaminhando para o evento onde daria a pior notícia da vida de Brandon.

*

Brandon Browser não conseguiu digerir a notícia dada pelo policial Walter após o show de sua banda e principalmente, após o seu pedido de casamento. Nada passava pela sua cabeça quando o policial estava explicando sobre o acidente que Rachel sofrera. Sua boca estava levemente aberta e seus olhos petrificados enquanto Walter falava sobre a colisão dos carros. O policial até chegou a dar um papel a Brandon com alguns dados do veículo que havia colidido com seu Jipe, caso ele quisesse entrar em contato com a motorista que havia provocado a morte de Rachel – era uma caminhonete vermelha, com a placa de Sant Grove “RCX 554” – mas após ler as informações que estavam ali escritas, Brandon imediatamente amassou o papel e jogou no lixo. Aquilo não traria Rachel Sawyer de volta.

Allan e David chegaram alguns minutos depois, ambos chorando excessivamente. E quando abraçaram seu

companheiro de banda, sem mencionar nenhuma palavra sequer, Brandon começou a enxergar a realidade.

Ele estava em completo estado de choque, pensando que alguém estava fazendo uma brincadeira de muito mal gosto com ele. Mas quem dera se aquilo realmente fosse uma brincadeira...

Brandon se ausentou, ignorando o calor afetivo que David e Allan estavam proporcionando. Ele simplesmente saiu andando para fora do evento sem escutar todas os pedidos de autógrafo da platéia que havia explodido com a força da banda Atlanta. Porém, essa força que Brandon proporcionava em seus shows, era muito menor do que a força esmagadora que pressionava seu coração e se intensificava a cada segundo.

Ele saiu de *Fordville Convention*, andou durante alguns minutos e depois de encontrar um lugar calmo e tranqüilo, se sentou em um banco que tinha sido alvo de pichadores e grafiteiros. Ele observava a lua e as estrelas que brilhavam veementemente naquela noite de sábado, tentando obter alguma resposta que fizesse sentido. Mas ninguém o respondeu.

Nenhuma lágrima tinha saído ainda pelo rosto de Brandon Browser, mas mal ele sabia que secaria por dentro de tanta autopunição. Quanto mais ele fosse aceitando a verdade que o destino lhe trouxera, mais ele sentiria o peso do mundo em suas costas.

Brandon adormeceu ali mesmo, no banco de uma rua qualquer sobre o luar, rezando para acordar no dia seguinte ao lado de Rachel e pensando que tudo aquilo não tinha passado de um terrível pesadelo.

Com certeza não era.

Ele acordou na manhã daquele domingo com alguns pingos de chuva caindo do céu, como se fossem necessários para lavarem sua alma, que no momento, parecia estar amaldiçoada. Brandon não se importou com a chuva e naquele momento, a água que caía do céu se misturava com aquela que seus olhos entristecidos derramavam pela primeira vez.

Brandon Browser vagou por algumas ruas de Fordville como se estivesse sendo arrastado. E em uma dessas ruas, seus parceiros de banda o encontraram.

- Ei Brandon – gritou David dentro de seu carro, enquanto o mundo caía do lado de fora. – o que você está fazendo? Entre aqui no carro e vamos voltar para Sant Grove.

Brandon pareceu não escutar e continuou andando olhando fixamente para o chão. Então, Allan saiu do carro imediatamente, despreocupado com a chuva que o encharcava.

- Meu irmão – falou Allan abraçando Brandon, sem ser retribuído. – eu sei que você está péssimo. Acredite, todos nós estamos... mas você precisa vir conosco. Não podemos ficar mais aqui.

Brandon olhou diretamente nos olhos de Allan e mostrou um pequeno sorriso sarcástico. Sem mencionar nenhuma palavra, se virou e saiu andando, ignorando a presença de seus amigos. David saltou para fora do carro e foi em direção a Brandon juntamente com Allan. Eles precisavam levar um soldado ferido de volta para casa, mas para que isso acontecesse, era necessário mexer nas feridas.

- Você é um covarde de merda – gritou David enraivecido, o que fez com que Allan se surpreendesse. Afinal de contas, David sempre fora o mais calmo dos três e nunca tinha agido daquela forma anteriormente.

Brandon voltou seu olhar enfurecido para David, como se o baterista da banda Atlanta tivesse dito as palavras proibidas. Ele acelerou os passos de volta em direção a David e sem pensar, deu um soco no lado esquerdo do rosto de seu amigo.

Allan correu para apartar.

Era horrível sentir a perda de uma pessoa querida; ver seus amigos entrando em conflito por causa disso, era insuportável. Mas talvez essa fosse a real intenção do agredido.

- Muito bem – falou David. – agora você está começando a encarar os problemas de frente, como um verdadeiro homem.

Brandon cedeu e abraçou seus amigos. Naquele instante, ele desabou, jorrando lágrimas e soluçando sua dor enquanto a chuva caía fortemente.

Posteriormente, os três entraram no carro de David e foram em direção a Sant Grove. Mas Brandon ainda não estava preparado para encarar a realidade de sua vida.

CAPÍTULO 8

Rachel Sawyer seria enterrada no Cemitério Van der Sant naquela manhã fria de segunda feira. Com uma área total de cento e quarenta mil metros quadrados, um amplo estacionamento, capela, floricultura e lanchonete, o cemitério agregava um número incontável de túmulos. E naquele dia, mais uma pessoa descansaria para sempre naquelas redondezas.

Amigos, colegas da faculdade Brunis, os poucos familiares de Rachel, inclusive Edward e Hilary, chegavam aos poucos para prestar ajuda e afeto a Edward, Denise e sua melhor amiga Lilian. Pois dentre todos, estes eram os mais abalados naquele lugar.

James Sawyer chegou de táxi junto com Denise, que agora era sua única filha. Aparentemente, desde que soubera do acidente de carro de Rachel, ele não tivera mais coragem de pegar no volante e dirigir normalmente, como antes fazia. Notava-se que ele estava incapaz de levar a vida da maneira que costumava. James usava um terno preto, uma camisa de botão cor salmão por dentro e, um óculos de sol *Ray-Ban* para esconder suas fortes olheiras provenientes de sua falta de sono. Denise Sawyer usava um vestido preto longo e uma flor branca que arrastava seus cabelos com mechas loiras para trás de sua orelha. Ela carregava uma pequena caixa de lenço de papel para secar as lágrimas ininterruptas. Em poucos instantes, todos os lenços já tinham sido usados.

Allan e David também compareceram. Os dois deram um forte abraço em Lilian que, assim como Denise, não conseguia conter suas emoções. Era difícil saber que

sua melhor amiga não estava mais viva, mas mais difícil ainda, era saber que uma pessoa tão jovem e que ainda tinha muito para viver, se fora para sempre.

- Como isso foi acontecer? – Lilian perguntou a eles, como se não tivesse escutado inúmeras vezes, de forma detalhada, como Rachel havia morrido.

- Me desculpe. – Allan respondeu olhando para o chão.

O sepultamento iria acontecer em poucos minutos. E quando todos estavam entrando na sala onde o caixão de Rachel se encontrava, James não conseguiu entrar. Ele simplesmente não conseguiu encarar a realidade de que nunca mais receberia um abraço caloroso de sua filha, nunca mais veria aquele sorriso lindo que lembrava sua falecida esposa e que nunca mais teria Rachel Sawyer ao seu lado. A pior dor de um pai é ver o próprio filho partir... James agora havia experimentado tal sensação.

O caixão estava completamente fechado, já que o acidente tinha deformado fisicamente Rachel Sawyer. Mas as deformidades eram ainda maiores no interior daqueles que a conheciam, principalmente em algumas pessoas. Mas um único coração estava de fato, mergulhado em uma profunda depressão e quebrado em milhares de pedaços, de tal forma que não era mais possível enxergar o “lado bom da vida”.

Após Rachel ser enterrada, a maioria das pessoas compareceu a capela para fazer suas orações. A capela era ampla e clara, com uma pequena estátua de Jesus Cristo pregado na cruz, ao centro. Havia também, doze quadros espalhados com imagens de momentos marcantes na vida de Jesus. Denise e seu pai estavam na primeira fileira,

ajoelhados e com as mãos fortemente dadas. Eles não soltariam até sair daquele cemitério.

- Eu sinto muito James. – falou Edward Browser, interrompendo a conversa que o pai da falecida estava tendo com Deus.

Repentinamente, James olhou nos olhos de Edward, como se fosse possível enxergar sua alma. Os dois tinham criado um laço de amizade forte desde que Brandon e Rachel começaram a namorar e isso era ótimo para aquele casal que vivia a plenitude da vida e para James, que desde que se mudara para Sant Grove, não tinha mais contato com a maioria de seus velhos amigos. Edward e James saíam para tomar cerveja, assistir a jogos de baseball e praticar futebol todos os domingos. Mas naquele momento, James não estava com vontade de falar com seu amigo, muito menos comentar sobre o acidente de sua filha. James então fechou os olhos e continuou a rezar por sua filha.

Edward não conteve suas lágrimas. A tensão tomava conta de todo aquele ambiente e em sua volta, só havia lágrimas e desespero contido no coração de todos.

- Senhor Browser? – sussurrou uma voz atrás dele.

Era Lilian Brooke.

Edward sabia que Lilian era amiga de seu filho, já que o mesmo sempre comentara com ele sobre a forte amizade que Rachel tinha com Lilian, sobre as festas frequentes que aconteciam na casa dela e como Allan se insinuava para cima dela, sem sucesso.

- Sou eu mesmo. – respondeu Edward. – como vai?

- ele perguntou só para manter sua educação, mesmo sabendo qual seria a resposta.

- Péssima! – ela replicou, enquanto os dois caminhavam para fora da capela.

- Eu também.

A poucos metros da capela, havia um jardim com vários tipos de flores – rosas, tulipas, lírios, violetas e orquídeas – Uma mescla de cores dava um ânimo sucinto ao cemitério, mas suficiente para Lilian se sentir pouco melhor. Ela parou e observou enquanto James a acompanhava.

- Por que Brandon não apareceu? – ela perguntou, continuando a conversa.

Edward respirou fundo, como se fosse doloroso demais ter de responder a tal pergunta.

- Para falar a verdade... eu não sei. Nós não falamos com ele depois que... – Edward travou, enquanto uma lágrima escorria pelo seu rosto.

- Eu imagino – Lilian continuou. – deve estar sendo muito difícil para ele. Mas Rachel iria adorar que ele estivesse aqui. Ele não pode simplesmente abandoná-la, como se nada tivesse acontecido. – ela olhou nos olhos de Edward. – Ele não pode.

Edward tomou fôlego mais uma vez, mas antes que pudesse continuar a conversa com Lilian, David e Allan apareceram ao seu lado e fizeram a mesma pergunta sobre Brandon. Os dois sabiam que ele não teria a resposta, já que muito provavelmente Brandon estaria incomunicável.

Edward balançou sua cabeça enquanto derramava lágrimas anunciando que não sabia absolutamente nada sobre o filho. Na verdade, ele estava muito preocupado com Brandon, já que ninguém sabia o que estava se

passando pela cabeça de um garoto que outrora estava presenciando o momento mais feliz de sua vida.

Allan e David o abraçaram.

Pouco a pouco, as pessoas foram se despedindo de Rachel e dos que ali estavam presentes com muito carinho. Era hora de seguir em frente com a vida, que a qualquer momento, poderia mudar de direção. Mas antes de ir embora, Hilary deu as mãos para seu marido Edward e colocou uma carta no túmulo de Rachel. Ela tinha escrito um enorme agradecimento a sua nora assim que soube que Brandon a pediria em casamento, já que Rachel fazia de Brandon, o homem mais feliz do mundo. Mas essa felicidade agora tinha sido tirada dele e ninguém sabia se iria voltar. Hilary e James se despediram mais uma vez de Rachel e foram embora para casa. Eles sabiam que teriam de ter uma sincera conversa com o filho.

James e Denise Sawyer foram os últimos a sair do Cemitério Van der Sant. Talvez porque queriam ficar mais um pouco com Rachel, ou talvez porque seria muito difícil voltar para casa e ver que o quarto dela estaria vazio. Mas uma hora, todos teriam de se reerguer ou sucumbir para sempre.

CAPÍTULO 9

Já havia se passado um mês desde a morte de Rachel Sawyer e Brandon ainda não tinha apresentado nenhum sinal de superação. Seu mundo estava tão frio, depressivo... tão morto. Brandon não se alimentava direito, não dormia direito, tampouco exercia as atividades que antes melhoravam seu astral. Os instrumentos musicais foram deixados de lado juntamente com o trabalho na loja de seu pai Edward.

Os pais de Brandon e seus amigos Allan e David o visitavam com frequência, mas invés de encontrar Brandon Browser, se deparavam com um fantasma que aparentava ter muito mais do que sua idade verdadeira. Sua barba estava grande e os olhos que outrora eram chamativos, pareciam cinzas que restaram de uma fogueira.

Naquela sexta feira em especial, Edward Browser, sem nenhuma companhia, foi visitar seu filho. Todas as vezes que o pai de Brandon passara em sua casa para vê-lo, ele aparecia com Hilary. Desde o trágico acidente não houve mais uma conversa, de coração para coração, entre pai e filho.

Edward dirigiu até onde Brandon morava imaginando o que poderia dizer a seu filho, pensando em alguma coisa que, de alguma forma, trouxesse um pouco de esperança, um pouco de amor ao seu coração.

Edward estava vestindo um casaco cinza do time de futebol que ele e James jogavam – e isso foi feito propositalmente. Ele sabia que aquilo faria Brandon se lembrar de Rachel Sawyer – já que o casal apaixonado sempre ia às partidas em que o time de seus pais jogavam –

e assim, James poderia mostrar de que ele não precisava viver afundado em suas mágoas e tampouco esquecer da garota que amava, mas sim, aceitar o que aconteceu e seguir sua vida como todos pareciam estar fazendo.

Ao chegar à casa de seu filho, Edward bateu com força na porta, já que a campainha estava quebrada e Brandon desistira de concertá-la. Em poucos segundos, Brandon o atendeu. Ele estava vestindo uma blusa preta amarrotada, uma calça de moletom cinza e meias grossas. Estava sujo e parecia não tomar banho havia alguns dias. Sem mencionar sua notável perda de peso, seu cabelo oleoso bagunçado e sua aparência derrubada.

- Olha só quem apareceu. – ele falou ao seu pai quando atendeu a porta com pouco entusiasmo.

Edward o analisou com seus olhos. Era horrível ver o filho naquele estado.

- Filho – Edward respondeu com sua voz trêmula enquanto o abraçava.

O abraço não foi retribuído. Não havia mais carinho, amor, afeto ou qualquer outra coisa boa no mundo em que Brandon estava vivendo. Antes, esses sentimentos vinham com uma carga emocional intensa, mas anteriormente, Brandon tinha a presença Rachel ao seu lado.

- Será que posso entrar? – Edward perguntou.

Brandon abriu espaço e Edward entrou.

A casa não estava suja, por incrível que pareça. Mas Brandon também não tinha trabalho de fazer qualquer atividade que provocasse uma desordem. Havia apenas lençóis e travesseiros jogados pelos cantos da casa, já que ele simplesmente vivia deitado ou vendo programas de

televisão. Mas o que não era visível, era que quando seu coração apertava e a saudade batia, ele lia obsessivamente todas as cartas que Rachel lhe escrevera durante todo o tempo em que eles namoraram. Brandon também se pegava olhando todas as fotos que ele tinha de sua falecida namorada, observando todos os mínimos detalhes, derramando lágrimas frias de ódio e culpa.

- Filho – chamou Edward, já sentado no sofá da sala de Brandon. – será que nós podemos conversar?

Brandon olhou torto.

- De novo? Nós já não fizemos isso umas mil vezes nesse último mês? – Brandon perguntou impaciente.

- Meu filho, você está péssimo.

- Pai – continuou Brandon. – se você veio aqui para me falar isso, sinceramente... você já pode ir embora. – ele disse exaltando sua voz, despercebido de que feria gravemente os sentimentos de seu pai. – Eu não preciso da sua ajuda, da ajuda da mamãe, de ninguém. Só quero ficar sozinho. – Brandon respirou um pouco, voltando a lucidez e abaixando a voz. - Isso é difícil de entender?

Para Edward, era complicado ouvir tais palavras saindo da boca do filho. Mas se ele quisesse surtir algum efeito em Brandon, teria de ser mais austero. Afinal de contas, todo o apoio que seus familiares estavam dando, não estava trazendo o bom e velho Brandon de volta para a realidade.

- Garoto – falou Edward em um tom de voz alto. – você acha que isso é só problema seu? Você acha que sua mãe não está sofrendo ao ver você desse jeito? Eu posso não saber como é perder a pessoa que você mais ama no mundo, mas se você continuar assim, tenho certeza de que

vou saber. Porque eu sinto que estou perdendo sua mãe e sinto que estou perdendo você. – ele disse lacrimejando.

Brandon olhou para o chão como se não tivesse gostado de ter escutado tais palavras. Ele sabia que aquilo era verdade, porém, era muito mais fácil continuar sua depressão inacabável do que voltar para a vida e encarar as trovoadas que o destino estava trazendo toda vez que ele recorria às suas lembranças.

- Eu sei que Rachel era o amor da sua vida, que você iria pedir a mão dela em casamento – Edward continuou ignorando o desânimo do filho. – mas ela se foi e isso não quer dizer que você precisa ir junto. Pense no que ela iria querer que você fizesse. Com certeza não seria ficar deitado o dia inteiro parecendo um homem que não tem onde morar, não tem o que comer. Você está um lixo, Brandon.

Edward encarava seu filho nos olhos. Suas palavras sinceras mostravam o egoísmo de Brandon, ele não poderia continuar daquele jeito.

- Pai – Brandon começou a falar enquanto tirava seu cabelo dos olhos. – eu sei que você está certo. Eu só não vejo como posso ser eu mesmo outra vez... é simplesmente impossível.

- Talvez você não precise ser o que era antes. Basta apenas você renovar quem você é e continuar vivendo.

Brandon estava entendendo o que seu pai queria dizer. Em algum lugar, no fundo de seu coração, os pedaços estilhaçados pareciam querer ter coragem para lutar contra o peso que a morte de Rachel Sawyer trouxera. Aquilo levaria muito tempo, mas era necessário.

- Eu prometo que vou tentar mudar - disse Brandon, com um pequeno brilho em seu olhar. - e já sei o que eu tenho de fazer para começar a ser uma pessoa melhor.

*

O tempo estava nublado e com fortes rajadas de vento naquela tarde de domingo. Um ótimo dia para ficar em casa e tomar um chocolate quente, mas não para Brandon Browser. Ele poderia muito bem continuar com a sua rotina deprimente e degradante, mas resolveu sair de casa e lidar com assuntos que ainda estavam pendentes.

Depois de tomar um café da manhã vitaminado, Brandon subiu até seu banheiro, fez a barba e tomou um longo banho gelado, como não fazia já havia um tempo. Não que ele tivesse largado a tristeza autodestrutiva de lado, mas que ele tinha se sentido um pouco melhor em cuidar de sua saúde e aparência, ninguém poderia negar.

Ele vestiu uma camisa branca da banda The Who, uma calça jeans clara, calçou seus tênis e saiu de casa não se importando com o temporal que estava se formando.

Brandon caminhou firmemente até a casa onde Rachel Sawyer morava. Ele precisava, de alguma forma, sentir que era capaz de agüentar - para sempre - a ausência de Rachel.

A cidade estava calma - não havia pessoas passeando nas ruas com seus animais de estimação, brincando com seus filhos nos parques e tampouco apreciando o sabor da natureza - todos estavam no conforto da casa onde moravam. Mas Brandon já estava

cansado de ficar em sua morada. Ele sabia que mais cedo ou mais tarde, precisaria inverter a situação de sua vida, ou acabaria machucando o coração das pessoas que mais se importavam com ele.

Ao chegar à casa da família Sawyer, Brandon estagnou. Parecia estar petrificado e que os movimentos de seu corpo não obedeceriam mais os seus comandos. Era horrível ver - pela primeira vez depois do acidente - a casa onde Rachel Sawyer passou a maior parte de sua vida. Como ele poderia bater na porta, entrar lá dentro e ver o quarto de Rachel vazio?

Um rápido filme passou pela sua cabeça, como se tivesse assistido todos os momentos em que ele passara com Rachel naquele lugar. Todas as noites de amor que pareciam mágicas, agora estavam tão distantes e congeladas no passado. Se pelo menos ele pudesse entrar em uma máquina do tempo e voltar. Se pelo menos ele tivesse mais um dia ao lado de Rachel...

Brandon não tinha.

Pouco a pouco, ele foi dando passos para trás, retornando o caminho que tinha feito. Mas parou... respirou fundo e foi até a casa que amedrontava sua imaginação.

Brandon bateu na porta, enquanto sua mão tremia fortemente.

- Brandon? - Denise perguntou ao vê-lo. Ela não conseguia acreditar que ele finalmente tinha aparecido.

- Oi Denise. - Ele respondeu, ainda parado em frente a porta da casa.

A cabeça de Denise parecia girar. Ela estava tão confusa e tinha tantas coisas para perguntar para Brandon que não sabia por onde começar.

- Por que...

- Posso entrar? – Brandon perguntou, interrompendo-a.

Denise assentiu com a cabeça e os dois se puseram para dentro da casa.

Por um longo momento, nenhum dos dois pronunciou uma palavra. Denise apenas ficou observando Brandon olhar minuciosamente a casa e tocar os retratos com fotos de Rachel. Brandon estava maravilhado e pela primeira vez depois da perda do seu amor verdadeiro, ele abriu um sorriso sincero enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas.

- Me desculpe. – Brandon falou soluçando, enquanto chorava.

- Por que você não apareceu no velório? – Denise perguntou, enquanto acalmava Brandon com um forte abraço.

Brandon parou e olhou nos olhos de Denise. Mas de repente, ele hesitou. Como se garras afiadas rasgassem seu coração que tentava se reerguer. Brandon não conseguia ficar ali, ele tinha de ir embora.

- Me desculpe Denise – disse ele. – eu preciso ir embora... me desculpe.

Mas ao virar em direção a porta para ir embora. Brandon se deparou com James, que acabara de chegar em casa e o observava com sacolas do supermercado ainda em suas mãos.

Brandon suou frio.

James largou as sacolas no chão e veio andando lentamente até Brandon. Seu olhar continha raiva, ódio e sentimentos normais de um pai que acabara de perder a filha. James não se conteve e em um piscar de olhos, deu um soco no rosto de Brandon.

- Você matou minha filha! – gritou James enquanto Brandon permanecia caído no chão da sala. – Eu confiei em você, achei que cuidaria dela. Mas você a deixou morrer.

Denise imediatamente apareceu para apartar. Mas era evidente de que James era mais forte do que sua filha. Obviamente, a ajuda de Denise era ineficaz.

Do ponto de vista de Brandon, James estava mais do que correto em acertá-lo, como tinha acabado de fazer. Todas as pessoas que conversaram com Brandon até então, alegaram de que ele não fora responsável pela morte de Rachel Sawyer, mas isso contradizia fortemente com o que ele mesmo achava e sentia. Brandon precisava de alguém que não sentisse pena dele, alguém que não sentisse piedade.

- Levante – James falou, sem conter sua raiva. – você não tem coragem de olhar nos meus olhos depois do que fez? Olhe nos meus olhos e diga que você matou minha filha! – ele berrava enquanto levantava Brandon pega camisa.

- Pare com isso, pai! – Denise gritava. – Nada disso vai trazer Rachel de volta.

James acalmou seus nervos e então, não demorou em derramar suas lágrimas.

Brandon estava jogado ao chão, transparecendo um sofrimento enorme. Se ele ao menos tivesse esperado

Rachel se arrumar para ir com ela ao show em Fordville, com certeza toda essa situação teria tomado outro caminho.

- Brandon. – falou James, agachando ao lado do namorado de sua falecida filha. – me desculpe. Eu não sei o que deu na minha cabeça. Você não... Brandon... – ele tentou dizer, enquanto soluçava.

Denise abraçou seu pai.

- Vai ficar tudo bem pai – ela falou. – eu juro. Vai ficar tudo bem.

- Eu preciso ir para casa. – disse Brandon enquanto olhava fixamente para o nada.

O coração de James apertou ainda mais ao ver a imagem de Brandon – um garoto que antes era tão alegre, tão feliz e que agora estava desabando num precipício sem fim. Ele não poderia simplesmente deixar o garoto que fez sua filha feliz por vários anos ir embora. James sabia, no fundo de seu coração, que Rachel foi culpada por sua própria morte, a única responsável pelo acidente. Mas isso não era algo fácil de aceitar, nem para Brandon, nem para James.

- Por favor, Brandon – ele disse. – não vá embora.

*

Naquela noite, Brandon permaneceu na casa da família Sawyer para o jantar e James preparou uma lasanha com molho vermelho. Todos comeram e se deliciaram com a comida de James, inclusive Brandon, que não estava com muita fome, mas optou por ser educado e evitar dizer “não”.

- Então me conte – Denise começou a falar, enquanto ainda mastigava sua comida. – quer dizer que você iria se casar com a minha irmã?

- Denise – interrompeu James. – eu não sei se essa é uma boa hora para...

- Tudo bem, James – continuou Brandon. – eu até gosto de falar sobre isso. Me sinto bem.

Por um breve momento, Brandon sorriu e imaginou como seria estar casado agora com Rachel, então ele começou a falar:

- Eu tenho certeza que ela iria aceitar. Foi um momento mágico quando fiz o pedido de casamento.

Brandon contou detalhadamente a viagem que os dois amantes fizeram até Fordville -o hotel onde ficaram, o divertido jogo de cartas no cassino, o show beneficente – eram ótimas memórias que ficariam guardadas na mente de Brandon para sempre. Boas lembranças que nunca se apagariam. Uma bela fotografia de certa pessoa que, um dia, fez sua respiração parar.

- Eu também tenho certeza de que ela aceitaria – James falou, enquanto apertava a mão de Brandon. – você sempre foi a pessoa certa... sempre foi você. Me desculpe pelo modo que agi hoje.

Brandon sorriu.

- Obrigado James – agradeceu Brandon. – é muito bom escutar isso.

Todos continuaram comendo.

Quando terminaram. Brandon se prestou a ajudar James e Denise com a louça. Ele enxugou os pratos que eram atenciosamente lavados por Denise, enquanto James arrumava a mesa. Com certeza, momentos como este

aconteceriam com menos frequência a partir de agora, mas era impossível Brandon deixar seu passado totalmente para trás. Ele ainda queria voltar à casa da família Sawyer muitas outras vezes, fosse para ter lembranças do tempo maravilhoso que tinha com Rachel, fosse para conversar com James e Denise sobre assuntos cotidianos.

Caminhando de volta para casa naquela noite fria, Brandon estava se sentindo muito mais leve. Era possível fechar os olhos e sentir o forte vento acalmando vagarosamente suas tensões. De alguma forma inexplicável, Brandon sabia que Rachel estava feliz por sua disposição crescente no interior de seu coração abalado. Sua moradia parecia estar mais aconchegante. A vontade de superação começava a dar sinais de vida.

*

Quando chegou em casa, Brandon se deitou no sofá de sua sala e, sem perceber, fechou os olhos.

Repentinamente, ele estava de volta a Fordville com Allan, David e Rachel. Um objeto redondo fazia um pequeno volume no bolso de sua calça... um objeto de extrema importância que seria declarado como a maior prova de amor de toda a sua vida.

O show da banda Atlanta estava prestes a começar. Seu coração batia forte enquanto o relógio não demonstrava que o tempo estava passando. Ele queria que aquele momento logo chegasse. Brandon queria saber a resposta que mudaria sua vida para sempre.

A banda entrou no palco e a multidão pulava extasiada, mas apenas uma presença era notada. Como se

uma luz do céu descesse e a fizesse brilhar, deixando todo o resto da platéia na escuridão – lá estava ela, Rachel Sawyer. Despercebido anteriormente, Brandon notou que toda a agitação daquela multidão não produzia nenhum som sequer.

Brandon só conseguia escutar uma única coisa... o som do coração de Rachel Sawyer.

Sem pensar duas vezes, ele largou sua guitarra e ignorando aquele mar de gente, andou até Rachel e perguntou:

- Você quer casar comigo?

Rachel sorriu.

É lógico que um pedido desses seria impossível de negar. Rachel sonhava acordada todos os dias de sua vida, quando e como seria o casamento dela com Brandon Browser.

- É claro que eu aceito – ela respondeu.

E quando os dois finalmente foram se beijar, Rachel começou a se distanciar cada vez mais de Brandon, como se ela fosse levada pelo vento e não tivesse mais permissão de voltar aos braços de seu amor.

Brandon não conseguiu escutar mais nada. Estava tudo silencioso novamente.

Ele acordou no meio daquela noite suando frio. Aquele sonho tinha sido tão real e atormentador. Mas fora bom poder estar com Rachel mais uma vez, sentir a sua pele por pelo menos um segundo.

Brandon se levantou e pegou seu violão. E no meio da madrugada, tocou a canção que ele escrevera para sua namorada.

CAPÍTULO 10

Havia muito trabalho a ser feito na loja de automóveis de Edward Browser. Pelo que parecia, o destino tinha escolhido justamente a época que Brandon estava indisponível para atarefar Edward, de modo que ele ficasse sufocado. Mas nenhum sufoco era equivalente aos olhos de um pai ao ver o filho no fundo do poço. Felizmente, essa situação logo se transformaria e a vida da família Browser – que antes parecia ser moldada perfeitamente – iria seguir um rumo diferente e andar por novos trilhos.

Ao acordar no meio da madrugada após aquele sonho que não saía de sua mente, Brandon decidiu que deveria voltar a respirar, mesmo que esse processo acontecesse lenta e progressivamente. Ele não conseguiu voltar para a cama, como já esperava. Então, lavou seu rosto e saiu de casa enquanto ainda era noite, sem trocar as roupas que tinha dormido.

Ele correu desesperadamente sem nenhuma explicação até a Colina Grove, que ficava pouco mais de um quilômetro de onde Brandon morava. De lá, era possível ter uma bela vista da cidade de Sant Grove – todas as casas, pequenos prédios que há pouco tinham sido construídos, caminhões passando no meio da madrugada – mas essa vista só era excessivamente emocionante se você apreciasse o nascer do sol e Brandon estava lá para isso.

Assim como o lago de Fordville, a Colina Grove era um ponto famoso da cidade Sant Grove, onde muitas pessoas se encontravam nos finais de semana para fazer

um piquenique, deitar na grama esverdeada, observar as estrelas que chegavam com a noite, brincar com as crianças. Mas naquele exato momento, Brandon estava sozinho.

As chamas de um sol que antes parecera se esconder na vida de Brandon, começara a aparecer. Uma bola de fogo imensa nascendo através das montanhas que limitavam a cidade de Sant Grove. Era realmente uma imagem muito bonita e Brandon nunca tinha dado o real valor para aquilo. Algo tão especial que acontece diariamente e estabelece uma alegria triunfante para os observadores atentos e que não é apreciado da maneira que realmente deveria.

Brandon sorria como uma criança.

Ele estava enxergando a verdadeira beleza que o mundo podia proporcionar. Os animais acordavam lentamente com o nascer do sol – pássaros alçavam seus vôos, pequenos esquilos corriam de um lado para o outro – e então ele soube: ainda havia muita vida dentro de seu coração.

Depois de permanecer ali por duas horas. Ele decidiu que era hora de voltar para casa, voltar para sua vida. Mas não a vida cheia de rancor e mágoa, mas sim aquela que antes ele conhecia muito bem. Ele olhou para a aliança de ouro (que agora permanecia em seu dedo) e agradeceu olhando para o céu pelos ótimos e memoráveis momentos que tivera com Rachel Sawyer.

Pessoas com o semblante revigorado começavam a sair de suas casas para começar a semana novamente. Brandon também estava se revigorando. Em um curto espaço de tempo, Brandon já estava trajando sua camisa

social branca com listras finas em azul-marinho e a calça jeans que ele usava para trabalhar – uniforme básico dos empregados de Edward. Ele pegou sua bicicleta e pedalou até a loja do seu pai, sentindo a harmonia do vento em sua face.

A loja de automóveis de Edward se chamava *Browser Cars* - nome totalmente sem originalidade, do ponto de vista de Brandon. Na entrada do estabelecimento havia uma estátua do bisavô de Brandon, Nathan Browser, segurando um capacete e usando roupas especializadas para corrida. Nathan era um ícone na cidade de Sant Grove. Quando tinha trinta anos de idade, disputou na Europa, as competições de Grande Prêmio. Posteriormente, quando se aposentou, passou a fazer parte da Federação Internacional de Automobilismo, influenciando diretamente para o início da Formula 1.

Era evidente que a paixão por carros corria no sangue de família Browser. E Brandon estava decidido que não deixaria sua grande tristeza atrapalhar esse lance de família.

- Acho que o vovô sentiu saudades. – Brandon disse a Edward, se referindo ao seu bisavô, enquanto Edward estava de costas analisando o capô de um carro que acabara de chegar.

Edward se virou.

- Brandon? – disse, esboçando um sorriso de orelha a orelha.

- Eu pensei no que você disse – Brandon respondeu confiante – e acho que estou começando a querer viver novamente.

Os dois entraram na loja. Seu pai havia feito uma pequena reforma na *Browser Cars*. Antigamente, havia uma pequena cozinha que ficava isolada no canto da loja. Agora, ela fora demolida e uma sala gerencial fora implantada. Sem mencionar a mesa com a máquina de café que se encontrava ao lado dos banheiros (imediatamente se tornou a parte predileta de Brandon em toda a loja). Alguns novos carros tinham chegado também e com eles... Brandon Browser.

- Estou muito feliz em saber que você vai voltar a trabalhar – Edward disse, enquanto tentava tirar seu sorriso da cara. – Não estou dizendo que vai ser fácil e que você não vai sofrer com a falta de Rachel. Mas estou dizendo que você é uma pessoa forte e vai saber lidar com tudo isso.

Brandon o abraçou.

- Então – o filho continuou – você vai ficar me bajulando, ou vai me dar alguma coisa para fazer?

- Você não deveria ter perguntado – Edward disse, enquanto foi andando até seu mais novo escritório.

Brandon entrou juntamente com seu pai. A reforma tinha valido a pena. Lá, um enorme quadro de Hilary segurando Brandon quando ainda bebê tomava conta do ambiente, instalado logo à frente da mesa de Edward, que agora continha dois retratos do filho com a falecida namorada.

Brandon lacrimejou.

- Nossa, pai... – sua voz vacilou.

- Está lindo, não está?

Mas antes que Brandon pudesse responder a pergunta de seu pai, alguém bateu do outro lado da porta.

Era Hilary.

- Minha nossa! – ela falou ao ver Brandon tão diferente do que estava naquele último mês.

Hilary usava um vestido esverdeado, que fez Brandon se lembrar da grama da Colina Grove. Sua mãe também carregava uma sacola com alguns papéis dentro, mas deixou cair no chão ao ver seu filho ali, tão restaurado de seu esmorecimento. Ela lhe deu um abraço de mãe. O típico abraço que a fazia não querer largá-lo.

- Eu senti tanto a sua falta – sussurrou no ouvido de seu filho.

Hilary sabia que aquilo era recíproco.

Brandon poderia muito bem viver na sua fonte de depressão contínua, mas nunca poderia deixar de lado a preocupação que seus familiares e amigos estavam sentindo com sua pessoa.

- Filho – continuou Hilary – seu amigo Allan não parou de ligar lá em casa. Seus amigos estão preocupados com você... o jeito que você estava agindo – explicou – acho que seria uma ótima idéia entrar em contato com eles... você sabe, dizer o que está acontecendo.

Brandon assentiu.

- Brandon – Edward falou – sua mãe estava vindo aqui justamente para conversarmos sobre você. Mas você sabe... você chegou assim, tão mudado. Meus pensamentos voaram longe e esqueci de avisá-lo sobre a vinda de Hilary.

- E o que exatamente vocês iriam conversar sobre mim? – ele indagou.

Não era um assunto fácil. Principalmente agora que Brandon, com suas próprias pernas, estava seguindo um novo caminho.

- Você estava tão depressivo – disse sua mãe, refletindo se deveria mesmo tocar naquele assunto com o filho. – bom... eu conversei com seu pai. Lembra daquela minha amiga, Isabella?

- Aonde você quer chegar? – questionou Brandon.

- Bom, quando Isabella perdeu seu marido, ela começou a comparecer naquelas terapias em grupo. Achei que seria bom para você.

Para a surpresa de Hilary e Edward, Brandon não se irritou com a proposta que tinha sido feita por sua mãe. Ele falou serenamente com seus pais que terapia em grupo não era o que ele realmente precisava. Brandon achou que iria conseguir se virar sozinho e dar conta do recado. Seria difícil, com certeza. Mas em sua imaginação, terapia em grupo não melhoraria o seu humor de alguma forma.

- Em todo o caso, fique com isso – Edward continuou, dando a Brandon o panfleto com todas as informações do local, o telefone e os métodos adotados em cada reunião.

Brandon não recusou. Guardou o papel em seu bolso como se fosse tão importante quanto um cartão de “refeição grátis” de um restaurante de comida japonesa. Brandon odiava comida japonesa.

- Brandon – Hilary o chamou – você sabe que nós queremos o seu bem. Não vamos falar para você ir a essas terapias. Mas se um dia você precisar botar para fora seus sentimentos mais profundos, seria uma boa idéia dar uma passada. Só por curiosidade.

- Quem sabe... só por curiosidade. – Brandon respondeu enquanto inspecionava alguns documentos necessários para começar o seu trabalho novamente.

Hilary sorriu sutilmente.

Em seguida, Brandon começou a ajeitar as papeladas da loja, uma de muitas de suas funções na loja de Edward.

Ele despediu-se de sua mãe, tomou um café com leite e trabalhou o dia inteiro para encher sua cabeça que rodeava em pensamentos sobre Rachel Sawyer.

CAPÍTULO 11

Chegando em casa depois de trabalhar excessivamente naquela renovada segunda feira, Brandon ligou para Allan. Os dois ainda tinham muito a conversar já que, desde o evento em Fordville, poucas palavras foram trocadas entre esses dois amigos e companheiros de banda.

- Aqui é Allan Green – atendeu apressadamente o telefone, depois de Brandon esperar pelos toques irritantes da linha – quem fala?

- Oi Allan – seu amigo respondeu – sou eu... Brandon.

Allan esperou cauteloso até criar coragem e responder para seu companheiro. Ele sabia que não poderia simplesmente bombardear Brandon de perguntas. Isso o assustaria. Ninguém queria Brandon mais assustado do que ele já estava naquele último mês. Então, ele simplesmente continuou levando a conversa de uma forma simples.

- Oi Brandon. Como vai você?

- Allan – Brandon respondeu. – vamos parar com esse papo.

O valente baixista da banda Atlanta intimidou-se. Ele sabia que delicadeza nunca fora seu forte. Não adiantaria mudar da água para o vinho tão subitamente.

- Cara, não estou agüentando essa pressão – falou Allan desesperado. – estou indo até sua casa agora. E por favor, atenda a porta dessa vez. Está muito frio lá fora – ele disse, mesmo com o tempo ameno.

Brandon ainda estava no meio de sua refeição quando bateram na sua porta. Ele interrompeu o momento mais calmo do seu dia e foi atender. Junto a Allan, estava David, como um garoto prodígio prestador de ajuda ao seu mestre.

Os dois não conseguiam acreditar no que seus olhos estavam enxergando. Era Brandon Browser, novo em folha. Sem a barba de morador de rua e sem os cabelos bagunçados.

- É bom ver você assim, meu chapa – David falou.

- Mas vamos ser sinceros – continuou Allan – nota-se que você ainda precisa encher sua cabeça. Ainda bem que você ligou... pois temos um programa que vai fazer você se sentir bem melhor.

Brandon ergueu suas sobrancelhas.

- Festa na casa de Nick Geisel! – falou David entusiasmado.

- Caras – começou Brandon – eu não...

Mas antes que ele pudesse inventar qualquer desculpa para escapar das garras afiadas de seus amigos, ele foi puxado para dentro do carro de David à força. Era noite de segunda feira e a banda Atlanta estava indo para uma festa. Vida longa às estrelas do rock.

*

A casa de Nick Geisel ficava a menos de três quadras da casa de David Sanders, numa rua escura e com pouco movimento. Porém, naquela noite em especial, pessoas envolvidas no meio musical, vagabundos

desempregados e garotas sem nenhuma perspectiva na vida, tornavam o local movimentado e estrondoso.

Brandon ainda trajava a roupa que havia usado durante o dia inteiro na loja de seu pai. Ele sabia que precisava de um pouco de diversão mas, naquele momento, ele só precisava tomar um banho e descansar, diferente de Allan e, principalmente, de David, que trocara sua noite de estudos por uma noite rebelde na casa do produtor da banda Atlanta.

Do lado de fora da casa de Nick Geisel, pessoas conversavam tranquilamente com latas de cerveja em uma mão e cigarros noutra. Do lado de dentro, pessoas já estavam caídas de tanta bebida ou qualquer produto ilícito. Aquele não era o lugar certo para uma pessoa como Brandon Browser, nunca tinha sido. Mas Allan se divertia em ambientes semelhantes aquele e, de vez em quando, David se sentia atraído em trocar seus estudos por algumas garotas.

- Acho melhor eu voltar para casa. – disse Brandon, enquanto David já estacionava seu carro atrás de um Fusca velho e enlameado.

- É lógico que é melhor voltar para casa – Allan disse, surpreendendo seus amigos – como é melhor Robin ir ajudar seu companheiro Batman contra o crime – falou olhando para David – Mas essa noite todos nós vamos relaxar um pouco e curtir – ele completou.

Brandon sabia que não seria possível sair daquela situação tão facilmente. E no momento que os integrantes da banda Atlanta deixaram o carro e partiram em direção à casa de Nick Geisel, duas garotas – uma negra e uma morena de olhos verdes – vieram azarar os garotos.

- Garotas, tenho de ir lá dentro encontrar Nick. -
Brandon desviou educadamente.

Ele não seria grosseiro ao ponto de repudiar a atenção de uma garota, principalmente em uma festa onde conversar com pessoas que você não conhece é algo normal. Mas Brandon realmente não estava a fim de se relacionar com alguém, simplesmente não parecia certo naquele momento.

- Tudo bem garotas – continuou Allan. – nós somos bem mais interessantes do que ele – brincou.

As garotas riram, enquanto Brandon se direcionava para dentro da moradia de Nick Geisel. Era uma casa pequena, com apenas um andar. Mas Nick era um exímio decorador, assim como Hilary Browser. Quando ele não estava produzindo bandas regionais, ocupava seu tempo pintando quadros excêntricos e comprando móveis e utensílios, para espalhar pelos cômodos de sua casa.

“Minha casa é a mais moderna dessa cidade. Por isso, é a melhor para dar festas”, Nick sempre dizia. Mas naquele momento, esse modernismo estava sendo confundido com bagunça e desordem. Pessoas jogavam *beer-pong* desvairadamente na sala, cozinha, nos quartos, o banheiro estava em estado lamentável e o mais surpreendente... Nick não estava ligando para nada disso.

- Eu não *acredito*! – Nick berrou do outro lado a sala, fazendo com que as pessoas imaginassem que algo terrível tivesse acontecido.

Brandon olhou assustado.

- Meu querido – o produtor de sua banda continuou. – que bom que você está aqui. Eu... bom... eu

estava muito triste sabe? – murmurou Nick completamente bêbado.

- Por que estão acabando com a sua casa? – Brandon perguntou no mesmo momento em que uma garota vomitava no canto da sala.

Talvez Nick acordasse no dia seguinte com uma baita dor de cabeça e se arrependesse de ter dado aquela festa em sua casa, como sempre acontecia. Mas sua tristeza, como ele mesmo disse, não estava ligada a sua moradia arruaçada – pelo menos não naquele momento.

- Eu estava triste por você, meu amigo – Nick disse remoendo as palavras enquanto abraçava Brandon. – Você sabe... ninguém estava conseguindo falar com você direito. Achei que nunca mais poderia ver a Atlanta tocando novamente.

- Por falar na banda, eu não acho que...

- Não fale nada – interrompeu Nick – apenas veja isso e aprecie.

Nick apressou seus passos até o som – que no momento tocava a música “Money” do Pink Floyd – e o desligou. As poucas pessoas conscientes o bastante para se importarem com a trilha sonora da festa emitiram um “aaaaah” entristecido.

- Liga logo esse som, porra! – gritou um cara alto de cabelo rastafári.

- Eu vou ligar – falou Nick cambaleando para o lado esquerdo – mas agora vocês vão escutar uma banda em que eu acredito com todas as minhas forças. Uma banda que, se me permitirem dizer, poderia conquistar o mundo – ele falou enquanto ligava sua televisão enorme.

Allan e David entraram na sala com as garotas com quem estavam conversando na parte de fora da casa.

- Ah – falou Allan para todos – se preparem. Essa é a melhor parte da festa.

Nick imediatamente colocou um DVD. Em seguida, comentou que contratara uma pessoa para gravar o show da banda na noite de Fordville. Ninguém sabia disso – exceto Allan, que acelerou para pegar o controle e colocar na última música do show. Lá, na tela da televisão de Nick, estava Brandon. Declarando seu amor absoluto por uma pessoa que não mais existia. A música “O Silêncio do Coração” começou a tocar.

Estancado ali, Brandon não sabia o que estava sentindo naquele momento.

- Você é tão romântico - disse uma loira tingida para ele – eu adoraria ter um namorado assim.

Brandon ignorou.

Ele não conseguia escutar nada além da música que tocava para sua namorada na *Fordville Convention*. Um sentimento ruim começou a reaparecer em seu coração. Por que estavam fazendo aquilo? Queriam lembrá-lo de como aquele dia tinha sido o pior de sua vida? Aquelas memórias já tinham sido suportadas e cultivadas durante um mês inteiro. Ele simplesmente queria abrir sua mente para o novo mundo. Mas o destino parecia trazê-lo de volta, como se Brandon estivesse amarrado para sempre.

Ele não agüentou e saiu andando em direção à porta.

Allan o barrou.

- O que você está pensando? – perguntou Brandon.

- Cara, eu só achei que...

- Você não achou nada – Brandon continuou, falando exaltadamente – Nada disso está sendo fácil para mim. Me deixe ir embora.

Allan o olhou assustado sem se mover. Ele não sabia que aquilo poderia surtir um efeito tão devastador em seu amigo.

- Saia da minha frente! - Brandon gritou, empurrando-o.

Ele atravessou a porta e saiu andando rapidamente para voltar para o conforto de sua casa. Imagens daquele dia corriam por sua cabeça numa velocidade espantosa. Era difícil retornar àquele fatídico dia em sua memória, justamente quando sinais de superação começava a parecer possíveis. Mas bem que Edward o disse, nada disso seria fácil de enfrentar.

Enquanto andava solitariamente pela rua, David apareceu do nada dirigindo seu carro.

- Vamos Brandon! Eu te levo para casa.

Brandon olhou para o baterista de sua banda. Eram olhos diferentes, que não guardavam mais tristeza e sim ódio – que imaginavam que uma força superior conspirava para ele retornar todas as vezes para aquela sensação apavorante.

- Entre logo Brandon – continuou David sem hesitar. – Aquela morena era muito chata mesmo. Sem falar que eu preciso estudar.

Brandon aceitou a proposta de seu amigo. Mas não declarou nenhuma sentença no caminho inteiro. Ele se despediu de David, agradecendo-lhe secamente, ignorando a boa vontade de seu amigo. Aquilo não tinha dado certo.

Ele sabia que teria de fazer alguma coisa para não viver no fundo de um poço sem ter uma corda para voltar.

CAPÍTULO 12

Sentimentos perversos batiam na porta de seu coração todos os dias, mas era opção de Brandon deixá-los entrar ou não. Ele se sentia num navio prestes a afundar e não sabia se alguém iria retirá-lo daquela situação, ou se ele precisaria tomar as atitudes corretas, sem a ajuda de ninguém. De qualquer forma, ele teria de encarar seu destino.

Ele saiu do trabalho naquele final de tarde de terça-feira e foi para o Clube Mayers – lugar onde se divertia com seus amigos jogando basquete, nadando na piscina olímpica e brincando no parque de esconde-esconde, quando era criança. O clube não ficava tão distante de sua casa. Então, ele apenas guardou sua bicicleta quando voltou do trabalho, tomou um banho, jantou e foi fazer o que considerava certo.

Chegando à entrada do clube, Brandon ficou parado, olhando para dentro do estabelecimento pensando se aquilo seria mesmo uma boa idéia. Praticantes de tênis que já estavam de saída, olharam para aquele garoto misterioso parado em frente ao clube e resolveram prestar ajuda.

- Está perdido garoto? – perguntou o homem mais gordo e também, o mais exausto.

Brandon levou um susto. Ele estava tão concentrado nos seus pensamentos mais interiores que fugiu da realidade, despercebendo a presença daquele grupo de tenistas.

- Ah... hum... – falou Brandon, tentando achar as palavras certas para não parecer um verdadeiro maluco. – eu queria saber onde fica... bom, deixa pra lá.

Todos aqueles homens se entreolharam achando que Brandon fosse um completo endoidecido, contrariando a vontade dele.

- Tudo bem – respondeu o gordo. – Mas, se precisar de ajuda, é só falar com ela – ele disse apontando o dedo para a recepcionista, que parecia estar entediada com o seu trabalho rotineiro.

Brandon agradeceu, mas não foi pedir informações para ninguém. Invés disso, ele apresentou sua carteirinha de sócio e passou pela catraca (mesmo estando com a mensalidade atrasada). Assim, como a loja de seu pai Edward, a parte interna do Clube Mayers tinha sido reformada. Agora, uma grande passarela recebia os sócios na entrada com alguns coqueiros em volta. Ao lado direito, quadras de vôlei, basquete, futebol e tênis eram ocupadas por pessoas saudáveis que não conseguiam ficar sem se exercitar. No lado esquerdo do clube, havia um restaurante, um parque para as crianças, uma sala de jogos e uma sala de reuniões para sócio.

Brandon deu passos lentos e virou para o lado esquerdo.

Sua cabeça rodopiava entre o sim e o não. Suas mãos começavam a tremular, então ele tomou confiança e decidiu: não sairia do clube sem ao menos tentar uma vez.

Brandon bateu na porta da sala de reuniões timidamente. E então, para a surpresa de ambos... Megan Mackenzie atendeu.

Sim, a mulher da noite de pôquer, a mulher que Brandon encontrou na tarde do dia do show em Fordville.

- Brandon? – perguntou Megan, não entendendo o que ele estava fazendo ali.

- Megan? – ele também questionou.

Os dois estavam carregando um enorme ponto de interrogação em suas cabeças. Até onde Brandon sabia, ele estava indo à terapia em grupo que sua mãe Hilary o aconselhara no dia anterior. E Megan não fazia a mínima idéia do que Brandon pretendia.

- O que você... – a voz de Brandon vacilou.

- Eu sou psicóloga – Megan respondeu, enquanto prendia seus longos cabelos loiros. – E trabalho aqui coordenando as terapias em grupo. Você está aqui por... você veio... – ela tentou perguntar.

Brandon assentiu com a cabeça, concordando que estava lá por causa da terapia em grupo.

Seu nervosismo começou a acender. Já era demais ter de se abrir para um grupo de pessoas com problemas internos; se apresentar para uma mulher que ele conhecera a pouco mais de um mês, era impossível.

- Bom – Megan continuou – entre então.

Brandon hesitou, deixando seus pés fixos ao chão.

- Eu não acho que seja uma boa idéia. – Brandon falou.

- Todas essas pessoas não achavam uma boa idéia quando chegaram – Megan afirmou, olhando para as cinco pessoas que estavam ali presentes, depois retornando seu olhar fixamente para Brandon. – Mas eles estão aqui e, agora, pergunte para eles se eles acharam uma má idéia vir até aqui.

Ela não achou que Brandon iria realmente perguntar, mas ele fez.

- Vocês acham que ter vindo aqui foi uma boa idéia? – ele perguntou, olhando para todos.

Havia três mulheres – uma senhora de cabelos tingidos na cor violeta, outra mulher com pouco mais de cinquenta anos, alta como um poste e a última tinha a cabeça raspada e devia ter a mesma idade de Brandon. Os homens pareciam mais tristes. Um era gordo como o jogador de tênis que Brandon encontrara na entrada do clube, outro era loiro de olhos verdes e parecia um modelo modesto demais para falar sobre suas dificuldades. Todos olharam para Brandon afirmando com a cabeça que realmente, tinha sido uma ótima idéia comparecer nas reuniões em grupo de Megan.

- Brandon! – Megan chamou sua atenção, tentando manter seu profissionalismo superior ao sarcasmo daquele garoto.

Ele olhou ao seu redor, fazendo uma cara de insatisfação.

- Vamos! – Megan o incentivou a entrar.

Tremulando, ele cedeu à boa vontade da mulher que conhecera na pior viagem de sua vida. Brandon pensava que naquele momento, entrando naquela sala de reuniões do Clube Mayers, estaria fazendo a pior escolha de sua vida e que aquilo poderia expô-lo ao ridículo de uma forma incondicional. Ele não sabia como aquilo o ajudaria, em um curto espaço de tempo.

- Bom – Megan iniciou sua sessão. – já que temos uma pessoa nova no grupo, acho que devemos nos apresentar.

- Eu já a conheço. - Brandon respondeu teimosamente a Megan.

- Não, você não me conhece - Megan continuou. - A Megan que você conheceu em Fordville não vai vir aqui para jogar pôquer ou irá falar sobre a sua banda de rock. Essa Megan - ela disse apontando para si própria - vai fazer com que essas pessoas possam superar seus problemas.

Brandon ficou indignado com o que aquela mulher estava falando. Em sua cabeça, ninguém além dele mesmo poderia entender sua dor. Como poderiam? Falar sobre seus próprios problemas não iria fazer com que seu coração se sentisse mais aliviado. Pois se fizesse, nenhuma daquelas pessoas estaria ali. Como Megan poderia ter tanta certeza de que melhoraria a vida dele? Brandon não parava de se questionar. Mas enfim, para não parecer rude demais, cedeu.

Ele entrou na pequena sala - que continha apenas mais algumas cadeiras estofadas livres, duas jarras (uma com água, outra com suco de laranja) e um pote com biscoitos de chocolate - e se sentou ao lado da senhora de cabelos violeta e de Megan.

- Como eu havia dizendo - Megan reiniciou. - Acho uma boa idéia nós nos apresentarmos a Brandon.

Com iniciativa e coragem, o homem gordo iniciou sua apresentação. Seus cabelos crépidos cobriam boa parte de seu volumoso rosto, mas não a sua enorme força de vontade. Ele calçava tênis *Converse*, uma calça jeans e uma camisa de guerrilha.

- Meu nome é Patrick - ele disse olhando fixadamente nos olhos de Brandon. - Tenho trinta e

quatro anos. Estou aqui porque depois da morte do meu irmão, comecei a comer feito um maluco... – sua voz vacilou, mas posteriormente ele voltou a se colocar firme, falando dos seus problemas seguintes. – Sabe, essa gula estava me matando. Eu perdi meu emprego, minha mulher e até hoje... estou tentando superar a morte do meu irmão.

Brandon se sentiu. A morte de Rachel Sawyer tinha feito com que ele desabasse. Mas havia pessoas ao seu redor que poderiam estar partilhando dessa mesma dor, desse mesmo sentimento maligno que o corroía diariamente. Mas se Patrick não conseguira superar a morte do seu irmão, como ele poderia?

Após Brandon, foi a vez da senhora de cabelos violeta falar sobre sua história. Seu nome era Elizabeth. Do ponto de vista de Brandon, ela não tinha muitos problemas, já que estava apenas abatida por estar ficando velha, mas sentia um grande amor pela vida e não queria que sua hora chegasse. Mas afinal, quem era Brandon para julgar Elizabeth? Ele apenas ouviu.

- Megan – Brandon interrompeu, enquanto a senhora ainda terminava seu discurso de como é bom viver a vida plenamente. – Sinceramente, eu não acho que esse seja o lugar certo para mim. Eu tenho certeza de que todas essas pessoas têm problemas enormes. Mas eu simplesmente não posso compartilhar o meu...

- Cara – disse a garota com a cabeça raspada. – Eu era exatamente igual a você quando cheguei aqui.

Todos da sala assentiram.

- É verdade – Megan emendou. – Christina relampejava sua raiva toda vez que alguém falava para ficar. Acredito que ela esteja bem melhor agora.

Christina abriu seu sorriso sutilmente. Ela contou sua história e a força de vontade que teve de ter para superar a Leucemia. Pelo que dizia, ela já estava curada, mas ainda tinha pesadelos horríveis da época que teve de passar pela quimioterapia e abandonar a ginástica olímpica.

Quando a outra mulher foi falar de sua vida, Brandon barrou. Ouvir o problema dos outros não estava ajudando em nada, muito pelo contrário, só o deixava cada vez mais deprimido, pois as lembranças de Rachel vinham à tona. Ele se levantou, pegou um *cookie* da bandeja que estava colocada acima da mesa e foi embora da pequena sala de reuniões do Clube Mayers.

Enquanto ele ainda passava pelo restaurante em seu caminho de volta – que no momento estava praticamente vazio – alguém gritou por seu nome. Era Megan que vinha correndo lentamente atrás dele.

- Brandon – ela falou. – por que você está fazendo isso? Nós podemos te ajudar.

Brandon deu uma breve risada sarcástica, como se aquilo que ela acabara de falar fosse uma piada ou algo impossível de acontecer.

- Isso não vai funcionar – Brandon repetiu. – Pode dar certo para todo o resto do mundo. Mas não para mim. Eu entendo que você só está querendo ajudar. Mas eu não preciso de sua ajuda.

Megan entristeceu. Ela sabia que Brandon estava sendo rigoroso demais, porém, se ele pudesse dar o primeiro passo...

- Tudo pode melhorar, eu tenho certeza – ela afirmou. – Mas me diga, o que aconteceu com você?

Brandon abaixou a cabeça. Era óbvio que ele não queria tocar naquele assunto tão delicado. Como se Brandon estivesse sendo protegido por um escudo gigante, seria difícil ele deixar alguém entrar nas profundezas de sua alma e reestruturar sua psique e seu coração.

- Você parecia uma outra pessoa em Fordville. – Megan lamentou.

- Nós conversamos por cinco minutos... – exagerou Brandon, tentando se livrar rapidamente de Megan.

Sem pensar duas vezes, Megan pegou um bloco de notas que estava no bolso de sua calça social, rasgou uma folha e anotou alguns números com sua caneta de cor vermelha.

- Em caso de você precisar conversar com alguém...

Brandon pegou com pouca vontade e colocou no bolso de trás de sua calça. Ele não tinha intenção nenhuma de ligar para ela e só não rejeitou aquele pequeno pedaço de papel porque já tinha sido muito mal educado para um único dia. Então, ele se colocou em seu caminho de volta para casa, pensando que realmente tinha sido uma péssima idéia aparecer na terapia em grupo que sua mãe Hilary lhe aconselhara.

- Nos vemos por aí? – Megan perguntou, quando Brandon já estava a uns dez metros de distância de onde eles estavam conversando.

- Eu acho que não. – Brandon falou quando olhou para trás novamente.

Então, ele desapareceu da vista de Megan.

CAPÍTULO 13

Diariamente, Brandon continuava sua rotina dando um passo de cada vez. Acordava, ia para a loja de automóveis de Edward onde trabalhava até o final da tarde e voltava para sua casa para descansar. Carregava seu corpo de um lado para o outro, fazendo o que devia fazer, mas nada disso parecia melhorar seu astral. O seu passado prazeroso parecia ter escapado de suas mãos e voado para um lugar muito, muito distante.

A sua banda Atlanta, estava mais separada do que nunca. Depois do episódio na casa de Nick Geisel, Brandon se afastou drasticamente de David e Allan. Não que os dois tivessem culpa pelos piores sentimentos que Brandon estava sentindo, mas era mais fácil deixar de lado tudo o que ele relacionava ao fatídico dia da morte de Rachel Sawyer, mesmo que uma dessas coisas fosse sua adorada banda.

Passados alguns dias daquele que Brandon fora à terapia em grupo, houve uma nova visita. Mas dessa vez, era Allan Green quem estava indo até a casa de Brandon, conversar com um de seus melhores amigos.

Era uma quinta feira chuvosa e não havia absolutamente nada para fazer na cidade de Sant Grove. Nenhuma festa na casa de Nick, Lilian ou qualquer outra pessoa, nenhum barzinho para botar a conversa em dia, nenhuma discoteca. Apenas Allan e Brandon tendo uma conversa.

Quando chegou, Brandon já estava vestindo seu pijama predileto e assistindo a um filme antigo com

Johnny Deep. O que denotava que ele não estava de bom humor.

- Antes de falar qualquer coisa – Allan disse a Brandon ao abrir a porta – quero pedir desculpas por qualquer acontecimento que você não tenha gostado. Eu me arrependi... não deveria tê-lo levado à festa de Nick naquele dia. Foi uma idéia idiota.

Brandon pareceu não se importar muito, por um breve momento. Mas disse para seu amigo entrar e se sentar um pouco.

- Que filme é esse? – Allan perguntou, mesmo não estando muito interessado em saber.

- Pra falar a verdade – Brandon respondeu. – eu nem sei. Liguei a televisão faz uns quinze minutos.

Os dois amigos ficaram sem mencionar uma palavra durante algum tempo. Eles ficaram apenas absorvendo as imagens daquele filme, mas na verdade, estavam muito intrigados em seus pensamentos, se perguntando o que cada um deles poderia dizer para tornar aquela situação mais agradável.

- Brandon – falou Allan quebrando o silêncio – isso pode parecer papo de garota. Mas eu realmente não consigo mais ficar nesse clima com você. Eu só... bom, eu não sei o que posso dizer para melhorar sua vida.

Brandon o encarou por alguns segundos com seus olhos fortes, mas por fim falou o que estava engasgado em sua garganta:

- Eu sei que essa situação está sendo difícil para todos nós. Eu não quero, de jeito algum, acabar com a nossa amizade. Mas eu sinto que no momento não há como ninguém consertar o que eu estou sentindo.

Allan abaixou a cabeça e pesquisou em sua mente algo que ele pudesse falar. Ele não encontrou absolutamente nada.

- Sabe – continuou Brandon. – eu agradeço a sua atenção, a de David. Mas sinceramente... eu não preciso de vocês. Não por enquanto.

Todas as palavras que saiam da boca de Brandon pareciam não ser digeridas por nenhum dos dois. Aquelas frases sinceras machucavam demais, tanto para quem as estava proferindo, como para quem estava escutando.

Allan repentinamente levantou do sofá e correu até o quarto de Brandon. Ele tropeçou duas vezes na subida da escada de tão afobado que estava. Brandon não estava entendendo a reação eufórica de seu amigo. Mas alguns segundos mais tarde, Brandon gelou rapidamente. Allan segurava seu violão predileto – aquele em que Brandon tocara sua última música no show em Fordville.

- O que você está fazendo? – Brandon perguntou.

- Você precisa disso – disse Allan, erguendo o violão para seu amigo.

Brandon não movimentou seus braços para pegar. Ele olhou para o instrumento como se estivesse infectado. Depois do show, a única vez que tocou fora aquela em que ele acordou no meio da noite depois daquele sonho perturbador. Mas agora, seria muito difícil tocar os mesmos acordes de antes, as mesmas músicas, as mesmas histórias.

- Guarde isso – falou Brandon, enquanto se voltava novamente para a televisão.

- Eu não vou guardar – Allan desobedeceu. – Você não entende? Isso aqui – ele disse chacoalhando o violão

com seus braços – não tem nada relacionado à Rachel. Tem relacionado a você voltar a viver. Você precisa disso... é o que te faz bem.

Brandon olhou fixamente para seu amigo, depois para seu instrumento. No fundo de seu coração desnordeado, ele sabia que aquelas eram palavras verdadeiras e que uma hora ou outra, ele teria de se entregar a sua música. Como uma fonte de vida, suas canções faziam a esperança crescer, como de muitas outras pessoas que escutavam fielmente as músicas da banda Atlanta.

Ele agarrou o violão.

- Eu sabia que você não resistiria – falou Allan esboçando um enorme sorriso em seu rosto.

- Eu também – disse Brandon enquanto acariciava vagarosamente seu violão, como se estivesse tocando em algum objeto muito precioso.

Algumas notas foram tocadas lentamente, fazendo seu coração bater mais forte.

Ele ainda tinha de se acostumar com o bom e velho som de seu instrumento magnífico. Brandon afinou rapidamente todas as cordas – que ainda estavam inteiras desde a última noite – e tocou alguns acordes, enquanto Allan o observava comovido por fora, mas agitado em um turbilhão enorme por dentro.

- Você vai ficar aí parado? – Brandon perguntou sorridente ao seu amigo.

Allan estremeceu.

- O ... o que?

- Vá pegar meu outro violão – mandou Brandon enquanto tocava alguns acordes mais pesados. – Vamos fazer um som.

Em menos de trinta segundos, Allan já estava de volta à sala, sentado ao lado de seu amigo com um violão em suas mãos. Como a moda antiga, os dois estavam ali sentados tocando para ninguém mais que eles mesmos. E isso fazia tão bem!

- Que musica você quer tocar? – perguntou Allan.

Brandon não respondeu. Apenas começou a tocar as músicas da banda Atlanta de forma aleatória. Allan o acompanhou entusiasmado e com um sorriso gigantesco em seu rosto. Os dois ficaram ali sentados, tocando por pelo menos uma hora, sem que pronunciassem uma palavra sequer. Eles não precisavam, a música falava por eles. E nesse único momento, Brandon se sentiu bem, como não se sentia desde o último momento que ficara com Rachel Sawyer.

*

No final de semana, a banda já tinha se organizado para voltar aos ensaios no galpão da família de David. Todos estavam borbulhando ansiedade por dentro, já que não tocavam juntos desde o último show, em Fordville. Nick Geisel também havia comparecido ao ensaio da banda Atlanta e após pedir sinceras desculpas para Brandon sobre o que ocorreu em sua casa, todos ficaram bem.

Os cabos dos instrumentos de Brandon e Allan já estavam ligados corretamente aos amplificadores. David já estava sentado no banco de sua bateria, com as mãos

suando para mostrar sua verdadeira força. Todos olhavam para Brandon, como se ele tivesse de dar o primeiro passo. Aliás, a iniciativa de voltar com a banda tinha sido idéia dele.

- Vamos tocar “O Silêncio do Coração”. – Brandon falou em seu microfone.

Todos respeitaram a decisão de Brandon, mas ele não precisava ter se referido no plural – imaginaram Allan e David - já que sabiam que a música era tocada apenas no violão e que eles não teriam participação alguma.

- Mas dessa vez – Brandon continuou firmemente – vamos tocá-la de forma mais pesada... com contrabaixo, guitarra e bateria.

Todos sorriram. Aquilo era apenas um ensaio, então não havia problema de tentar fazer algumas colocações novas nas músicas da banda. Por que não tentar?

Eles começaram, todos juntos. Brandon tocava com tanta emoção que era possível lacrimejar, como ele mesmo o fez. A colocação dos outros instrumentos na música tinha sido perfeitamente harmônica, mesclando todos os sentimentos mais sinceros que o trio passava através de seus instrumentos. Era pesado, forte, lindo.

- Eu não estou acreditando nisso – Nick Geisel disse ao terminarem a música. – Vocês... vocês são a melhor banda que eu já escutei nessa região. Estou impressionado.

- Fale uma coisa que eu ainda não sei. – brincou Allan.

Tomando um tempo do ensaio dos garotos, Nick pronunciou algumas palavras, falando que a banda

precisava voltar aos palcos quando todos estivessem preparados e que aquele som era muito bom para se deixar esquecer. Realmente era, seria um pecado uma banda como Atlanta deixar os palcos e tocar somente por diversão. Mas todos sabiam que precisavam dar um tempo para Brandon cogitar tal possibilidade. Agora, nada mais era tão simples como antigamente.

Por três semanas a banda continuou ensaiando em tempos disponíveis. O som já estava ficando redondo como outrora e os integrantes até estavam compondo uma nova música. Todo ensaio havia a mesma intensidade furiosa, comovente e bela. Olhares de fora não enxergavam a ligação que os integrantes da banda tinham entre si. Era algo muito mais forte do que os olhos podem ver, muito mais forte do que os ouvidos podem escutar... era algo que tocava a alma.

A banda Atlanta estava preparada. Era hora de voltar para os palcos.

*

Ao saber que todos da banda estavam dispostos a tocar para sua fiel platéia tradicionalista, Nick Geisel abriu sua agenda de contatos e ligou para as poucas casas de shows e eventos que havia em Sant Grove. A princípio, Nick não conseguiu o retorno esperado, já que todas as casas de shows alegaram estar com eventos marcados por pelo menos três meses. Ele já estava quase desistindo da possibilidade de ocorrer um show em sua cidade, quando seu celular tocou. Era o organizador de eventos da *BeatDown* – uma das mais conhecidas casas de shows da

cidade onde a banda Atlanta já se apresentara inúmeras vezes.

- Nick – falou o organizador. – acho que temos um espaço para a Atlanta daqui a duas semanas. O que me diz?

Sem delongas, Nick aceitou imediatamente. Ele sabia que Brandon, Allan e especialmente David, tinham seus compromissos de vez em quando. Mas ele estava com seu sangue fervendo para ver a banda tocando num show novamente. Era sua paixão, seu trabalho, sem mencionar que essa era uma ótima oportunidade. Nick não hesitou em ligar para todos e confirmar sobre o show na *BeatDown*. Felizmente, ninguém se manifestou contra.

Exatamente três dias depois, panfletos sobre o show já estavam sendo espalhados pelas redondezas de Sant Grove, com o nome da banda Atlanta estampado no centro. Os integrantes da banda estavam ensaiando quase todos os dias por pelo menos meia hora, o que deixava Brandon cada vez mais confiante, mas não menos nervoso. Toda vez que ele passava por um poste com o panfleto do evento que aconteceria na *BeatDown*, sua mão tremulava. Ele sabia que precisava acontecer tudo minuciosamente perfeito nesse dia, para libertar sua mente do show em que pedira Rachel Sawyer em casamento.

CAPÍTULO 14

O último ensaio antes do show havia acabado naquela quinta-feira. Brandon sabia que depois de lá, só tocaria as cordas de sua guitarra à frente de um aglomerado relativamente grande de pessoas. Mas antes que chegasse o dia do show, Brandon sabia que precisava fazer uma coisa importante.

Abrindo a primeira gaveta da escrivaninha de seu quarto, ele pegou seis ingressos do show, colocou em seu bolso e saiu com o novo carro que seu pai lhe dera poucos dias antes. Agora, Brandon dirigia um *Honda Civic* prateado, carro pelo qual Rachel exaltava seu amor. Ele jurou para Edward que adorava aquele carro e que era o certo para uma pessoa como ele, mas no fundo de seu coração, Edward sabia que a escolha de seu filho ia muito mais além do que seu gosto para carros e que estava sendo totalmente influenciado por sua falecida namorada.

Brandon dirigiu até o local que há poucos dias atrás ele estivera. O caminho dessa vez havia sido tranquilo, já que Brandon não estava indo falar sobre seus problemas. Chegando lá, ele repetiu mais uma vez o caminho, bateu na porta como havia feito antes e foi atendido com o mesmo carinho.

- Olha quem está por aqui – Megan falou enquanto olhava para Brandon – se não é o senhor “esse lugar não é para mim”.

Brandon riu suavemente.

- Eu ainda continuo com a mesma opinião – ele falou mantendo sua postura. – É que eu queria entregar

isso para vocês – mostrando os ingressos do show que aconteceria na *BeatDown*.

Todos os indivíduos que compareciam rotineiramente nas terapias em grupo de Megan se levantaram e agradeceram a boa vontade de Brandon, incluindo Megan, que parecia estar surpresa com sua atitude.

-Então você gosta mesmo dessa sua banda... – ela disse.

- Eu gosto – Brandon continuou. – mas aparentemente, você não. Aliás, nem apareceu no show que nós fizemos em Fordville.

Megan abaixou a cabeça timidamente.

- Não pude ir – ela continuou – mas quem sabe nesse... de qualquer forma, preciso continuar com a reunião do grupo. Você tem certeza de que veio aqui apenas para nos dar os ingressos? – perguntou Megan.

Brandon assentiu com a cabeça e saiu sem se despedir. Ele sabia que se continuasse ali, aquela pressão para ele ficar e falar sobre seus problemas iria reaparecer.

Era hora de ir para sua casa e descansar um pouco. Brandon teria um longo trabalho de recuperação emocional para ter a coragem de subir aos palcos novamente.

*

A *BeatDown* ficava no centro de Sant Grove e era impossível passar por lá e não notar aquele local com decorações exageradas. Na parte de fora, luzes roxas brilhavam destacando o nome da boate, enquanto dois seguranças gigantescos fiscalizavam a entrada das pessoas

que estavam ali para apreciar a Atlanta ou qualquer outra banda que tocaria no mesmo dia. Ao passar pela porta principal, havia uma “sala de identificação” onde era necessário apresentar os documentos e pagar pela sua entrada. Finalmente, passando por essas duas etapas, chegava-se ao local principal, onde era possível acolher pouco mais de cento e trinta pessoas – contando com a área vip e a área normal. O palco para as bandas e o DJ era relativamente grande, o que deixava Brandon, Allan e David muito mais confortáveis para tocarem suas músicas.

Nick e os três integrantes da banda chegaram a *BeatDown* duas horas antes da casa abrir para o público. Seguindo a lei natural das bandas, eles verificaram detalhadamente seus instrumentos, microfones e amplificadores, como sempre faziam. Era uma questão de deixar tudo correto para o show. Afinal, não queriam que as pessoas tivessem uma impressão errada da banda.

- E aí garotos – falou Nick Geisel. – acham que estão prontos para o show de hoje? – ele perguntou olhando para todos os integrantes, mas a banda sabia que ele estava se referindo diretamente a Brandon.

- Eu não sei – respondeu Brandon, deixando todos seus amigos alarmados. – acho que está faltando alguma coisa...

Allan, David e Nick transmitiam insegurança. Brandon era a pessoa que dava vida às canções da Atlanta. Se ele não estivesse confiante, quem estaria?

- O que você quer dizer com “está faltando alguma coisa”? – David perguntou.

Com seus olhos ferozes que mesclavam duas cores naquele breve momento, Brandon fixou seu olhar em seus

parceiros de banda. Ele agarrou a mochila que estava em suas costas e a abriu, respondendo a pergunta que corria na mente de seus amigos.

- É isso que está faltando – ele falou. – algumas doses de uísque. – mostrando sua garrafa de *Jack Daniel's*.

Nick Geisel olhou apreensivo para Brandon, já que ele não costumava fazer esse tipo de coisa antes dos shows de sua banda. Brandon Browser preferia se concentrar em suas músicas a se embriagar para fazer um show.

- Não se preocupe – Allan falou a Nick. – nós não vamos ficar vomitando no palco ou fazer qualquer maluquice... é só para dar uma esquentada. Não é mesmo, Robin? – ele perguntou.

- Eu ainda prefiro meu refrigerante. – David falou, enquanto segurava com sua mão direita uma pequena garrafa de *Coca-Cola*.

Sem fazer mais nenhum comentário, Allan acompanhou Brandon até o bar principal, onde uma garota com cabelos longos pintados de rosa esperava pacientemente para a abertura da casa.

- Ei *baby* - disse Allan para a garçonete. – você é nova aqui?

- Você é ridículo, Allan. – ela respondeu sem escrúpulos.

Visivelmente, a garçonete de cabelo estranho já havia passado uma noite no Lugar Proibido de Allan e ele nem ao menos se deu o trabalho de lembrar-se do rosto da pobre e esquecida garota. Era muito habitual ver esse tipo de situação se estivesse na companhia de Allan em algum bar ou balada. Mas, por sorte, agora Brandon estava apto a prestar sua gentileza e educação.

- Meu amigo é um idiota – ele disse à moça. – mas será que poderíamos pegar dois copos aqui do bar por um instante?

Irritada com a situação constrangedora, a garçonete pegou dois copos e colocou-os agressivamente em cima da mesa e, se estivesse um pouco mais irritada, com certeza a integridade dos copos não seria conservada.

- Muito obrigado. – Brandon agradeceu com seu sorriso encantador, enquanto já colocava uma recheada dose de uísque para ele e seu amigo.

Os dois beberam pouco mais de dois copos daquela bebida que queimava seus corpos por dentro. Nick Geisel observava os dois rapazes do outro lado da pista, lamentando o comportamento de Brandon naquela noite. Mas quem pode julgar os atos de uma pessoa que perdeu o grande amor da sua vida?

A *BeatDown* abriu suas portas e aos poucos, mais e mais pessoas chegavam para curtir a noite. Alguns que já conheciam Brandon, Allan ou David, vinham cumprimentá-los, pedir para a banda tocar uma música *cover* ou simplesmente parecer legal ao lado da atração mais conhecida da noite. Mas nenhuma dessas pessoas era Megan ou qualquer outro da terapia em grupo que Brandon convidara.

A casa estava ficando cheia e a Atlanta seria a terceira banda a se apresentar. Brandon, por incrível que pareça, era o mais calmo dos integrantes. Não que essa tranquilidade tenha sido ocasionada pelo uísque ou pelo fato de Brandon já ter se apresentado na *BeatDown* inúmeras vezes, ele sempre ficaria nervoso independente de tais fatores. Mas agora, Brandon não tinha para quem

provar o seu enorme amor através de suas músicas, a não ser que ele cantasse para as estrelas do céu.

O tempo dentro da casa de shows parecia não passar para a banda Atlanta que estava descarregando uma carga emocional eletrizante em suas canções. A segunda banda já estava prestes a entrar no palco mas, antes que Brandon pudesse reparar e absorver o som daquele quinteto...

- Então, você achou que eu não vinha? – perguntou alguém que cutucava seus ombros.

Era Megan Mackenzie, que estava radiando sua beleza já amadurecida. Seus cabelos loiros estavam presos e seus olhos verdes brilhavam de forma intensa, deixando seu vestido preto sem destaque.

- Para falar a verdade – respondeu Brandon. – eu tinha certeza de que você não iria vir. Mas... e o resto do pessoal da terapia?

- Só Christina veio comigo – ela respondeu, apontando para sua amiga que no momento, estava escutando impacientemente as promessas românticas de Allan. – você sabe... ela adora esses shows de rock.

- Você também vai gostar, depois que minha banda entrar no palco – Brandon disse sorrindo sutilmente.

- Para alguém que estava transtornado no dia da terapia – ela o alfinetou – parece que você está muito bem agora. Mas deixe me perguntar, onde está sua...

Christina interrompeu.

Ela vestia uma camisa totalmente preta, uma calça jeans rasgada no joelho direito e um tênis *Converse* totalmente acabado. Uma imagem típica de uma adolescente que é fã das bandas de rock de Sant Grove,

exceto é claro, pelo cabelo raspado que fora cultivado desde a época da quimioterapia.

- Então quer dizer que aquele imbecil que estava se jogando para cima de mim é da sua banda? – Christina perguntou a Brandon com um toque de decepção.

- Cuidado que você pode acabar se rendendo pelos encantos do Allan – brincou Brandon.

Os três ficaram conversando sobre os assuntos mais diversificados durante todo o concerto da segunda banda. Era ótimo para Brandon dialogar com pessoas diferentes, já que só assim ele conseguia dar uma rápida fuga do círculo de amigos que o fazia lembrar dos ótimos momentos que ele tivera com Rachel Sawyer. É lógico que Megan e Christina também tinham seus problemas pessoais, mas Brandon já tinha conhecimento sobre o divórcio da terapeuta e da Leucemia de Christina. O único problema, é que elas não sabiam nada sobre Brandon... mas não demorariam para questioná-lo sobre seu passado.

- Ei Brandon – David o chamou, depois de interromper a conversa que seu amigo estava tendo. – está na hora de nós entrarmos no palco. Vamos!

Brandon não percebera que o show da segunda banda havia acabado. Ele falava com Megan e Christina sem perceber o que estava acontecendo a sua volta.

- Parece que tenho que ir – Brandon disse, enquanto já se apressava para agarrar sua guitarra e subir no palco.

Quando todos os integrantes da banda já estavam devidamente posicionados e prontos para começar a tocar suas músicas... Brandon paralisou. Ele olhava para todos os que ali estavam presentes e não conseguia escutar um

único som, uma única voz. Todo seu corpo parecia estar inapto de exercer qualquer tipo de movimento, as pessoas eram estranhas e seu instrumento parecia ser totalmente indecifrável – o mesmo sentimento que ele tivera logo depois de seu último concerto em Fordville. Sem meditar no que estava acontecendo, Brandon colocou sua guitarra deitada ao chão do palco, desceu a pequena escada e saiu em direção à porta sem apresentar nenhuma explicação ao público e seus companheiros de banda. Mas diferente do que acontecera antes, dessa vez ele não havia deixado o evento sozinho.

- Onde você está indo? – perguntou Megan para Brandon, enquanto ele atravessava a rua pouco movimentada.

Como antes, as lembranças do passado faziam questão de não ir embora dos pensamentos de Brandon. Era sua decisão viver em um mundo isolado, frio e triste. E quando isso acabaria? Ninguém poderia responder. Brandon não respondeu.

Megan insistiu. Ela apressou seus passos até alcançar aquele garoto de coração estilhaçado.

- Ei – ela continuou. – eu não estou aqui como psicóloga, estou aqui como uma amiga. Diga-me o que está acontecendo? Sua namorada deixou você?

Megan tinha fortes motivos para achar que aquilo havia acontecido por causa de Rachel. Aliás, aquele casal parecia tão unido na noite do cassino. Seria uma pena se ela decidisse terminar tudo e partir o coração de uma pessoa tão adorável. Mas ela não sabia o quão intensa era essa dor.

Brandon não conseguia olhar diretamente nos olhos de Megan, ele estava muito ocupado vendo *flashes* em sua mente da época em que sua banda tocava e Rachel Sawyer era a primeira pessoa de frente ao palco. Era um sentimento ótimo, mas um que ele nunca teria de volta.

- Brandon? Brandon? – ela o chamava, enquanto seus olhos cor de mel ainda permaneciam distantes.

Por um breve momento, nada aconteceu. Mas no interior de seu corpo, uma faísca começara a incomodar. Talvez pela implicância de Megan, talvez pela situação constrangedora que ele passara na frente de várias pessoas com sua banda. Brandon finalmente estava voltando para seu consciente.

- Eu só quero ir embora – ele suplicou entristecido.
- eu não consigo... eu preciso ir para casa.

- Isso é sobre sua namorada? – Megan continuou insistindo, tentando solucionar aquele drama adolescente.

Brandon assentiu contra sua vontade, derramando algumas lágrimas.

Sem mencionar mais palavras, Megan percebeu que aquela situação era muito mais profunda do que um simples rompimento com a namorada. O sofrimento de Brandon ia além de toda uma vida. Então, em um impulso exuberante, aquela mulher de trinta e sete anos com muita experiência de vida, agiu como uma adolescente irresponsável. Megan acariciou o rosto depressivo de Brandon, sentiu seu perfume encantador e beijou sua boca na noite sob o céu estrelado

CAPÍTULO 15

Se Megan Mackenzie tivesse dado aquele beijo em Brandon para fazê-lo se sentir melhor, ela tinha errado completamente. Na manhã seguinte, Brandon acordou péssimo. Ele apenas conseguia pensar que o fato de ter retribuído o beijo de Megan, era um sinal de que ele não merecia o amor que sua falecida namorada uma vez lhe tinha dado. Mas é lógico que aquilo não tinha sido totalmente em vão.

Após se trocar e tomar seu café da manhã rotineiro, Brandon pegou seu carro e dirigiu cautelosamente por todos os limites da cidade de Sant Grove, pensando se aquilo que estava passando em sua mente iria ser bom e servir para ele.

O céu estava claro, o sol brilhava sem interferência das nuvens e os pássaros voavam livremente. Brandon era o único ser que estava se sentindo totalmente preso e limitado. Mas ele não se rendeu às suas algemas mentais.

Após dirigir por quinze minutos, ele estava naquele lugar onde se recusou pisar desde que Rachel falecera. Por um bloqueio emocional, Brandon não se imaginava ali, colocando todos seus sentimentos para fora, sem intermédio de mais ninguém.

Ele caminhou para dentro do Cemitério Van der Sant.

Em um piscar de olhos, toda a tristeza que estava alojada em seu coração veio à tona ao se deparar com o túmulo de Rachel Sawyer. Ainda era muito difícil de acreditar que a pessoa com quem ele provavelmente iria se casar estava morta. Ele não conteve o choro e, ajoelhado,

beijou o nome de Rachel que estava escrito em letras douradas.

- Me desculpe – Brandon lamentou de frente ao túmulo. – Eu queria voltar no tempo e consertar tudo... queria você ao meu lado. Desculpe-me por ter beijado Megan.

Para Brandon, ainda era impossível ter um relacionamento com outra pessoa. Pois na sua opinião, seguir em frente, significava esquecer a garota que ele mais amou em toda a sua vida. Ele nunca teria coragem de reabastecer seu coração com o amor de outra pessoa, mesmo que essa pessoa fosse Megan – uma mulher mais velha, que ainda conseguia ser muito encantadora – Brandon simplesmente não poderia.

Mas antes de continuar seu arrependimento perante o túmulo de Rachel, Brandon foi interrompido.

- Meu filho – alguém com a voz familiar o chamou, tocando em seu ombro. – você... você apareceu.

Era James Sawyer, acompanhado de sua filha Denise. Os dois carregavam enormes buquês de flores que seriam dados à honra de Rachel.

Sem mencionar mais palavras, Brandon abraçou Denise e James, respectivamente. Era tão bom para ele sentir o calor que corria na pele da família Sawyer. As lembranças passavam como um filme colorido, fazendo com que ele mostrasse um sorriso repleto das melhores emoções.

- Aposto que Rachel está muito feliz em saber que você veio visitá-la – falou Denise com seus olhos vivos.

- Não sei se ela estaria – lamentou novamente Brandon, não conseguindo olhar diretamente para as duas

pessoas que lhe prestavam companhia naquele momento solitário de sua vida.

Indignado ao ver o estado calamitoso de Brandon, James não manteve guardado seus pensamentos.

- Brandon – ele continuou. – você sabe que Rachel iria querer o seu bem. Mas você... você precisava vir aqui e conversar com ela. Não sei como pode passar pela sua cabeça a hipótese de que ela não estaria feliz... os olhos da minha filha brilhavam sempre que você aparecia.

Denise concordou com seu pai, tentando diminuir a culpa de Brandon. Não era novidade para ninguém o amor extraordinário que Rachel sentia por Brandon, e este era recíproco.

- Você precisa continuar sua vida – Denise completou. – Isso não quer dizer que precisa deixar suas memórias de Rachel de lado. Mas apenas siga em frente. Viver no passado vai amargar e destruir seu coração.

Brandon sabia que James e Denise estavam sendo sinceros. Mas nem sempre aceitar a verdade é uma tarefa fácil a se fazer e aquele garoto que perdera a namorada sabia muito bem disso. Ele levantou e se despediu. Brandon sabia que seria muito difícil continuar aquela conversa.

*

Antes que Brandon pudesse abrir a porta de sua casa, foi interrompido mais uma vez. Uma buzina estridente soou enquanto ele colocava sua chave na fechadura da porta de entrada. Era David, que estava acompanhado de Allan e Lilian Brooke. Todos desceram

do carro e vieram em direção a Brandon, mas antes que eles pudessem dizer qualquer palavra...

- Me desculpem. – Brandon falou com sua voz arranhada.

Allan olhou para David preocupado. Eles sabiam que Brandon era uma pessoa orgulhosa demais e não pediria desculpas assim tão facilmente, a não ser que ele soubesse com toda certeza que agiu errado.

- Desculpas? – David questionou.

- É – ele continuou – vocês sabem... pelo show, por tudo.

Mas antes que ele pudesse continuar a desabafar, Lilian interrompeu a conversa dos rapazes. Por ser a melhor amiga da falecida namorada de Brandon, ela sabia que Rachel ficaria entristecida se o visse naquele estado.

- Você é uma pessoa maravilhosa – ela disse a Brandon. – Não pode se deixar levar.

- Eu sei – ele alegou – mas agi tão errado ultimamente...

- Irmão – Allan cortou Brandon, antes que ele pudesse continuar seu processo de autodestruição – nós te entendemos. E você tem que saber que nós vamos estar sempre aqui para te apoiar.

Brandon sorriu. Mas ele sabia que sua felicidade, pelo menos por agora, era momentânea. Por causa disso, ele não poderia continuar tocando com sua banda Atlanta. Ele não queria proporcionar aquele constrangimento outra vez para seus amigos, mas ao mesmo tempo, sabia que seria muito difícil falar todas essas coisas para Allan e David. Afinal, a banda era o passatempo predileto daqueles três garotos e acabar com esse sonho que eles

estavam vivendo seria uma injustiça. Mas nem sempre as águas do rio da vida desembocam onde nós esperamos.

Todos entraram na casa de Brandon para tomar uma xícara de café – exceto Lilian, que bebeu apenas um copo de água. Eles conversaram durante horas sobre tudo o que Brandon estava passando e, quando tocaram no assunto da banda, Allan e David compreenderam o que Brandon lutou para explicar.

A banda Atlanta estava extinta.

*

A noite estava aconchegante e casais saíam de mãos dadas pelas ruas para aproveitar o que o amor pode proporcionar – jantar a luz de velas, um filme romântico, um beijo ofegante – mas para Brandon, essa ainda era uma realidade distante.

Ele estava sentado no capô de seu carro no meio de uma rua qualquer a espera de um brilho vital sob a luz das estrelas. Obviamente, quem o visse naquela situação, imaginaria que ele estava esperando alguma acompanhante para seu encontro amoroso. Mas ele não estava. A única coisa que Brandon poderia estar procurando naquele momento, era alguma resposta para as milhares de perguntas que ainda chacoalhavam sua imaginação.

Ela saía de lá com seu charme arrebatador, vestindo uma calça preta e uma camisa social pouco aberta. Seus cabelos presos e o óculos que estava usando não deixavam sua aparência menos atraente, muito pelo contrário, continuava excessivamente bela.

- Creio que não veio aqui para dar um convite do show da sua banda – Megan disse ao ver Brandon na porta do Clube Mayers – estou certa?

- Está – ele respondeu sem alterar seu humor. – Bom... a minha banda não existe mais – sua cabeça abaixou.

Megan não precisava ter um raciocínio super desenvolvido para saber que a tensão que Brandon apresentara no dia do show era capaz de deixá-lo transtornado ao ponto de abandonar sua banda. Mas o que ela não sabia, era o que tinha acontecido, de forma detalhada.

- Isso tudo aconteceu por causa da morte de sua namorada? – Megan perguntou tentando arrancar qualquer informação, olhando fixamente nos olhos de Brandon.

- Sinceramente – Brandon continuou. – eu não vim aqui para fazer nenhuma terapia... muito menos falar sobre Rachel. Eu quero saber por que você me beijou na noite do show. Aquilo era para me fazer melhor? – ele a questionou. – Porque se fosse...

- Não era. – Megan o cortou, desviando o olhar.

Um silêncio prevaleceu entre os dois, mas foi quebrado por um cachorro de rua que apareceu ao lado de Brandon e começou a latir. Ele era preto e tinha pequenas manchas em marrom espalhadas pelo seu corpo e de alguma forma sem coerência, parecia muito familiar à Brandon.

- Parece que ele não gostou muito de você – Megan disse, enquanto o cachorro ainda o encarava.

Mas antes que Brandon pudesse abrir a boca para responder, o cachorro saiu correndo da entrada do clube e cortou seu caminho na primeira esquina. Era como se estivesse ali apenas para dar um chamado, um alerta de “não se meta com essa mulher... de qualquer modo, ela é muito velha para você”.

Brandon ignorou como ele havia fazendo ultimamente com todos os avisos que lhe prestavam.

- Parece que eu não te perguntei sobre o cachorro – ele disse grosseiramente – só quero saber o que foi aquele beijo?

- Bom... – a voz de Megan vacilou. – você estava parecendo tão... deprimido. Eu achei que talvez...

Megan não conseguiu completar. Pois antes que pudesse, Brandon desceu do capô de seu carro e ignorando olhares superiores, calou-a com um beijo caloroso e harmonioso. O tipo de beijo que, durante muito tempo, pensou que só daria em Rachel Sawyer pelo resto de sua vida. Se ele fosse se sentir culpado ou não posteriormente, já era outra história. Agora, sua boca pertencia àquela bela mulher de trinta e sete anos.

Os dois foram até a casa de Brandon continuar o que tinham começado. Sem arrependimentos, sem amargura. Eles tomaram poucas taças de vinho tinto enquanto trocavam olhares sedutores em cima dos lençóis. E pela primeira vez após a morte de Rachel, Brandon dormiu com alguém. E esse alguém se chamava Megan Mackenzie.

CAPÍTULO 16

Raios solares passavam pelas frestas da persiana do quarto, fazendo assim com que Brandon acordasse e abrisse seus olhos lentamente. A primeira imagem que ele tivera naquele dia, fora de Megan, totalmente nua, coberta pelos finos lençóis de sua cama. Obviamente, qualquer garoto da idade de Brandon se sentiria realizado após ter uma noite de amor com Megan Mackenzie – uma mulher mais experiente e que radiava charme e beleza – mas ele não estava. Ao certo, Brandon não sabia o que estava sentindo. Não era culpa, nem mesmo satisfação, apenas um sentimento rebelde e indecifrável.

Ele se levantou, colocou a primeira calça jeans que encontrou pendurada no seu guarda roupa e saiu do quarto suavemente para não despertar Megan. Ele sabia que mais cedo ou mais tarde, ela acordaria e, de alguma forma, teria que conversar sobre o que acontecera na noite anterior. Mas Brandon ainda não estava preparado. Ele desceu até sua cozinha para beber um copo d'água e esfriar sua mente que ainda estava um pouco adormecida.

Quando Brandon voltou ao seu quarto, Megan já estava de pé. Ela estava vestindo uma camisa social azul clara que achara jogada no guarda-roupa e analisando as fotos que estavam espalhadas pelo quarto, em alguns porta-retratos.

- Espero que você não se importe – ela disse a Brandon se referindo à camisa, quando percebeu a presença dele.

- Tudo bem – ele respondeu. – Eu nem uso essa camisa. Pode ficar com ela, se você quiser...

Megan sorriu timidamente, notando a gentileza de Brandon.

Os dois foram até a cozinha tomar o café da manhã. Megan fez panquecas enquanto Brandon arrumava a mesa. Não era um momento usual para ambas as pessoas que dividiam aquele espaço, já que pela primeira vez, depois da morte de Rachel, Brandon tinha se relacionado afetivamente com outra pessoa. E isso também valia para Megan, que estava começando a deixar seu coração voar livre novamente, já que o alojava trancado depois de seu divórcio no Canadá.

- Você está precisando de ajuda aí? – brincou Megan, enquanto Brandon colocava a toalha de mesa sem cuidado.

- Muito engraçado – ele respondeu. – Aposto que suas panquecas vão estar com gosto de carvão. – retrucou.

Os dois riram. Mas eles sabiam que por trás desse bom humor, uma grande tragédia estava escondida. Tamanha esta, que ocasionou numa aproximação afetiva de uma mulher com pouco menos do dobro da idade de Brandon Browser.

- Mas então – ele continuou – você gosta de sair com caras mais novos?

Megan olhou torto, como se ela tivesse sido insultada pelo comentário irresponsável.

- Eu não estou com você porque você é mais novo – ela respondeu com um olhar austero. – Estou com você pela pessoa que você é. E além de parecer muito teimoso, sei que é um ótimo homem.

Brandon sentiu-se lisonjeado. Mas antes que ele pudesse agradecer, Megan pôs três panquecas – que

realmente aparentavam estar deliciosas – no prato dele. Sem mencionar mais palavras, ele devorou apressadamente, como se não comesse algo tão gostoso há mais de um ano.

- E então – Megan continuou. – minhas panquecas estão com gosto de carvão? Pode admitir que eu sou uma ótima cozinheira.

Brandon deixou seu orgulho de lado e admitiu – as panquecas de Megan estavam realmente deliciosas.

Porém, antes que ele pudesse relaxar e degustar seu café da manhã, Megan propôs um convite que caiu como uma bomba na mesa de refeições e, se Brandon estivesse com um pouco de comida na boca, com certeza engasgaria.

- Brandon – Megan falou cautelosamente, pensando se estava se precipitando demais – eu... bom... você quer ir a um casamento no próximo final de semana? Quero dizer... uma amiga minha vai se casar e eu não conheço quase ninguém.

Em seus pensamentos, Brandon repugnou aquela idéia. Primeiro porque ele ainda achava cedo demais aceitar qualquer tipo de compromisso com alguém. Segundo que seria um casamento e isso não faria nada bem para seu ego, já que sua mente não escaparia do fato de que ele poderia estar casado naquele momento com Rachel Sawyer, se não fosse pelo...

- Eu topo! – ele aceitou, botando sua educação a frente de seus princípios.

Brandon sabia de que aquilo poderia não ser uma boa idéia. Ele também não descartou a possibilidade de um possível transtorno emocional – idêntico aquele que

aconteceu no show da *BeatDown* – mas no final das contas, estufou seu peito e encorajou-se a tentar mais uma vez.

Então, que comece o matrimônio!

*

Antes de se encontrar com Megan Mackenzie na porta de casa, Brandon foi até a casa de seus pais para pegar seu único terno e uma gravata de cor azul marinho. Já havia um bom tempo que Brandon estava morando em sua própria casa, mas ainda possuía muitas vestimentas e utensílios deixados na casa de Edward e Hilary. Talvez isso ainda significasse uma possível dependência perante seus pais. Afinal de contas, nunca é fácil deixar seus laços familiares por completo.

- Então quer dizer que meu filho vai a um casamento acompanhado de uma garota? – Hilary perguntou, assim que abriu a porta e avistou seu filho.

É claro que Brandon não iria contar a sua mãe que estava saindo com uma mulher de trinta e sete anos. Ela ficaria espantada se soubesse que o tradicionalismo de sua família não estava sendo mantido da forma que ela gostaria. E do outro ponto de vista, ela estava adorando o fato de Brandon seguir sua vida.

- Acho que não posso ficar vivendo sempre no passado – Brandon respondeu – não é mesmo mãe?

Hilary sorriu sinceramente para seu filho. A alegria contagiava seu coração ao ver que as coisas estavam finalmente se encaixando.

Os dois subiram até o antigo quarto de Brandon, que agora se transformara em um novo escritório para

Edward resolver assuntos da *Browser Cars* quando ele não estava presente em sua loja. Mas o antigo armário do Brandon ainda estava lá – ainda com um pôster da banda Nirvana se apresentando no *Reading Festival* e com algumas roupas espalhadas.

- É estranho como você nunca jogou tudo isso fora – Brandon disse, se referindo a algumas camisas velhas que estavam amarrotadas dentro da segunda gaveta. – Você poderia doar para alguma pessoa carente, ou simplesmente levar tudo isso lá em casa.

- Eu deixo tudo isso aqui – Hilary continuou – porque é um jeito de manter viva uma pequena parte da sua história nessa casa.

- Faz sentido – ele respondeu – mas preciso me trocar logo, mãe. E se eu continuar essa conversa, a senhora irá começar a chorar e então, vou ter que ficar para consolá-la – brincou.

Ele apanhou tudo o que estava precisando e, depois de tomar um banho rápido, se vestiu e se perfumou para encontrar Megan Mackenzie. Brandon se despediu de Hilary, comeu um pedaço de bolo que ela acabara de fazer e partiu de volta para sua casa.

Ao chegar, Brandon se deparou com Megan, que já o esperava pacientemente. Ela estava demasiadamente bonita e trajava um vestido longo de cor roxa sem muitos detalhes, com apenas uma alça.

- Fico feliz de que tenha aparecido – Megan disse ao se aproximar de seu par. – Achei que iria ficar esperando você aqui na porta de sua casa para sempre.

- Eu não faria isso – ele galanteou. – Talvez com outra garota, mas não com você – disse rindo.

Os dois entraram no carro de Brandon e partiram em direção ao casamento, que aconteceria em uma pequena cidade comercial, chamada Parmontana. A cidade era próxima de Sant Grove, o que levava pouco menos de quinze minutos para chegar.

- Você já foi até Parmontana? – perguntou Brandon, enquanto dirigia seu carro e botava seu CD gravado com suas músicas de rock preferidas.

- Você acha que só pelo motivo de eu ter morado no Canadá por vários anos, eu nunca visitei a cidade mais próxima de Sant Grove? – Megan o questionou indignada.

Brandon assentiu com a cabeça, querendo dizer que realmente achava que Megan havia trocado sua vida pelo tempo que passou no Canadá. Mas ele também não poderia acusá-la de alguma coisa, já que nos últimos anos, suas viagens só tinham ocorrido por causa dos shows que a banda Atlanta fazia pelos arredores.

- Posso não parecer – Megan continuou – mas eu sou uma pessoa muito consumista. E nada melhor do que ir até as lojas de roupa que ficam no centro de Parmontana... são as melhores!

Se aquelas eram as melhores lojas para comprar roupas, Brandon não sabia. Mas ele tinha uma forte intuição de que toda mulher adorava Parmontana por causa delas. Rachel, Denise e Lilian sempre iam juntas até lá para fazer umas “comprinhas básicas” – como elas gostavam de chamar – e sempre voltavam com enormes sacolas com roupas, sapatos e um cartão de crédito com o limite extrapolado. Mas pessoalmente, Brandon achava que toda mulher seguia esse estereótipo diferente do dele,

já que qualquer roupa estava boa para ele, desde que fosse básica e sem muitos detalhes.

Quando chegaram naquela pequena cidade, pegaram uma pequena estrada, com um enorme campo ao lado, que dava o caminho direto para a igreja, fazendo com que Megan ficasse um pouco decepcionada por eles não passarem no centro comercial de Parmontana.

- Nós podemos passar em algumas lojas depois do casamento – prometeu Brandon. – Mas o casamento já vai começar e, se você atrasar e acabar chegando depois da noiva, não é a minha pessoa que vai estar em uma situação embaraçosa – ele disse rindo, enquanto sua acompanhante mantinha sua expressão entristecida.

Porém, Megan concordou com a posição de Brandon. Ela sabia que tudo o que ele havia dito era verdade. E mesmo se ela discordasse de sua opinião, não haveria mais tempo para voltar atrás, já que agora a imagem daquela enorme igreja começara a aparecer atrás de uma pequena colina. Os dois tiveram de estacionar o carro e atravessar uma larga ponte que cortava um riacho para chegar até a igreja – como todos os outros convidados também haviam feito.

- Nunca tinha visto essa igreja antes – Megan falou. – É muito bonita, por sinal – disse, enquanto apreciava sua arquitetura romântica, com construções austeras e robustas.

- Lógico que você não tinha visto – acrescentou Brandon. – Para você, Parmontana é só aquele centro comercial – ele fez piada com Megan, que não demorou em dar um leve tapa em seu braço direito.

O que ela não sabia, era que Brandon também não fazia a mínima idéia da existência daquela igreja. E indiferente dela, Brandon também estava fascinado com a imagem que seus olhos estavam vendo. Ele não conseguiu parar de pensar na imagem dele e Rachel Sawyer fazendo juras eternas à frente de todos seus conhecidos.

- Você não pensa em se casar? – Megan perguntou a Brandon, sem perceber a gravidade de sua pergunta.

Brandon não se importou. Ele apenas balançou a cabeça, segurou as mãos frias de Megan e entrou na igreja.

Na parte interior, compridas fileiras eram separadas pela passarela onde a noiva entraria. Brandon e Megan se sentaram na quinta, ao lado de um casal de meia idade e três garotos de trezes anos que deveriam estar achando aquele matrimônio uma tortura. Mas eles não eram os únicos. Pouco a pouco, faíscas começavam a acender no coração de Brandon, deixando-o tremular.

- Você está bem? – Megan perguntou ao perceber seu receio.

Mas antes que Brandon pudesse pronunciar quaisquer palavras, a música de início a união de duas pessoas começou a tocar. O padre era um senhor de cabelos brancos, baixo e gordo – provavelmente um verdadeiro fã de macarronada, como pensou Brandon. – O noivo tinha cabelos loiros e olhos pretos, sem mencionar sua altura intimidadora. A noiva andava em direção ao altar acompanhada de seu pai. Ela era negra e tinha uma altura mediana, mas que se tornava pequena ao lado de seu futuro marido.

Quando os noivos já estavam um de frente ao outro, o padre estreou sua fala:

- Noivos caríssimos, viestes à casa da Igreja para que o vosso propósito de contrair Matrimônio seja firmado com o sagrado selo de Deus...

- Preferia estar em casa jogando videogame – bufou o garoto ao lado de Brandon, fazendo com que Megan começasse a gargalhar.

Brandon deu uma leve cotovelada na barriga de Megan.

- O que eu disse sobre você ficar em uma situação embaraçosa ainda pode estar valendo. – Brandon sussurrou no ouvido de Megan, que se esforçava para manter o controle de seu humor.

O casamento continuou na mesma intensidade e, como o esperado, os noivos se casaram imaginando o quão incrível a vida deles seria dali para a frente. Em contrapartida a todo aquele clima, Brandon continuava desiludido com tudo o que envolvesse paixão e amor. Para ele, eram sentimentos que haviam se tornados extintos após o trágico acidente que aconteceu em Fordville. Mas esses sentimentos ainda estavam vivos para Megan Mackenzie.

- O que você acha de dormir na minha casa hoje? – ela perguntou a Brandon.

Ele aceitou o pedido sem hesitar, mas no fundo, ele sabia de que poderia estar cometendo um grande erro. Não iria ser fácil para Brandon continuar aquele ritmo de descaso amoroso e, ainda por cima, ignorando seu passado com Rachel.

CAPÍTULO 17

A volta para Sant Grove depois da festa de casamento foi tranqüila. Brandon não colocou uma única gota de bebida alcoólica em sua boca, então estava plenamente capaz de encarar o curto caminho de volta.

Dirigindo sob o céu escuro, Megan estava com a cabeça encostada no vidro do carro, adormecida. Muito provavelmente, ela estava tendo sonhos confortáveis, já que aquele dia tinha sido muito agradável. Por mais que Brandon tivesse vinte e um anos – e esta era a primeira vez que ela saía com alguém mais novo – Megan tinha achado incrível sua companhia. Ele era doce, meigo e mesmo sabendo que ele passava por uma situação delicada por causa da morte de Rachel Sawyer, ainda conseguia manter seu carisma.

Ao parar no primeiro sinaleiro, Brandon observou Megan minuciosamente. Ele também gostava de sua nova companheira, sem mencionar que ela era muito atraente. Mas não era a mesma coisa, jamais seria. Ele sabia que nunca encontraria alguém que pudesse substituir sua antiga namorada. E enquanto ele ainda refletia sobre tudo o que tinha passado, Megan abriu os olhos vagarosamente.

- Nossa – ela disse com uma voz preguiçosa. – eu caí no sono sem perceber. Me desculpe.

- Quando vi que você estava dormindo – continuou Brandon. – pensei seriamente em parar o carro e botá-la para fora. Onde já se viu não fazer companhia a quem está te dando uma carona? – ele brincou.

Megan segurou sua mão e apoiou a cabeça em seu ombro. Ela estava satisfeita com aquele momento e queria

passar outra noite sentindo o calor de Brandon. Mas antes que ela pudesse criar mais expectativas...

- Acho que eu vou para minha casa hoje. – falou Brandon.

O olhar de Megan entristeceu, porém preferiu não tocar no assunto. Ela sabia de que Brandon tinha seus motivos para querer ficar sozinho um pouco. Além do mais, Megan era uma psicóloga muito profissional. Entretanto, Brandon fez questão de explicar a situação, enquanto continuava acelerando seu *Honda Civic*.

- Você sabe... desde que minha namorada morreu, é difícil para mim começar uma relação. Eu não quero que você pense mal de mim, pois gosto muito de sair com você. Mas acho que ainda tenho que botar muitas coisas no lugar.

- Eu entendo. – Megan respondeu cabisbaixa.

- Mas nós vamos continuar mantendo contato... é só um tempo que eu preciso pra organizar meus pensamentos.

Megan assentiu com a cabeça enquanto eles cruzavam a entrada de Sant Grove e então os dois seguiram rumo a seus respectivos lares. Mas antes de cair no sono em sua cama, Brandon não podia negar que Megan abalava – mesmo que de uma forma singela – seu pequeno coração.

Ele acordou no dia seguinte com um barulho estranho do lado de fora de sua casa. Brandon não fazia idéia do que estava acontecendo, então se descobriu, colocou seus pés descalços no chão de seu quarto gelado e foi observar pela janela.

Era Christina – a garota que teve Leucemia e que participava da terapia em grupo – tacando pequenas pedras na janela do quarto de Brandon.

- Desça aqui! – ela gritou quando Brandon apareceu curioso em sua janela.

Ainda confuso pelo fato de Christina estar na porta de sua casa, ele vestiu uma bermuda xadrez e um moletom preto para atendê-la. Desceu as escadas de sua casa apressadamente, lavou o rosto na torneira da cozinha e abriu a porta.

- Achei que esse tipo de coisa só acontecia em filmes e vídeo clipes – Brandon falou – você sabe... garotas apaixonadas tacando pedras nas janelas de seus pretendentes.

Eu não estou apaixonada por você, seu idiota! – Christina falou, sem tentar parecer educada.

Brandon riu. Ele sabia que Christina não estava lá para declarar seu amor, então teve que exaltar seu bom humor, já que também não sabia o motivo da aparição daquela garota naquele horário tão cedo. Brandon não respondeu até Christina perceber que deveria começar a se explicar.

- Cara – ela continuou. – você quer sair para tomar um café?

Ainda duvidoso sobre o que estava acontecendo, resolveu aceitar o convite de Christina, já que todo o cereal, biscoitos e leite de sua casa tinha acabado.

- Tudo bem – ele respondeu. – mas você espera um minuto para eu botar uma roupa de verdade?

Imediatamente, Brandon subiu até seu quarto, pegou uma calça jeans preta e uma camisa cinza sem

estampa, foi até seu banheiro, lavou seu rosto de uma forma convincente e desceu para saber o que Christina realmente queria. Os dois caminharam até a cafeteria mais próxima de onde Brandon morava. Era um lugar popular para os amantes de cafeína que viviam na cidade de Sant Grove. Inclusive, a família Browser sempre tomava seu café da manhã naquele lugar que se chamava *Street Coffee*.

Ao chegarem lá, os dois sentaram na primeira mesa livre que avistaram. Eles analisaram o cardápio e rapidamente fizeram seus pedidos para a garçonete de cara espinhenta – Brandon quis um cappuccino, Christina o copiou.

- Então – Brandon iniciou a conversa, enquanto brincava com a caixa de palitos de dente colocada sobre a mesa – o que você tem pra falar?

Sem hesitar, Christina logo respondeu:

- É sobre Megan. Vocês estão saindo juntos?

Se Brandon já estava confuso, agora estava mais ainda. Como Christina sabia do relacionamento dele com Megan? E mesmo assim, por que ela iria querer se intrometer nesse assunto pelo qual não tinha participação?

Brandon a questionou.

- Bom... Megan me ligou ontem quando chegou do casamento – confessou Christina. – você sabe... ela pode ser minha terapeuta, mas nós somos amigas de verdade. Ela conta tudo para mim e eu conto tudo para ela.

Ainda confuso, Brandon continuou ouvindo o que Christina tinha para dizer, pensando se aquelas palavras estavam realmente valendo a troca de seu sono.

- Ela me disse que está gostando de sair com você – continuou, desviando o olhar da janela com o slogan da cafeteria para os olhos chamativos de Brandon – e mesmo Megan sendo uma ótima psicóloga, ela ainda tem problemas com seu antigo marido no Canadá, você sabe...

Brandon não sabia, mas ainda escutava pacientemente as palavras de uma amiga atenciosa.

- Você faz Megan se sentir melhor. Eu sei que você tem seus próprios problemas, mas não deixe aquela mulher incrível de lado. Afinal de contas, se você se permitir, aposto que Megan pode te fazer muito feliz.

Interrompendo a conversa de Brandon e Christina, a garçonete espinhenta entregou o pedido dos dois e perguntou se eles não queriam algo mais. Eles queriam – Brandon gostaria de ter sua falecida namorada de volta e Christina adoraria nunca ter passado pela tortura que é uma quimioterapia – mas eles não tinham a possibilidade de mudar o passado, muito menos pedir isso à garçonete. Os dois agradeceram gentilmente a atenção da garçonete e tomaram um pequeno gole do cappuccino.

- *Hummm* – Brandon se deliciou. – isso aqui é perfeito.

- Não mude de assunto – Christina insistiu. – Nós viemos aqui para falar de Megan, não o quanto você adora tomar café.

- Cappuccino! – Brandon a corrigiu, não investindo na vontade de sua colega em continuar no mesmo tema.

- Bom – continuou Christina. – você sabe que Megan é uma mulher incrível. E se você não valorizá-la, poderá estar perdendo uma ótima oportunidade.

Brandon permaneceu quieto, como se estivesse digerindo cada palavra dita por Christina. Ele não se esforçou em respondê-la e isso fez com que ela deixasse alguns trocados em cima da mesa, partindo sem se despedir, deixando a função de pagar pelos cappuccinos para Brandon.

- Você é o vocalista da banda Atlanta? – perguntou timidamente a garçonete espinhenta, logo após Christina sair da cafeteria.

- Bom... sou eu sim... quer dizer, era... é sou eu. – ele respondeu gaguejando.

A garçonete prestou alguns elogios, dizendo que também era uma grande fã da banda e que esperava ansiosamente pelo próximo show. Brandon continuou entusiasmando os sonhos daquela garota, mesmo sabendo que não haveria mais nenhum show da banda – pelo menos por enquanto. Ele pagou a conta e retornou para sua casa, pensando em cada palavra que Christina havia dito.

Será que ele realmente deveria apostar seu coração em Megan Mackenzie?

CAPÍTULO 18

Um buquê de rosas e uma caixa de bombons de chocolate no banco do carona – o pedido de desculpas mais eficaz que Brandon já havia conhecido até então. Afinal de contas, seu namoro de anos com Rachel tinha-o feito praticar. Mas dirigindo seu carro naquele momento, Brandon não estava indo em direção a casa da família Sawyer e sim, à casa de uma bela mulher com os olhos da cor do mar – Megan Mackenzie. Não que ele devesse seus pedidos de perdão a ela, mas Brandon realmente queria inverter sua imagem de “garoto que parte o coração de mulheres no meio”.

Em sua noite anterior, Brandon não conseguiu fechar os olhos até o meio da madrugada. Sua cabeça rodeava em torno de tudo o que Christina havia dito – sem trazer à baila os conselhos diários que seus pais e amigos davam de como ele deveria levar a vida. Mas na verdade, tudo o que ele precisava era uma permissão para ser feliz novamente e a única pessoa que poderia dar isso, era ele mesmo.

Brandon estacionou seu carro na rua onde Megan morava, ajeitou o cabelo cuidadosamente vendo sua imagem pelo retrovisor, pegou as flores e os chocolates e saiu em direção à casa dela.

Por fora, o domicílio onde Megan residia parecia ser igual a todas as outras casas de classe média – pintada a cores sutis, contendo uma garagem que abrigava um carro e do lado de fora, um pequeno jardim que mostrava a vida de flores bem cuidadas. Porém, antes que Brandon pudesse observar com mais atenção todos os detalhes,

tocou a campainha impulsivamente e esperou a chegada de Megan.

Vestindo uma calça jeans, botas e uma camisa preta chique demais para ficar em casa, Megan atendeu a porta sem conseguir disfarçar suas emoções.

- Brandon? – perguntou ela, surpresa.

- Isso é para você – ele disse, entregando seu “quite de desculpas” a ela. – Eu precisava vir até aqui para você me perdoar. Você é uma pessoa sensacional e eu adoraria ter a oportunidade de lhe conhecer melhor.

Megan segurou firmemente os presentes que havia ganhado e cheirou profundamente as flores, sem conseguir conter um enorme sorriso.

- Você é um garoto muito fofo – ela falou com seus olhos brilhantes – e até te convidaria para entrar, mas estou de saída... eu vou almoçar com meu pai no Restaurante Vanguard.

Brandon amenizou sua alegria. Sendo uma pessoa impaciente, ele não queria esperar para sair com a mulher que estava posta à sua frente. Impulsivo, ele queria tudo naquele exato momento.

- Por que você não vai comigo? – ela perguntou festivamente. – Jesse adorou jogar pôquer com você e... bem, meu pai vai adorar ter uma companhia nova.

Por um momento, Brandon hesitou. Afinal de contas, o que o pai de Megan pensaria ao ver sua filha saindo com um garoto dezesseis anos mais novo que ela? E se ele fosse o tipo de pai que odeia ver a filha acompanhada de um homem? De qualquer forma, era melhor jogar todos os pensamentos infelizes fora. Brandon já havia se preocupado demais ultimamente.

- Tudo bem – ele respondeu. – mas eu não estou... – tentou dizer, apontando para seus tênis *Converse* e sua roupa pouco amarrotada.

- Você está ótimo – Megan respondeu, já o empurrando para o carro. – e você é ou não uma estrela do rock? Os *rockstars* não ligam para o que os outros pensam.

Por fim, ainda receoso, Brandon aceitou o convite de Megan. Era óbvio que ele estaria mais satisfeito se os dois fossem assistir a um filme, dar uma volta no parque, ou então, um piquenique na Colina Grove. Mas Brandon sabia que criar muitas expectativas nunca fora uma boa idéia.

O Restaurante Vanguard era grande e luxuoso. Toda sua estrutura era baseada na mitologia grega – na parte de fora, uma estátua de Zeus segurando um raio instigava as crianças (e até mesmo alguns adultos) a tirarem uma foto; na parte de dentro, quadros do Monte Olímpo e alguns pilares aconchegavam as pessoas que degustavam suas refeições saborosas – claramente, um lugar não tão apropriado para calçar um tênis *Converse*, usar uma calça jeans amarrotada e uma blusa qualquer. E Brandon sabia de tudo isso, já que tivera inúmeras vezes com seu pai Edward e sua mãe Hilary naquele restaurante.

Ao chegarem ao estacionamento, o manobrista pegou as chaves do carro de Brandon e estacionou seu carro com imensa facilidade em uma pequena vaga entre duas *BMW*s.

- Acho que nunca vou conseguir dirigir tão bem assim – Megan disse, enquanto caminhava junto a Brandon em direção à entrada do restaurante. –

principalmente depois... – sua voz vacilou, não a deixando completar a frase.

Brandon não insistiu na conversa com Megan. Ele estava nervoso demais para prestar atenção nas palavras dela. Mas antes que pudesse desistir do almoço com a família Mackenzie, um recepcionista japonês muito parecido com Jet Lee deu, entusiasmadamente, suas boas vindas ao casal, perguntando-lhes onde gostariam de se sentar.

- Nós já temos um lugar – Megan respondeu educadamente. – meu pai reservou. Acho que ele já deve estar aqui.

- Ah, claro! – falou o recepcionista, levando Brandon e Megan até onde o pai dela estava.

Jesse Mackenzie estava sentado em uma mesa para duas pessoas, vestindo uma bela camisa social de cor salmão e apreciando uma garrafa de vinho tinto. Ele esperava ansiosamente pela chegada de sua filha, mas não esperava por mais companhia.

- Olá pai – ela o cumprimentou, beijando-o no rosto. – trouxe Brandon comigo. Você se lembra dele?

- Não acredito que você trouxe esse garoto aqui. – Jesse disse, incendiando seu olhar imediatamente.

Brandon engoliu seco, já que não estava esperando ser tratado de forma rude pelo pai de Megan. Ele entendia o fato de um pai querer almoçar somente com sua filha, mas não o fato de tamanha grosseria. Com as bochechas coradas de vergonha, Brandon estava quase se despedindo de Megan e partindo para sua casa novamente, mas foi interrompido antes que fizesse.

- É brincadeira rapaz – falou Jesse rindo. – É lógico que você pode almoçar conosco... seria um prazer. Mas espero que você não tenha intenção de jogar pôquer, senão vou ter que pegar toda a sua grana novamente.

Brandon e Megan suavizaram. Os dois haviam passado por muitas tensões ultimamente, era lógico então, de que iriam se desacostumar com as piadas e brincadeiras de Jesse e de outras pessoas.

- Mas vamos ter que ir para uma mesa maior – completou Megan. – já que você fez o favor de reservar uma mesa para duas pessoas. Você sabe que eu não gosto de comer apertada. – ela culpou seu pai, não faltando com seu bom humor.

- Tome cuidado com ela – Jesse alertou Brandon, enquanto enchia mais uma taça com vinho. – Megan é uma mulher muito insatisfeita.

- Eu já estou me acostumando. – respondeu Brandon, olhando para Megan, que ia andando em direção ao recepcionista para tentar conseguir uma mesa maior.

Após uma mesa ser liberada por uma família de agricultores bem-sucedidos, os três sentaram e analisaram o cardápio. Jesse ainda bebia seu vinho com prazer, mas foi o primeiro a abrir a boca para falar sobre a comida.

- Me diga jovem – ele falou a Brandon. – onde está aquela sua bela namorada que conhecemos em Fordville?

- Pai! – Megan o chamou atenção, com um olhar de “você não deve tocar nesse assunto aqui”.

Jesse se calou. Depois de toda tensão que se estabeleceu entre os três, o pai de Megan percebeu que aquele não era um assunto no qual o convidado se sentiria confortável em falar. Ninguém se sentiria.

- Que tal pedirmos a comida? – insistiu Megan.

Imediatamente, todos concordaram. Seria muito mais fácil falar sobre o quanto a comida do Restaurante Vanguard estaria deliciosa a continuar naquele clima tenso e constrangedor.

- Particularmente – falou Jesse apetitosamente. – acho que seria uma ótima idéia pedirmos um peixe grelhado.

Como na maioria das vezes, Megan discordou com a proposta que seu velho pai havia feito. Ela sugeriu que pedissem uma macarronada ao molho vermelho, ou então uma lasanha. Porém, suas expectativas afundaram em um oceano profundo quando Brandon optou pela escolha de Jesse.

- O garoto tem bom gosto. – comentou Jesse, dando leves tapas no ombro de Brandon.

Comentários e críticas a parte. Quando o almoço chegou, o silêncio pairou na mesa onde o trio faminto se encontrava. Até mesmo Megan não conseguiu negar que o peixe grelhado estava de dar água na boca. Fazia tempo que todos ali – especialmente Brandon – não comiam algo tão saboroso.

Sem deixar as brincadeiras de lado, Jesse continuou com seus comentários fora de hora:

- Então filha, sentindo saudades das refeições do hospital? Até parece que seu ex-marido te amaldiçoou por você ter deixado o Canadá.

Imediatamente, Megan enraiveceu e lançou o olhar mais furioso que ela conseguiu fazer a seu pai, o mesmo olhar que ela tinha feito momentos antes quando Jesse perguntou sobre Rachel.

Não ficando para trás, Brandon percebeu que o anfitrião daquele almoço havia tocado em um assunto delicado outra vez, porém, agora não havia nada relacionado a ele. Sendo assim, preferiu ficar calado ao invés de apertar as feridas de Megan Mackenzie, que até então ele desconhecia. Mas era impossível não perceber que toda vez que Jesse tocava no assunto do casamento infeliz de Megan, a ira dela transparecia de forma radical.

Quando acabaram de comer, Jesse Mackenzie pagou a conta e saiu do restaurante na velocidade de um cometa. Aparentemente, ele encontraria com alguns amigos para ver a partida de basquete do time local que passaria na televisão em poucos minutos.

- Agora que estamos a sós – Megan disse a Brandon, enquanto seu pai saía do restaurante. – o que você acha de passar a noite na minha casa? Podemos assistir a um filme, tomar um vinho...

- Agora que estamos a sós – continuou Brandon, não controlando sua crescente curiosidade. – você não gostaria de falar um pouco mais sobre a sua história? Você sabe... seu casamento falido.

Megan fechou seus olhos pouco entristecidos. Era evidente de que ela não gostaria de falar sobre seja lá o que tivesse acontecido. Mas teimosamente, Brandon insistiu.

- Você pode me falar... eu vou entender.

- Brandon – Megan o chamou atenção. – eu não quero tocar nesse assunto.

- Não consigo entender – continuou Brandon, achando que conseguiria arrancar quaisquer informações de Megan. – você é psicóloga, coordena as terapias em

grupo e adora ouvir os problemas de outras pessoas, mas quando são seus próprios demônios...

- Olha quem fala... - Megan o interrompeu, lembrando a vez em que Brandon apareceu no Clube Mayers.

As duas pessoas que antes estavam apreciando a companhia alheia, agora estavam em um campo de guerra. Atirando com suas munições escassas, para saber qual dos dois aparentava ser mais covarde.

- Bom - Megan continuou. - eu te fiz o convite. Se você quiser aparecer em casa, pode ir... mas não pense que vou ficar me lamentando para você.

Então, Megan levantou e se retirou do Restaurante Vanguard, deixando Brandon sozinho, sentado junto com o que havia sobrado de sua comida e sua esperança de ser uma pessoa melhor.

CAPÍTULO 19

Indo de volta para sua casa, Brandon revirou seus pensamentos para saber o que deveria dizer à Megan Mackenzie. Achar as palavras certas nunca tinha sido seu ponto forte. Muito pelo contrário, se ele não tivesse pronunciado certas palavras no Restaurante Vanguard, sua situação estaria bem melhor e assim, ele não teria de lutar contra si mesmo para saber qual seria a coisa certa a fazer.

Após esfriar sua cabeça, Brandon foi até a cozinha vestindo sua melhor camisa xadrez. Ele abriu o armário que ficava acima de seu fogão e pegou a única garrafa de vinho que tinha. Até onde ele sabia, a família Mackenzie era uma grande apreciadora de vinhos e aquilo só aumentava sua qualificação no conceito de Megan.

Mas antes de sair de casa, Brandon se olhou no espelho e pensou fielmente em aproveitar sua vida de forma mais dinâmica, excluindo a possibilidade de ficar preso na metódica da culpa por ter perdido sua amada Rachel Sawyer.

Já dentro do carro, Brandon dirigia ao som do CD demo de sua banda Atlanta e por um breve momento, mentalizou as tantas outras coisas que deveria fazer na sua vida – talvez tentar novamente fazer algumas músicas com seus amigos Allan e David, terminar a faculdade, viajar para fora do país – milhões de pensamentos entusiasmavam sua vontade borbulhante. E antes que ele pudesse planejar seu futuro, Brandon se pegou parado na frente da casa de Megan com sua garrafa de vinho em mãos.

Despreocupado, ele tocou a campainha estridente.

Ao atender a porta, Megan não disse uma única palavra. Seus olhos verdes e maduros já conseguiam mostrar sua felicidade intensa ao ver Brandon disposto a abraçar sua vida e esquecer o acontecimento passado.

- Fico feliz que tenha vindo. – ela disse olhando no fundo de seus olhos, que também brilhavam intensamente.

- Eu sei que você só está sendo carinhosa porque eu te trouxe essa garrafa de vinho. – Brandon disse, mantendo o seu bom humor dentro de cena.

- Droga – Megan exclamou. – você descobriu o meu segredo.

Mas não, Brandon ainda não havia descoberto.

Os dois riram e entraram para dentro da casa, deixando todos os ressentimentos para o lado de fora. Naquela noite, em especial, nenhum deles pretendia falar sobre suas fraquezas. Brandon e Megan queriam apenas aproveitar o calor que um tinha a oferecer ao outro sem que nada pudesse atrapalhar.

- Vamos para o meu quarto. – propôs Megan, apontando a direção que ele deveria seguir.

Enquanto Brandon andava até seu quarto, Megan correu até sua cozinha bagunçada e pegou duas taças de vidro para que eles pudessem apreciar o vinho.

Já sentado na cama, Brandon esperou-a observando meticulosamente aquele quarto – a televisão que ficava anexada à parede estava ligada, passando um filme velho de romance; os bombons de chocolate que ele havia dado já estavam acabados, deixando apenas a embalagem jogada na escrivaninha; roupas estavam jogadas por todo o quarto – nada daquilo era um bom sinal. É lógico que tudo aquilo

poderia não significar nada. Mas no fundo, Brandon sabia que Megan estava passando por uma situação delicada. O que ele não sabia, era por que a Megan atual estava tão mudada daquela Megan que ele conhecera em Fordville. Lógico que o seu humor contagiante ainda era evidente e seu jeito maduro ainda era impressionante, mas alguma coisa permanecia desajustada.

- Nossa – Megan disse ao chegar em seu quarto, segurando as duas taças. – me desculpe pela bagunça... deixe-me arrumar isso.

Apressadamente, ela começou a retirar algumas roupas que estavam em cima de sua cama. Porém, todo o seu trabalho de organização foi interrompido quando Brandon começou a beijar seu pescoço e acariciar seus braços.

Como já era de se esperar, Megan retribuiu ao galanteio de Brandon e o beijou.

- O que você acha de abrímos a garrafa agora? – ela perguntou.

Brandon concordou, já enchendo as duas taças. Os dois brindaram e deram seus primeiros goles com seus olhares entrelaçados.

Juntos naquele quarto, ninguém poderia negar a paixão crescente no coração da mulher e do garoto. Quebrando os paradigmas da sociedade, Brandon e Megan não estavam dando a mínima importância para o que poderia acontecer depois.

Quando terminaram de beber a garrafa de vinho, os dois adormeceram na noite, incendiando amor, deixando os instintos mais apaixonantes explodirem em seus corações agatanhados.

Ao acordar naquela manhã gélida, Megan não viu Brandon deitado ao seu lado. Um sentimento estranho provocou calafrios por todo o seu corpo, como se a ausência dele não significasse algo bom. Porém, Megan preferiu pensar que Brandon tinha ido tomar um café, ou que ele havia saído para dar as caras na loja de seu pai Edward.

Vagarosamente, ela colocou os pés no chão, se levantou e vestiu uma blusa longa e felpuda para se esquentar. Abrindo a janela de seu quarto, ela percebeu que o carro de Brandon ainda estava estacionado no mesmo lugar que ele parara na noite anterior. Ele ainda estava na casa dela e isso a confortou levemente.

Depois de pentear seus cabelos e lavar o rosto, ela seguiu em direção até a sala. Brandon estava sentado no sofá segurando firmemente um retrato de moldura marrom. Ele não parecia estar bem, muito pelo contrário, parecia estar atormentado e com todo o peso do mundo jogado novamente em suas costas.

- Brandon - Megan disse, mantendo sua preocupação. - está tudo bem?

Ele não abriu a boca. O silêncio tomou conta de toda a sala e os olhos de Brandon ainda não haviam sido retirados daquele retrato. Uma tormenta começou a chacoalhar dentro de Megan, que agora pensava: “Será que ele descobriu?”.

Cautelosamente, ela andou até Brandon e segurou suas mãos, tentando fazer com que ele desviasse seu olhar e visse a sinceridade em seu olhar. Mas ele não conseguia.

Brandon estava petrificado por fora e por dentro, um furacão destruía toda a sua auto-estima que outrora lutava para se recuperar.

Megan começou a beijá-lo na testa, mas não houve retribuição. E sem que Megan esperasse, Brandon enfim, falou:

- Você a matou.

O coração de Megan gelou e seus pelos arrepiaram. Ela finalmente tinha escutado as palavras que ela lutava para ir em embora de sua memória todos os dias.

Brandon, ainda olhando para o retrato, sabia que não poderia levantar seu olhar e encarar Megan. Se fizesse, coisas que antes eram inimagináveis, poderiam acontecer naquela pequena moradia.

- A culpa não foi minha – Megan tentou explicar, enquanto derramava suas lágrimas. – foi... foi um acidente.

Agora tremulando, Brandon havia deixado o retrato de Megan cair no chão. Nele, uma foto de Megan com seu pai Jesse – ambos encostados numa caminhonete vermelha, com a placa “RCX 554”.

Lutando para não acreditar, Brandon agora sabia da verdade: fora Megan que havia batido no carro que Rachel dirigia em Fordville. Por causa disso, nenhuma das duas aparecera no concerto da banda Atlanta. E também por causa disso, Brandon tinha perdido o amor de sua vida.

- Era Rachel... – Brandon falou olhando para o nada. – era Rachel que estava no carro naquela noite em Fordville.

Megan tentou falar, mas suas palavras não saiam. E pela primeira vez, olhando diretamente nos olhos dela, Brandon gritou:

- Você matou a minha namorada!

Suas lágrimas cederam à pressão do momento e cobrindo seu rosto com suas mãos calejadas, Brandon chorou sem nenhuma vergonha.

Ao mesmo tempo, Megan estava sentada ao chão, totalmente desiludida, descobrindo os reais sentimentos que Brandon carregava em seu peito.

Megan realmente não fazia idéia de quem era a garota que dirigia o Jipe naquela noite em Fordville. Afinal de contas, ela não fora culpada pelo acidente – já que Rachel havia cruzado o sinal vermelho. Mas todos os dias, uma culpa não tão diferente da que Brandon sentia, corria em seu coração ao saber que tinha provocado a morte de uma pessoa. Não foram dados nomes a ela, especificações do carro que colidira com sua caminhonete, entre outros fatores. Mas Megan sabia desde o início que uma pessoa tinha morrido. E agora, ela descobrira que essa pessoa era Rachel Sawyer – a pessoa que se casaria com o garoto com quem ela estava saindo.

CAPÍTULO 20

Um mês havia se passado desde que Brandon descobrira que Megan tinha colidido o carro e causado a morte de Rachel Sawyer. Para ele, aquela informação ainda não tinha sido digerida e muito provavelmente, nunca seria. A culpa que ele estava afastando de si gradativamente, tinha voltado com força total para rasgar suas cicatrizes recentes. Seus pensamentos voltaram a girar em torno da possibilidade de Rachel ter morrido porque ele a deixou ir sozinha até *Fordville Convention*. Sem mencionar, que ele tinha se relacionado com a mulher que interferiu diretamente no destino de sua vida. E isso só fazia com que Brandon mergulhasse ainda mais no caos de suas perturbações.

Todos seus amigos e familiares ainda não sabiam o que tinha ocasionado aquela transformação de humor repentina nele. Ele não se comunicava com seus pais, com Allan, David e principalmente, com Megan. O telefone e a campainha de sua casa tocavam todos os dias por alguém que quisesse uma explicação, mas Brandon não dava. Dessa vez, ele realmente tinha se isolado por completo do mundo em que vivia.

As palavras “fé” e “esperança” não existiam mais em seu dicionário. Sua perspectiva de vida estava reduzida a cinzas. Seus objetivos, ideais e sonhos haviam sido reciclados, tornando-se uma depressão sem fim. Porém, Brandon ainda tinha algo a fazer.

Naquele dia nublado, Brandon acordou indisposto e sem vontade. Tomou apenas um suco de laranja que estava guardado em sua geladeira e saiu com seu carro em

direção ao Cemitério Van der Sant, vestindo uma calça jeans velha e uma camisa preta desbotada.

O túmulo de Rachel estava coberto com flores e cartazes que eram semanalmente entregues por James, Denise ou Lilian. E dessa vez, seria acrescentado algo que Brandon havia preparado – uma imensa carta relatando todos os momentos e as emoções mais reais guardadas em seu coração.

Diferente do habitual, dessa vez Brandon não deixou suas lágrimas escorrerem. Seu rosto estava pálido e seu olhar distante – como se tivesse perdido sua alma e dilacerado seu coração.

- Tenho certeza de que ela está em um lugar melhor – um senhor tentou confortar Brandon, aparecendo inusitadamente.

Brandon olhou para trás irritado. Ele queria apenas um momento a sós com Rachel, mas essa oportunidade havia sido interrompida pelo idoso de cabelos brancos. Aquele homem devia ter pouco mais de sessenta anos, usava um óculos com aros grossos, vestia uma roupa social bege e estava completamente sozinho naquele cemitério – e mesmo percebendo esses detalhes rapidamente, Brandon não foi capaz de prestar sua benevolência para com ele. Mas sem se deixar intimidar, o envelhecido homem continuou a conversar.

- Meu nome é Jim – ele se apresentou a Brandon, que ainda não estava dando atenção. – quando minha mulher faleceu, eu perdi meu rumo. Consigo ver que você também perdeu o seu.

Por fim, Brandon se virou e encarou Jim com seus olhos sem vida.

- Quem é você para vir aqui e falar isso? Você não me conhece... eu não me conheço. – ele disse com raiva em suas palavras.

E antes que Jim pudesse começar a aconselhá-lo, Brandon se levantou e correu euforicamente para fora do cemitério. Todo aquele ambiente era pesado demais para ele. Suportar o clima de perda já não fazia mais parte de seu universo.

Entrando no seu carro, Brandon dirigiu até Fordville apressadamente. Porém, ele foi obrigado a parar na estrada por alguns policiais que fiscalizavam motoristas suspeitos de ter ingerido bebida alcoólica. Brandon não havia bebido nada, além de um suco de laranja com a validade vencida, então foi liberado imediatamente. Porém, antes que ele pudesse voltar ao seu carro e seguir seu caminho, ele parou no meio da estrada sem movimento e observou todos os detalhes – todas as árvores com troncos robustos, os pássaros que viajavam pelos ventos e a pista que carregava a alma ensangüentada de Rachel Sawyer.

- Algum problema garoto? – gritou o policial careca, ao avistar Brandon desnorteado no meio da estrada.

Não houve resposta.

- Nós sabemos que você não está bêbado – disse outro policial. – mas você está agindo feito um cara muito doido, meu camarada. Saia já daí. – gritou ele, empurrando Brandon em direção ao seu carro, que permanecia parado no acostamento.

Ainda com sua mente fora daquele contexto, Brandon entrou em seu carro e continuou seu caminho até

chegar na cidade de Fordville. Ele passou pela placa de boas vindas da cidade mostrando seu dedo do meio para o desenho do crocodilo de óculos de sol fazendo piquenique.

Brandon dirigiu até o restaurante onde ele e Rachel tiveram sua primeira refeição em Fordville e fez questão de pedir a mesma de sua última vez – um delicioso filé de frango à parmegiana acompanhado de uma limonada com duas pedras de gelo e bastante açúcar. Ele olhou para a cadeira a sua frente – que agora estava vazia – e lembrou da garota com o sorriso mais bonito que ele já havia visto, misturando seus melhores e piores sentimentos.

Após pagar a conta, Brandon dirigiu até o lago mais famoso da cidade. Ele andou vagarosamente, observando com cuidado para achar algum crocodilo. Infelizmente, não obteve sucesso. Enfim, Brandon se deitou na grama, abaixo de uma árvore que havia sido colonizada por uma família de esquilos. Era uma imagem confortante para quem olhasse de longe, mas chegando mais perto, era possível observar o terror nos sinceros olhos de Brandon Browser.

Pouco mais de vinte minutos se passaram, quando uma nuvem negra jorrou suas águas para fora. A chuva espantou todas as famílias e animais que ali estavam, mas Brandon permaneceu despreocupado, recebendo a purificação que caía do céu. Seja lá qual fosse o sinal que Deus queria mandar para aquele triste garoto, Brandon pareceu não se interessar. E depois de enjoar da chuva caindo em seu rosto, ele se levantou e foi em direção a *Fordville Convention*.

O lugar estava exatamente igual da última vez que a banda Atlanta compareceu, mas na visão de Brandon,

tudo parecia mais sombrio e aterrorizante. Logicamente, era aceitável essa concepção de Brandon, já que o pior momento de sua vida acontecera no camarim daquele estabelecimento.

A lua aparecia vagarosamente por trás das enormes montanhas de Fordville quando Brandon resolveu entrar lá. Um segurança negro fumava seu cigarro rotineiro quando Brandon resolveu pedir-lhe a permissão para entrar naquela casa de shows, que raramente abria suas portas num horário tão cedo quanto aquele.

- Boa tarde... ou boa noite - Brandon disse, tentando ser o mais educado possível. - será que eu poderia entrar aí por um minuto? - perguntou ele, apontando para a porta principal.

O segurança conseguiu escutar tudo o que Brandon havia falado, mas ele pareceu não se importar com a curiosidade daquele garoto.

Ignorado, Brandon continuou firme, tentando fazer com que o segurança mal humorado aceitasse sua entrada. Mas todas suas palavras pareciam não interferir em nada. Até que uma luz brilhou em sua mente.

- Você pode ficar com isso - Brandon ofereceu seu relógio ao segurança. - só basta me deixar entrar por alguns minutos.

Sem pensar duas vezes, o segurança pegou as chaves que estavam guardadas em seu bolso e trocou pelo relógio, permitindo a entrada de Brandon. Tudo lá dentro estava apagado e ele não conseguiu enxergar os detalhes que observou no dia do show. Porém, o peso do ambiente em seus ombros enfraquecidos ainda estava presente - o pedido de casamento na frente de tantas pessoas, a música

inédita que ele tinha feito para Rachel, a informação mais infernal que ele havia recebido. Sem suportar, ele saiu eufórico.

- Não vou precisar mais disso. – Brandon disse enquanto passava pelo segurança, dando as chaves que estavam consigo.

O segurança murmurou algumas palavras insatisfeitas, mas não recebeu a atenção de Brandon, que corria até seu carro. Tremulando, ele saiu daquela rua cantando pneu e fugindo dos fantasmas que estavam guardados em seu passado sombrio. Contudo, a breve viagem até Fordville ainda não havia acabado. Brandon precisava ir até mais um local – o Hotel Del Mare.

Chegando lá, Brandon passou pela mesma estátua do anjo que ficava na entrada sem mostrar veemência. Muitas coisas corriam pela sua cabeça naquele momento e seu tempo era precioso demais para gastar apreciando uma escultura bonita.

- Posso lhe ajudar? – perguntou a mesma recepcionista da última vez, ao ver Brandon estagnado em sua frente.

- Eu quero ficar no quarto 534. – ele disse confiantemente, segurando a única mochila que carregava.

A recepcionista verificou em seu computador se o quarto que Brandon pedira estava disponível - por sorte, estava. Ela entregou-lhe as chaves e indicou como fazia para chegar ao quarto, não se lembrando que já havia atendido e prestado as mesmas informações a Brandon alguns meses atrás.

Ele subiu pelo mesmo elevador e entrou no mesmo quarto. Quando acendeu as luzes, ele pode observar tudo o

que tinha visto da última vez – o frigobar, a televisão de plasma, os móveis, o banheiro, a cama em que ele e Rachel fizeram amor pela última vez – uma nostalgia forte e avassaladora.

Naquele momento, Brandon teve certeza do que tinha de fazer. Talvez aquela não fosse a melhor opção, mas com certeza era a melhor saída para acabar com sua culpa e depressão. Então, Brandon abriu sua mochila e pegou um revólver calibre 38 que levava como sua única bagagem. Ele o apontou para sua cabeça e sem pensar duas vezes, apertou o gatilho.

PÓS-FÁCIO

Ansiedade, medo, felicidade, insegurança – estes e muitos outros eram os sentimentos que faziam parte da vida de Brandon Browser. Entretanto, uma vez que a falta de amor tomou conta de seu coração, ele sabia que suas emoções mais diversas não teriam mais importância. Tão óbvio, depois da perda da essência de seu viver.

Mas como alguém pode dizer como se deve agir após uma tragédia? A vida não é uma equação matemática em que pegamos todos os elementos e formamos um resultado que sirva de resposta para todas as pessoas que necessitam (e muitas vezes não querem) ouvir o que os outros têm a dizer.

Brandon escolheu o seu caminho. E mesmo que tenha sido um ato covarde e um tanto quanto irracional, sua consciência estava confortada para sempre – longe da culpa amarga que corroía seu coração dolorosamente – assim como ele queria que estivesse. Porém, aquele gesto de inconformidade não amenizaria a dor das pessoas que se importavam com ele – seus amigos, sua família, todos os que um dia cruzaram seus caminhos com aquela pessoa cativante que era. Mas isso não importava mais para Brandon, nada mais importava.

Muitos ainda se perguntavam no que ele estava pensando quando fez aquilo. Mas ninguém, além dele mesmo, poderia responder essa pergunta. Talvez sua vontade de ficar mais próximo de Rachel Sawyer, talvez fugir da rotina torturante de lembranças que ele presenciava todos os dias em Sant Grove, ou simplesmente por achar que sua existência não tinha mais sentido algum.

Independente dos motivos, aquele coração eufórico que circulava sangue quente finalmente estava em paz. E

Brandon, finalmente havia encontrado a liberdade que tanto almejava – pena que para isso, tivera de silenciar seu coração, que trovejara sons bonitos demais para serem deixados apenas na memória.